

EUGENIO BRAUNER

**ENTRE AS QUATRO LINHAS:
DA CRÔNICA SOBRE O FUTEBOL AO COLUNISMO
ESPORTIVO OU DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL E
DO CRONISTA**

**PORTO ALEGRE
AGOSTO/2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – LITERATURA BRASILEIRA**

**ENTRE AS QUATRO LINHAS:
DA CRÔNICA SOBRE O FUTEBOL AO COLUNISMO
ESPORTIVO OU DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL E
DO CRONISTA**

Dissertação apresentada ao Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Doutor Antonio Sanseverino

**PORTO ALEGRE
2010**

*Ao meu pai, que me ensinou a amar o futebol.
Ao meu irmão, companheiro de arquibancada.*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Ilda, por me mostrar dia após dia o real significado da palavra garra, além do colo, do zelo e de todo amor.

Ao meu pai, Julio, pelas palavras de incentivo nos momentos em que o jogo parece perdido e por me ensinar o valor do trabalho.

Aos meus irmãos, Rafael e Juliana, pela amizade, pelo orgulho e por dividirem as emoções do futebol comigo.

À Juliana, minha namorada, esposa, companheira e amiga, pelo vida, sonhos e sorrisos compartilhados.

À Isabel, minha sogra, pelas aventuras, pelos momentos de descontração e, principalmente, pelo afeto.

Às minhas duas famílias, que entenderam a minha ausência em churrascos e confraternizações.

Ao Professor Antonio Sanseverino, meu orientador, que acreditou no meu trabalho e aconselhou-me por nesse jogo. Claro, sem esquecer das nossas discussões e “flautas” acerca da dupla grenal. Um exemplo de profissionalismo e caráter a serem seguidos.

Ao Professor Homero Vizeu Araújo, o primeiro a acreditar no meu potencial, quando lá em 2003 me ofereceu uma bolsa de monitoria.

Aos Professores Luís Augusto Fischer e Cesar Augusto Guazelli, por aceitarem participar desta banca.

À Professora Elisabeth Peiruque, pelos ensinamentos de literatura e de vida.

Ao Marco Kloss e à Priscila, pelo carinho e pelas tantas palavras que fazem o dia a dia ficar mais alegre.

À Izolina e à Débora, pela dedicação na busca apressada pelos meus livros.

Ao Sport Club Internacional, por todas as emoções, boas e ruins, que desperta no meu coração.

A todos aqueles que jogam bola por aí.

Aos que não mencionei, por existirem.

RESUMO

O presente trabalho discute o surgimento, o desenvolvimento e o fim da crônica esportiva. De início, a relação entre a crônica e o futebol era às turras, já que o referido esporte era considerado uma coisa estrangeira, praticada pela alta sociedade. Com a entrada dos homens de letras no mundo da crônica esportiva, casos de José Lins do Rego e Nelson Rodrigues, a crônica passou a ter um papel fundamental na criação de um certo imaginário futebolístico, como a mística do Flamengo, a realeza de Pelé, a camisa canarinho e o complexo de vira-latas, por exemplo. Por fim, no momento em que a literatura abandona a crônica esportiva, fica a opinião e o vocabulário do especialista, do cronista esportivo que discute esquemas táticos e escalações. O literato é substituído pelo especialista em futebol, um analista, um ser racional para contrapor a paixão do torcedor. A crônica deixa a literatura para se tornar um simples jornalismo.

Palavras-chave: crônicas, futebol, Nelson Rodrigues

ABSTRACT

This work discusses the emergence, development and termination of sports chronicle. Initially, the relationship between chronicles and football was at odds, since this sport was considered a foreign thing, practiced by the high society. With the entry of lettered men in the world of sports chronicles, being the case of José Lins do Rego and Nelson Rodrigues, the chronicle was to play a key role in creating a certain football fancy, like Flamengo's mystique, Pele's royalty, the canarinho shirt and the stray dog complex, for example. Finally, the moment that the literature leaves the sports chronicle, the opinion and the vocabulary left are from a specialist, a sportswriter who discusses tactical formations and lineups. The literate writer is replaced by football expert, an analyst, a rational being to counteract the supporter's passionateness. The chronicle abandons the literature to become just a column.

Keywords: chronicles, soccer, Nelson Rodrigues

*O conhecimento da alma humana
passa por um campo de futebol.
Albert Camus*

*O futebol é o ideal de uma sociedade perfeita:
poucas regras, claras, simples, que garantem a
liberdade e a igualdade dentro do campo, com a
garantia do espaço para a competência individual.
Mario Vargas Llosa*

*E no oitavo dia Deus fez o Milagre Brasileiro:
um país todo de jogadores e técnicos de futebol.
Millôr Fernandes*

SUMÁRIO

AQUECIMENTO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
1. PRELEÇÃO E ANÁLISE TÁTICA:	
DO FOLHETIM À CRÔNICA – SURGE UM GÊNERO BRASILEIRO	17
1.1 A crônica do tempo	17
1.2 Jornal, tempo e memória	22
1.3 Um Machado na crônica	36
1.4 Mudando a página: a virada para o século XX	41
2. A BOLA NA MARCA DA CAL: O ABRASILEIRAMENTO DO FUTEBOL	43
2.1 O futebol: ópio do povo?	43
2.2 Mente sã em corpo são: algumas considerações acerca da prática esportiva	48
2.3 O primeiro livro sobre futebol	51
2.4 Uma questão de identidade	52
2.5 É gol: a junção futebol e crônica	53
3. BOLA PRO MATO QUE O JOGO É DE CAMPEONATO:	
TENSÕES ENTRE O CRONISTA E O FUTEBOL	57
3.1 A crônica esportiva	57
3.2 O pontapé inicial: as primeiras notas da imprensa sobre o futebol	65
3.3 O golo contra de Lima Barreto	67
3.4 Monteiro Lobato, questão de virar a casaca	71
3.5 O futebol na pauliceia desvairada	75
3.6 A década de 1920, a consolidação e a “voz contrária” de Graciliano Ramos	78
4. GARRINCHA E PELÉ OU O FUTEBOL NAS	
CRÔNICAS DE JOSÉ LINS DO REGO E NELSON RODRIGUES	81
4.1 O Brasil de Getúlio Vargas a Juscelino Kubitschek	81
4.2 José Lins do Rego, um ponta-direita driblador	84
4.3 <i>A Manchete Esportiva</i>	89
4.4 Nelson Rodrigues: o Pelé da crônica	92
PRORROGAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS –	
DA CRÔNICA SOBRE O FUTEBOL AO COLUNISMO ESPORTIVO	
OU DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL E DO CRONISTA	108
REFERÊNCIAS	119

AQUECIMENTO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O futebol, sem exagero, é uma paixão brasileira. A ponto de ser um elemento identificador da nação, uma marca da nossa identidade, reconhecida, inclusive, no exterior, como algo de prestígio, já que o Brasil é considerado o país do futebol, um antagonismo, quem sabe, pois o berço do referido esporte está no outro lado do Atlântico, na Inglaterra.

O sucesso do futebol brasileiro e a admiração que ele desperta são tantas que Édson Arantes do Nascimento, o Pelé, por exemplo, foi considerado o maior atleta do século XX.¹ O Rei, inclusive, parou uma guerra no continente africano,² ser reconhecido no mundo inteiro, além de uma simples réplica da sua camiseta, utilizada no Mundial de 1970, no México, poder ser encontrada na charmosa loja de departamentos Harrods, em Londres.³

Mas a camiseta canarinho não fica restrita a países como Inglaterra, Espanha ou Japão. Ela pode ser encontrada nas ruas e nos campinhos de várzea do Haiti, da China ou do Timor Leste, assim como os nomes de Kaká e Ronaldinho, por exemplo, podem ser ouvidos nas mais diversas línguas ao redor do globo.

Originalmente inglês e praticado pela elite social, o futebol não demorou muito a se popularizar devido à facilidade com que se pode praticá-lo. Mesmo que nas regras estejam a dimensão do gramado, a distância das balizas, o número de jogadores, o tamanho/peso da bola – o que torna o esporte um tanto dispendioso –, nada impede de que elas sejam alteradas. Pode-se jogar na calçada, em duplas, trios ou até mesmo um-contra-um, pode-se chutar uma bola de meia, uma lata ou uma laranja. O remo e o turfe, por exemplo, os “concorrentes” do futebol em território brasileiro no final do século XIX, exigiam mais estrutura para serem praticados, o que fez com que ambos perdessem espaço para o ludopédio.

Dessa forma, o futebol não fica restrito às elites. Pelo contrário! Ele difunde-se pela sociedade devido a essa “democrática” facilidade com que pode ser praticado,

¹ Do jornal francês *L'Équipe* e do Comitê Olímpico internacional (COI), em 1981 e 1999, respectivamente, Pelé recebeu o título de Atleta de Século. A Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) lhe concedeu, em 2000, o título de maior jogador de futebol do século XX.

² Em 1969, em uma excursão do Santos FC à África, a guerra civil no Congo Belga foi interrompida, por iniciativa das forças rivais, para que a delegação santista pudesse transitar com segurança pela região.

³ A réplica da camiseta utilizada por Pelé, na Copa do Mundo de 1970, com o autógrafa do craque, é vendida por £399 – algo em torno de R\$1.080. Disponível em:

<<http://www.harrods.com/HarrodsStore/find/c/sports,team-sports/p/00000000001377211>> Acesso em 5 de abril de 2010.

basta estar com vontade para tanto, sem ser, necessariamente, um profissional do esporte. O futebol, no Brasil, tem, também, caráter de diversão, de ser um objeto lúdico, em especial para os meninos, mais uma forma de brincadeira. Além disso, não podemos esquecer dos brinquedos e das brincadeiras a partir do futebol: o jogo de botão, o futebol de tampinha, o pebolim e, mais recentemente, os jogos de videogame.

Foi a partir de 1938, justamente em uma Copa do Mundo, que o brasileiro começou a acreditar que o melhor futebol do mundo era o praticado na *terra brasilis*.⁴ Claro, que o jornal teve papel fundamental na construção dessa crença! Mas a sua ampla prática, aliada ao “gingado” e à malemolência do brasileiro, bem como a paixão que este sempre teve pelo esporte também são elementos motivadores da máxima “Brasil, o país do futebol”.

Já que toquei, mesmo que de forma breve, no assunto Copa do Mundo, deve ser destacado que é a cada quatro anos que a nação se colore de verde e amarelo em torno de um objetivo. Nos 30 a 40 dias de Copa do Mundo, vemos homens, mulheres, crianças e velhos em uma festa democrática e patriótica. A nação despe-se de pudores para calçar chuteiras, como brilhantemente escreveu Nelson Rodrigues, e carregar, orgulhosa, o pendão verde-amarelo. Escolas suspendem aulas, empresas fecham as portas para, durante os 90 minutos em que a bola é o centro das atenções, torcerem pelos 11 jogadores de amarelo e azul, esquecendo dos problemas que cercam o cotidiano. Pode-se dizer que é durante a Copa do Mundo que o brasileiro demonstra todo o seu nacionalismo. Carlos Drummond de Andrade, inclusive, escreveu alguns versos sobre essa “suposta alienação” do brasileiro durante a Copa do Mundo:

Foi-se a Copa?
Não faz mal.
Adeus chutes e sistemas.
A gente pode, afinal,
Cuidar de nossos problemas.⁵

E o resultado obtido pela nossa seleção no torneio é uma forma de avaliação da sociedade e das suas instituições, é o que escreve Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes.

⁴ O Brasil alcançou o terceiro lugar na Copa do Mundo realizada na França, a melhor colocação do escrete canarinho até então. A seleção brasileira tinha como destaques o zagueiro Domingos da Guia e o atacante Leônidas da Silva, o Diamante Negro.

⁵ Poema escrito por Drummond logo após o término da participação brasileira na Copa do Mundo de 1978, realizada na Argentina, em que o Brasil ficou em 3º lugar. Disponível em: <http://blogdotorero.blog.uol.com.br/arch2006-10-01_2006-10-31.html> Acesso em 26 de abril de 2010.

No Brasil, costuma-se avaliar a sociedade e suas instituições pelo desempenho da seleção de futebol, sobretudo em épocas de Copa do Mundo, quando o que se tem, de fato, são nações reunidas num confronto no âmbito do esporte. Se a seleção vai bem, há mais otimismo e tende-se a valorizar o potencial do *povo brasileiro*, sintetizado na imagem do herói pleno de atributos que se convencionou reconhecer como tipicamente nacionais. Se, ao contrário, sobrevém uma derrota, os valores anteriormente exaltados são então interpretados como contendo os germes do insucesso (ANTUNES, 2004, p.277 – grifo do autor).

Pois como se explica, no Brasil, o sucesso de um esporte importado, que, de início, era praticado apenas pelas classes sociais mais abastadas e prezava o cavalheirismo e o *fairplay*? Podemos chamar para conversa Gilberto Freyre, que tenta responder essa questão na introdução do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho.

O autor de *Casa Grande & Senzala* atribui o sucesso do brasileiro com a bola nos pés ao fato de o Brasil ser um país mestiço, onde negros, brancos e índios vivem em harmonia, uma espécie de teoria da democracia racial, associando, assim, futebol e nacionalismo.

Freyre, inclusive, publicou em 1938, no *Diário de Pernambuco*, um artigo intitulado *Foot-Ball Mulato*, em que festeja a campanha do Brasil na Copa do Mundo da França, celebrando e, principalmente, dando méritos aos jogadores negros que compunham tal seleção.⁶ Para ele, o Brasil tinha um estilo de futebol “dançante” – dionisíaco – em contraponto ao estilo europeu – apolíneo. Escreve o autor de *Casa Grande & Senzala*:

O jogo brasileiro de futebol é como se fosse uma dança. Isto pela influência, certamente, dos brasileiros de sangue africano, ou que são marcadamente africanos em sua cultura: eles são os que tendem a reduzir tudo à dança – trabalho ou jogo (FREYRE, 1980, p.58).

Outro intelectual que também tentou explicar o sucesso do futebol nos trópicos brasileiros foi Roberto DaMatta. Tomando emprestado os conceitos de “drama social” e de “situação social” de Victor Turner e de Max Gluckman, respectivamente, DaMatta escreve que o futebol propõe a horizontalização das hierarquias sociais, já que o esporte exige condições iguais de disputa.

⁶ Texto publicado no *Diário de Pernambuco*, Recife, em 17 de junho de 1938.

Dessa forma, a importância do futebol para o brasileiro estaria ligada, especialmente, com as noções de democracia, já que, como todo o esporte, o futebol tem regras que devem ser obedecidas – podemos fazer aqui uma analogia com a sociedade, que possui leis que devem ser seguidas pelos cidadãos. Segundo Roberto DaMatta, “Foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se no primeiro professor de democracia e de igualdade” (1994, p.12).

Roberto DaMatta vai além, e escreve que o brasileiro não aprendeu sobre a democracia com o seu parlamento, mas sim com o esporte bretão, cujo “vitorioso não tem o direito de ser o ditador, e o perdedor (...) não deve ser humilhado” (op. cit., p.12). Talvez isso possa ser um exagero, mas em um país onde os legisladores, muitas vezes, legislam pela causa própria, não deixa de ser verdadeiro.⁷

O intelectual fluminense giza, ainda, o fato de o futebol servir como um meio integrador de uma sociedade fragmentada, capaz de fazer uma coletividade, agindo de modo mais ou menos coordenado, alcançar vitórias eventuais, o que faz com que o povo brasileiro, “pobre e destituído” (op. cit., p.17), sinta o doce gosto do sucesso e do êxito.

Essa vitória que o mundo moderno traduz com a palavra mágica “sucesso” e que o sistema hierarquizado e concentrador de riqueza do Brasil faz com que poucos possam experimentar. Mas através do “jogo de futebol”, as massas brasileiras podem experimentar vencer *com* os seus times favoritos (op. cit., p.17 – grifo do autor).

Essa vitória conquistada pelo “time preferido”, além de fazer o indivíduo regozijar-se na glória e sentir-se parte de uma coletividade, com identidades próprias, tem o sentimento de que o seu desempenho como torcida – e todo o sofrimento e drama que envolvem uma *match* de *football association* – fez diferença, produzindo “resultados palpáveis e vitórias completas” (op. cit., p.17).

Contudo, segundo Roberto DaMatta, a grande importância do futebol para o brasileiro está no fato de esse esporte ser um simulacro, na medida do possível, da justiça social, já que as regras estão postas igualmente para os times da primeira divisão,

⁷ Acredito que essa posição de DaMatta é uma visão parcial do problema, pois se o brasileiro aprendeu a democracia, aprendeu, também, a focar apenas esse universo. Penso que Roberto DaMatta esteja se referindo apenas à democracia existente dentro das quatro linhas do campo, cujas regras são iguais para todos, independente da sua classe social, raça, credo, estrutura física, etc. e que tem como fim o apito derradeiro do árbitro. Talvez o futebol seja uma matéria propícia à aproximação do leitor com uma esfera de interesse coletivo. A esfera pública aparece como simulacro para o público do futebol (partido, paixão, interesse pelo resultado, formas de alcançá-lo).

da segunda divisão e da várzea, não importando se são times mais ou menos abastados ou formados apenas por jogadores negros ou brancos.

Produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer. Que a aliança entre talento e desempenho pode conduzir à vitória incontestada (op. cit., p.17).

O futebol, no Brasil, é capaz de mobilizar o povo em torno de um objetivo comum, já que foi ele quem conseguiu unir os símbolos nacionais – a bandeira, o hino, etc. –, o que, segundo DaMatta, era propriedade dos militares e de uma pequena parcela da elite social, além, é claro, de difundir o mito da malandragem brasileira – aquela “quase-malandragem” que surgiu na nossa literatura com Leonardo, personagem principal de *Memórias de um Sargento de Milícias* –, do jogo de cintura dos nossos jogadores, a arte do improvisado, aquilo que diferencia o futebol brasileiro do mecânico e pragmático futebol europeu.

Ao falar dessa ligação entre a malandragem e o futebol, além de relacionarmos a ginga do drible e da capoeira, o vínculo com Leonardinho traz à baila, também, a “dialética da ordem e da desordem” proposta por Antonio Candido (1970). Assim como Candido escreve que no polo da ordem – o “positivo” – estão os personagens do livro de Manuel Antonio do Almeida cujas relações estão delineadas por normas jurídicas e universalidade das regras, estas representadas pelo major Vidigal, o polo da desordem – o “negativo” – traz os personagens que vivem em conflito com os parâmetros estabelecidos. Tal dialética pode ser encontrada no futebol, cuja ordem é estabelecida pelas famosas 17 regras, sendo representada, por exemplo, pelo árbitro do jogo, enquanto a desordem está na cera, no fingimento, na provocação, bem como nas pequenas burlas das regras, etc.⁸

A chegada do futebol no Brasil, no final do século XIX, coincide com o período de amadurecimento do jornalismo feito por aqui, visto que os jornais perdiam o seu exclusivo caráter político ou ideológico, ganhando, digamos assim, em credibilidade. Além disso, o capitalismo estava cobrando o seu preço: pequenos jornais deixam de existir ou possuem vida efêmera, dando lugar a jornais produzidos por grandes empresas desse mercado.

⁸ Assisti, certa feita, a uma entrevista do poeta Ferreira Gullar, que afirmou estar um tanto desiludido com o futebol pelo fato de, no futebol, o jogador tentar ludibriar o juiz com simulações de falta, mãos na bola, etc., como se o vencedor fosse aquele que tivesse a maior capacidade de enganá-lo.

Mas voltemos à questão da credibilidade, algo tão propagado pela imprensa esportiva nos nossos dias, e que está, a meu juízo, intimamente ligado com o caráter da isenção. A equação é simples: quanto mais comprometido com a isenção, com a verdade dos fatos, mais credibilidade tem o jornal. E o leitor exige isso! Basta vermos (ou lermos) as seções de esportes de um jornal. Pelo menos no Rio Grande do Sul,⁹ o cronista não deve divulgar para qual time torce, já que corre o risco de fazer, sob a ótica de um leitor qualquer, uma análise comprometida com a sua paixão, sendo, assim, criticado pelos seus leitores.

Esse encontro entre o futebol e o jornalismo deu samba, é claro!

O futebol, depois de conquistar o coração dos brasileiros, “ajudou” o jornal nas bancas, incentivando a compra de inúmero exemplares, especialmente com as notícias que envolviam a seleção brasileira. Não podemos esquecer, é claro, de que quanto maior fosse a venda de determinada folha mais anunciantes eram atraídos para as suas páginas.

O jornalismo, por sua vez, serviu para divulgar o futebol no Brasil. Ora colocando-o nos píncaros da glória, como Olavo Bilac escrevia nas suas crônicas dedicadas ao recente esporte bretão, ora rebaixando-o, como sistematicamente fazia Lima Barreto, por exemplo. Mas bem ou mal, o futebol ocupava as páginas das folhas. Primeiro, como mais uma notícia perdida entre outras tantas, depois, com páginas, manchetes e, mais recentemente, cadernos. Cabe destacar aqui o fato de o futebol ter se tornado matéria de interesse dos leitores a partir do Campeonato Sul-Americano, em 1919, disputado no Brasil.¹⁰

No interior do jornal, a crônica foi a grande responsável pela difusão e sucesso do futebol. Após a aventura bem-sucedida de Machado de Assis, então já reconhecido como grande expoente da literatura tupiniquim, no ainda misterioso “reino da crônica”, grandes nomes da literatura brasileira seguiram o mesmo caminho. E o que podemos encontrar de comum em Lima Barreto, João do Rio, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, José Lins do Rego e Nelson Rodrigues?

⁹ Se o jornalista A ou B elogia o Grêmio ou o Inter, por exemplo, logo ele é rotulado de gremista ou colorado. O inverso também é verdadeiro, criticar o Inter é sinônimo de ser gremista, criticar o Grêmio é assinar o atestado de colorado.

¹⁰ O Campeonato Sul-Americano de 1919 foi disputado no Brasil. Além da seleção anfitriã, Chile, Uruguai e Argentina participaram do torneio. A seleção canarinho ganhou do Uruguai em um jogo desempate, na prorrogação, com gol do ainda então maior jogador brasileiro, Arthur Friedenreich, consagrando-se campeã. Foi o primeiro título da história da seleção brasileira. Como o estádio das Laranjeiras era pequeno (sua capacidade de público era, na época, de 20 mil espectadores), uma multidão de torcedores se aglomerava, na Avenida Rio Branco, defronte a redação do *Jornal do Brasil* a fim de esperar o resultado do *match*.

Pois bem, todos, em algum momento de suas vidas, foram cronistas, certo. No entanto, todos escreveram de alguma maneira, uns eventualmente, outros de forma mais sistemática, sobre o futebol – enquanto uns condenaram a selvageria do esporte, disseram que ele não se adaptaria aos trópicos, outros enalteceram a beleza dos *matches* e eternizaram craques. Todos esses cronistas provam, dessa forma, que o futebol, o mais democrático dos esportes, por atingir negros e brancos, ricos e pobres, também atinge a intelectualidade nacional, que prefere, muitas vezes, o frio dos cimentos de uma arquibancada ao conforto de um gabinete e a quentura de um chá.

É nesses escritores, todos inseridos no cânone literário brasileiro, além de gozarem do prestígio acadêmico, que está centrado este trabalho e o que o coloca na gaveta dos estudos literários, bem como serão trabalhadas aqui, em especial, as crônicas esportivas de caráter mais literário, em outras palavras, textos melhor trabalhados artisticamente e não apenas focado em escalações, desempenhos individuais ou análises de estratégias de jogo.

O presente trabalho discute o surgimento, o desenvolvimento e o fim da crônica esportiva. De início, a relação entre a crônica, já aclimatada e já um bate-papo brasileiro, e o futebol era às turras, já que o referido esporte era, ainda, considerado uma coisa estrangeira, praticada por homens mais abastados. Depois, com a seção esportiva, os homens de letras assumiram a crônica, assumiram a seção de futebol e inventaram um certo imaginário futebolístico, como, por exemplo, a mística do Flamengo, a realeza de Pelé, a camisa canarinho, o complexo de vira-latas, etc. Por fim, na separação, a parcialidade, a literatura e a paixão saem e fica a opinião do especialista, do cronista esportivo que discute esquemas táticos, escalações e que passa grande parte do seu tempo fazendo exercícios de futurologia. Temos, portanto, o especialista em futebol como um analista, um ser racional para contrapor a passionalidade do torcedor. A crônica deixa a literatura para se tornar um simples colunismo.

Curiosamente as duas formas modernas (do esporte disciplina do corpo e negócio rentável e da crônica filha do jornal), ganham feição brasileira quando quebram a disciplina do jogo (pela ginga, pelo drible, por enganar o adversário, pela malandragem) e o rigor da opinião racionalizada (pela oralidade, pela intimidade com o leitor, pela feição leve e literária.). Ao fim e ao cabo, os traços pré-modernos vão perdendo espaço nos dois pólos dessa união.

Assim, a tática do nosso jogo é bastante simples. Assim como a seleção brasileira campeão de 1958 era escalada com quatro avantes – Garrincha, Pelé, Vavá e

Zagallo –, este trabalho é dividido em quatro partes, uma forma de homenagear aqueles que trouxeram a primeira Copa do Mundo para o Brasil.

Na primeira parte serão discutidas questões ligadas à crônica, definição e histórico, por exemplo, bem como será abordado, em um segundo momento, a história e a constituição do jornal em solo brasileiro.

A segunda parte faz um apanhado acerca do futebol, sua chegada e primeiros chutes, sua assimilação e sua difusão no Brasil, bem como será feita uma junção entre ele e a crônica.

Na terceira, trago para campo uma discussão que envolve a crônica esportiva e os já citados Lima Barreto, João do Rio, Graciliano Ramos e Monteiro Lobato, escritores que, em algum momento da sua produção cronística, abordaram o tema futebol, ora para o bem, ora para o mal; porém, nunca indiferentes ao esporte que, aos poucos, tomava conta da nação.

Na última parte, a quarta, proponho uma discussão acerca de José Lins do Rego e, principalmente, Nelson Rodrigues, o responsável por estabelecer, em definitivo, a crônica esportiva nos jornais tupiniquins e o meu ponto de chegada.¹¹

O juiz trila o apito. E a bola está rolando.

¹¹ Em um primeiro momento, cogitei estabelecer o meu limite temporal nas crônicas produzidas por Carlos Drummond de Andrade, nos anos 1970. Contudo, com o desenrolar do jogo, ou melhor, da pesquisa, estabeleci, como limite temporal, a chegada do jornal no Brasil, no início do século XIX, e as crônicas produzidas por Nelson Rodrigues até o ano de 1959, quando ele deixa de publicar seus textos na revolucionária revista *Manchete Esportiva*.

1. PRELEÇÃO E ANÁLISE TÁTICA: DO FOLHETIM À CRÔNICA: SURGE UM GÊNERO BRASILEIRO

1.1. A crônica do tempo

Quando falamos crônica, etimologicamente já nos remetemos para a ideia de tempo.¹² A crônica é, digamos assim, um meio de ligação entre o tempo e a memória: são os fatos, os acontecimentos e as histórias do tempo, relacionadas ao dia a dia, ao cotidiano.

Davi Arrigucci alerta aquele leitor mais desatento para o fato de a crônica ter esse vínculo estreito com o tempo, ao contrário do folhetim, de onde ela se originou:

São vários os significados da palavra *crônica*. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que precede do grego *chronos*. Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo (ARRIGUCCI, 2001, p.51 – grifos do autor).

Plantando as suas raízes na história, na crônica histórica e na narração dos fatos, a crônica foi dar os seus frutos nos jornais e nas revistas, trocando os fatos heróicos de um passado já distante pelas coisas pequenas, corriqueiras e sem graça do cotidiano, que alimentam os noticiários da televisão e do rádio, mais recentemente, bem como as capas e contracapas dos jornais e das revistas e que, muitas vezes, estão presentes no diz que diz do povo. O cronista moderno migra dos grandes acontecimentos narrados pelos seus “ancestrais”, de tradição oral e histórica, para os fragmentos do dia a dia, de importância menor e que estão à margem dos grandes acontecimentos, conforme escreve o próprio Davi Arrigucci:

A crônica se situa bem perto do chão,¹³ no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom menor do bate-papo entre amigos, para tratar das pequenas coisas que formam a vida diária, onde às vezes encontra a mais alta poesia (op. cit., p.55).

¹² Segundo Davi Arrigucci (2001), a origem grega da palavra crônica vem do grego *Chronos* (= tempo). Assim, desde sua origem, a crônica é um "relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido" (p.51).

¹³ Pode-se notar aqui a influência exercida pelo texto de Antonio Candido, *A Vida ao Rés-do-chão*, escrito e publicado, em 1980, como introdução da série *Para Gostar de Ler* e tido como o texto-referência sobre o assunto.

Machado de Assis, buscando elucidar o seu leitor quanto à origem da crônica, escreve, em texto da série *Histórias de 15 dias*, de 1º de novembro de 1877, que não é possível datar a sua origem, mas que ela nasceu da conversa despreziosa de vizinhas acerca do tempo. Pronto! E assim fez-se a crônica, pelo menos na versão machadiana, tão simples, tão trivial, aliás, como é a sua característica: despreziosa, simples e corriqueira, é como falar do tempo ou do jantar.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.¹⁴

Originada no folhetim – a nota de rodapé que abordava assuntos diversos do dia a dia, tais como artes, políticas, vida social, etc. – a crônica não nasceu juntamente ao jornal, ela fez um bom uso do espaço que lhe foi oferecido, já que acrescentou a ele os aspectos da vida moderna. Escreve Marlyse Meyer:

Tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo, oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela modorra cinza (MEYER, 1996, p.57).

Marlyse Meyer escreve, ainda, que o folhetinista tem, nesse espaço, toda liberdade para criar, vale tudo para divertir.

Nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém saídos (op. cit., p.57-58).

Davi Arrigucci escreve que o cronista antes de qualquer coisa é um folhetinista, inclusive cita o exemplo de José de Alencar:

¹⁴ Todas as citações de Machado de Assis utilizadas neste trabalho foram retiradas do *site* Domínio Público, mantido pelo Ministério de Educação (MEC). Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=category§ionid=17&id=34&Itemid=173> Acesso em 20 de novembro de 2009.

O cronista é primeiro folhetinista, como o Alencar de Ao Correr da Pena, colaborador do Correio Mercantil do Rio, em 1854 e 1855 (...) a matéria mutável e meio monstruosa obrigava o folhetinista a percorrer todo tipo de acontecimentos, com uma volubilidade de “colibri a esvoaçar em ziguezague”. Alencar decerto faz graça romântica, mas é que, desde o princípio, a crônica parece escolher uma linguagem lúdica e esvoaçante para cobrir o espaço enorme entre os grandes e pequenos eventos com que se defronta (ARRIGUCCI, 2001, p.57).

Além disso, Davi Arrigucci destaca o fato de a crônica ser uma espécie de laboratório para muitos escritores, como foi o caso de Machado de Assis e do próprio José de Alencar, para ficar nos maiores, que depois foram oferecer a sua pena ao romance.

Os jovens escritores aprendiam a tratar com eventos de todo tipo: convulsões de ministério e fofocas de alcova, a grande e a pequena história, tudo de cambulhada, como se costumava dizer. E logo essa matéria mista e palpitante reaparecia trabalhada numa forma nova, sem cânon preciso, dada à paródia e à autocrítica, posta em contínuo contato com o presente e flexível a toda sorte de transformações – uma forma agora nitidamente ficcional, capaz de ressurgir muitas vezes na própria imprensa, metamorfoseada em romance de folhetim (op. cit., p.58).

Corroborando com o que foi escrito por Davi Arrigucci, o folhetim como um espaço de experimentações, Marlyse Meyer escreve que “numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas (MEYER, 1996, p.58).

A relação entre a crônica e o jornal se dá devido ao fato de o segundo ter sido o veículo que impulsionou o primeiro por meio da sua expansão no Brasil – vultuoso número de jornais, aumento da tiragem, crescimento do público leitor, etc. Conforme escreveu Arrigucci (2001), essa impulsão fez a crônica tornar-se um gênero literário, próximo da épica e da lírica.

É possível dizer que a gradual ocupação do espaço do folhetim foi suscitando a separação entre diferentes tarefas: romance em fatias (ou conto, às vezes); figurinos e moda; óperas e teatro, etc. Entre eles vai se constituindo a crônica. No início, traz as marcas dos outros gêneros, até ganhar autonomia e padrões próprios: subjetividade do cronista, uso de recursos retóricos e estéticos que chamem atenção para a frase, para a cena, para a expressão lírica; olhar pessoal sobre algo do cotidiano (da política à banalidade da rua). Enfim, definiu-se, aos poucos, um gênero textual (de forma variável) que deveria responder às demandas do jornal e de seu público.

Davi Arrigucci Jr. (2001) escreve que a crônica, em um primeiro momento, faz parte do jornal devido à agilidade e ao imediatismo que ela se caracteriza. No entanto, o que se viu foi o fato de a crônica entrar em atrito com o jornal, já que com a sua poética particular – linguagem, estrutura, conteúdo – ela parece transcender tais acinzentadas páginas. É o seu caráter literário que floresce! Suas linhas libertam-se dos fatos diários para adentrarem fundo na alma humana.

Não raro ela [a crônica] adquire, entre nós, a espessura do texto literário, tornando-se elaboração da linguagem, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. Então, a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado (ARRIGUCCI, 2001, p.53).

A crônica é fruto da modernidade, da velocidade da sociedade capitalista: o lucro rápido, o consumo imediato. A crônica, vinculando-se ao jornal, optou pela fugacidade da sociedade moderna, mas não descuidou, principalmente, da sua forma, da sua estética, da sua qualidade, o que a tornou objeto dos mais diversos estudos. Antonio Candido (1989, p.6), busca resumir, de uma maneira sintética, a crônica como sendo “filha do jornal e da era da máquina, onde acaba tudo tão depressa”.

Davi Arrigucci (2001) vai além no debate, ao escrever que a crônica é a arte da desconversa, dizendo muito ao mesmo tempo em que não diz nada, indo ao encontro de uma máxima criada por Humberto Werneck (2006, p.7), de que “a própria falta de assunto, volta e meia, vira assunto” para o cronista.

O cronista, escreveu Carlos Drummond de Andrade, mestre também nessa arte, é alguém que “tem ar de remexer numa caixa de guardados, ou antes de perdidos”. Com seu agridoce bom humor, Rubem Braga, o maior dos cronistas brasileiros, respondeu certa vez a alguém que lhe pedira uma definição do gênero: “Quando não é aguda, é crônica” (op. cit., p.7).

Mistura de jornalismo, literatura e vida social e cotidiana, a crônica é comprometida também com o transitório – o perene é para a poesia, para o romance, para a novela –, sendo, juntamente ao cordel, um gênero literário genuinamente brasileiro, já que em outros países, como a França, por exemplo, o folhetim acabou por se aproximar do gênero conto.

No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu” (CANDIDO, 1989, p.6-7)

Pode-se dizer, portanto, que é aceitável a hipótese que explica esse fenômeno a partir do fato de os leitores brasileiros de jornais aceitarem o cômico, o debochado e o descomprometimento que caracterizam, em suma, tais linhas.

No século passado, em José de Alencar, Francisco Otaviano e mesmo Machado de Assis, ainda se notava mais o corte de artigo leve. Em França Júnior já é nítida uma redução de escala nos temas, ligada ao incremento do humor e certo toque de gratuidade. Olavo Bilac, mestre da crônica leve, guarda um pouco do comentário antigo mas amplia a dose poética, enquanto João do Rio se inclina para o humor e o sarcasmo, que contrabalançam um pouco a tara do esnobismo. Eles e muitos outros, maiores e menores, de Carmen Dolores¹⁵ e João Luso¹⁶ até os nossos dias, contribuíram para fazer do gênero este produto *sui generis* do jornalismo literário brasileiro que ele é hoje (CANDIDO, 1992, p.16).

Antonio Candido (1992) escreve que a crônica já está brasileira com Olavo Bilac, “gratuita e lírico-humorística”, exatamente o oposto do que era a sua produção poética, marcada por “adjetivos retumbantes”, construções sintáticas complexas e rebuscadas, vocabulário “opulento”. Assim como ressaltou Candido (1992), é interessante atentarmos para o fato de a crônica ter escanteado a grandiloquência e a verbosidade literária desenfreada – o que era visto, até então, como marca de superioridade intelectual – para voltar-se ao simples e ao natural.

Dessa forma, a crônica, a partir de Bilac, pode ser encarada como um gênero literário, possuindo, digamos assim, a sua convenção e as suas regras, por consequência, tornando-se um “instrumento” discursivo para falar/descrever a realidade.

Mesmo estando nas páginas das revistas e dos jornais, a crônica não é apenas um “ser híbrido”, mas que, segundo Massaud Moisés (1995), assume também múltiplas formas, como, por exemplo, a alegoria, o necrológio, a entrevista, o monólogo, etc.,

¹⁵ Foi com esse pseudônimo, Carmen Dolores, que ficou conhecida a carioca Emília Moncorvo (1852-1910). Sua participação no jornalismo marcou importante conquista das mulheres no meio. Foi colaboradora dos jornais *Correio da Manhã*, *O País*, *Tribunal* e *Étoile du Sud* (nota minha).

¹⁶ João Luso é o pseudônimo utilizado pelo português Armando Erse de Figueiredo (1874-1950), comerciante na cidade de Santos e colaborador dos jornais *Diário Popular*, *Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano* e das revistas *Revista Literária* e *Paulicéia*. Dedicou-se, após abandonar as atividades comerciais, ao jornalismo, ingressando no *Diário de Santos*. No ano de 1900 ele ingressa no jornal *A Imprensa*, dirigido, então, por Rui Barbosa. Pouco depois, cria a coluna *Dominicais*, no *Jornal do Comércio*, publicada até a sua morte (nota minha).

algumas girando, inclusive, em torno de personagens reais ou imaginários. Humberto Werneck descreve que na crônica cabe praticamente tudo: “cabe nesse rótulo ecumênico, da pequena peça de ficção ao poema em prosa, passando pela reflexão acerca de miudezas do cotidiano” (WERNECK, 2006, p.7). O passar dos anos fez a crônica perder o seu caráter informativo ou, simplesmente, opinativo, bem como a sua roupagem bacharelesca e política foi perdendo a cor. O tempo fez com que ela ganhasse em gratuidade, em descompromisso, em ficção e em poesia. A crônica perdeu o seu ar sisudo, de fraque e cartola, para ganhar em sorrisos, no colo do homem simples trepado no bonde. Antonio Candido escreve que foi o “esbarrão” da poesia com esse humor que “representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma” (1992, p.15).

Pode-se dizer, portanto, que a crônica é um gênero moderno vinculado à imprensa, cuja liberdade na escrita (e no tema) seria legado ao cronista, determinando aquilo que seria dito – ou não! – de diversas formas – narrativa, diálogo, carta, comentário – e com o tom que melhor exprimisse as suas ideias – dramático, lírico, trágico, cômico.

Com a divisão do trabalho, coube ao cronista se especializar dentro das editoriais dos jornais – há aqueles que escrevem sobre a política, outros que abordam as questões de economia e aqueles que, digamos assim, devaneiam sobre o dia a dia ou versam, é claro, sobre o futebol, matéria deste trabalho –, dialogando com os acontecimentos diários, que ora estão nas páginas dos jornais, ora foram vistos de uma janela, de banco de ônibus ou em um estádio de futebol.

Talvez seja possível dizer que a crônica, ao se especializar, caminha para a negação de sua dimensão literária e para a afirmação da forma argumentativa. De certo modo, vai do *literato*, que sua pela imagem inusitada, pela forma poética, por uma expressão dramática, para o *especialista*, que argumenta com o raciocínio técnico de sua área, valendo-se do vocabulário próprio do especialista. Para o último, a palavra passa a ter o caráter instrumental.

1.2 Jornal, tempo e memória

O primeiro capítulo da história da imprensa brasileira é escrito com a chegada da família real portuguesa, no distante ano de 1808. Até então, era proibida qualquer forma de impressão na Colônia – livro, periódico, panfleto –, já que a ignorância da população

deste lado do Atlântico facilitava a exploração portuguesa, além de manter a cultura e a ideologia dominante afastada do perigo da crítica ou do questionamento.

Mas engana-se quem pensa que a imprensa surgiu por uma iniciativa mais bondosa do imperador D. João. Na confusão da fuga, Antônio de Araújo e Azevedo, o então secretário de estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, mandou que fosse guardado no porão de um dos navios da frota portuguesa que viria para o Brasil o material fotográfico que havia sido adquirido para a sua secretaria e que, até então, não havia sido montado.

Tal equipamento foi montado na casa onde o secretário se estabeleceu, no Rio de Janeiro, à rua dos Barbons, e, assim, em 31 de maio de 1808, foi criada a Impressão Régia, a nossa atual Imprensa Nacional. Segue o decreto oficial do Imperador:

Tendo-me constado que os prelos que se acham nesta capital eram os destinados para a Secretaria de Estados dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, e atendendo à necessidade que há de oficina de impressão nestes meus Estados, sou servido que a casa onde eles se estabeleceram sirva inteiramente de Impressão Régia, onde se imprimam exclusivamente toda a legislação e papéis diplomáticos, que emanarem de qualquer repartição do meu Real Serviço, ficando inteiramente pertencendo o seu governo e administração à mesma Secretaria (In. SODRÉ, 1983, p.19).

Pode-se dizer que o primeiro “jornal” impresso em território nacional foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro de 1808. Segundo Nelson Werneck Sodré,¹⁷

era um pobre impresso, preocupado quase que tão-somente com o que se passava na Europa, de quatro páginas in 4º, poucas vezes mais, semanal de início, trissemestral de pois, custando a assinatura semestral 3\$800, e 80 réis o número avulso, encontrado na loja de Paul Martin Filho, mercador de livros (op. cit., p.19).

No entanto, dois meses antes da publicação da primeira edição da *Gazeta do Rio de Janeiro*, o exilado Hipólito José da Costa editava, em Londres, o *Correio Brasiliense*,¹⁸ considerado por alguns como o primeiro jornal brasileiro, já que tratava dos temas ligados ao país de uma forma mais independente, pois não passava pela censura prévia aqui instituída.

¹⁷ Podemos considerar a *Gazeta do Rio de Janeiro* ainda como um embrião do jornal que hoje temos em mãos. Sua periodicidade – para a época – era curta, de conteúdo doutrinário, poucas páginas e um formato peculiar para os impressos da época.

¹⁸ O *Correio Brasiliense* tinha o seu acabamento em brochura, com direito a uma capa azul, assemelhando-se mais a um livro ou enciclopédia do que com o jornal que conhecemos.

O jornal de Hipólito José da Costa tinha um pouco mais de 100 páginas, na média, e tinha muito mais a intenção de doutrinar do que de informar os seus leitores.¹⁹ Sobre o *Correio Brasiliense*, escreve Sodré:

Pretendia, declaradamente, pesar na opinião pública, ou o que dela existia no tempo, ao passo que a Gazeta não tinha em alta conta essa finalidade (...) O jornal de Hipólito (...) destinava-se a conquistar opiniões; esta era a sua finalidade específica. Mensalmente, reunia em suas páginas o estudo das questões mais importantes que afetavam a Inglaterra, Portugal e o Brasil, questões velhas ou novas, umas já postas há muito, outras emergindo com os acontecimentos (op. cit., p.22)

Desde esse ponto inicial até 1850, o jornalismo desenvolveu-se lentamente. Várias folhas surgiram e tiveram vida efêmera, mas a prática foi se consolidando. Interessa ver que um público foi se constituindo e, também, um modo de escrita “especial”.

Com o progresso econômico e cultural que o país alcançava a partir da segunda metade do século XIX, os jornais começaram a ganhar fôlego e espaço entre os cidadãos, trazendo, em uma sociedade de feição escravista, valores burgueses. Tem-se, portanto, um jornal que nasce sob a égide do romantismo e que transita entre o político e o literário até os fins do império.

É a partir desse movimento que as relações entre o jornalismo e a crônica passaram para um relacionamento mais íntimo. O jornal produzido durante o romantismo é burguês na sua forma de reproduzir os fatos sociais, bem como na forma como é dito isso. Segundo Massaud Moisés, poder-se-ia encontrar duas categorias de texto linguístico dentro do jornal, “o que cumpre a função de informar os sucessos do dia e o que não se prende, regra geral, ao vaivém do cotidiano” (MOISÉS, 2003, p.103).

Temos, portanto, a pluralização do conteúdo jornalístico, assim como uma divisão social do trabalho, já que o jornal passa a vender tanto a notícia “séria e verdadeira” quanto a fantasia, tornando-se, também, uma forma de lazer. Em outras palavras, ocorre, nos jornais, a agregação de uma nova forma – do discurso político para o literário –, que serve de mote para o surgimento e, principalmente, para a solidificação da crônica, visto que ela transitava pelos caminhos da opinião e do literário, ora aproximando-se da realidade social da época, ora mais distanciada dessa tal realidade, mas não se confundindo com o folhetim. Wellington Pereira escreve que a crônica,

¹⁹ Pelo fato de o *Correio Brasiliense* ser produzido na Inglaterra, a sua linha editorial estava ligada aos interesses ingleses, principalmente no que se relacionava às políticas escravagistas.

durante o romantismo, tinha uma função intermediária nas páginas dos jornais, pois ela “transita entre a capacidade de ‘anunciar’ das notícias e a reelaboração de enunciados que se aproximam das formas da literatura romântica” (PEREIRA, 2004, p.42).

Fica nítido, também, os contrastes envolvendo os jornais. Em um *corner* temos o jornalismo produzido para o público feminino, voltado, especialmente, para o entretenimento, alcançando, em alguns momentos, um certo “quê” de cumplicidade entre autor/leitor, enquanto no outro *corner* temos um jornalismo que poderemos chamar de “sério”, abordando assuntos políticos e econômicos e voltado exclusivamente para o público masculino.

O jornalismo brasileiro nasce e amadurece sob os desígnios do romantismo, filho, portanto, da aspiração burguesa, do desejo de construir uma esfera pública mediada pela burguesia, baseado nos princípios da autonomia do indivíduo e da liberdade de expressão, por exemplo.

Assim, pode-se considerar o símbolo da modernidade, que se avizinhava, mudando logo o seu viés, passando de um caráter político, basicamente voltado para lutas dessa índole, para o comercial e para o lucro, além de tudo o que orbita em seu entorno.

Inserido no jornal, o cronista destoa nessa lógica, pois é sua incumbência ser o artista entre os jornalistas, já que ele não tem o “dever para com a informação”. Pelo contrário! O cronista se vale dela para os seus escritos, ela é a sua matéria-prima, muitas vezes o seu ponto de partida. Cabe a ele, portanto, interpretá-la, criar novos significados, entregá-los aos leitores, na busca do entendimento dos fatos, uma primeira visão acerca de determinado tema a fim de esclarecer – ou entender – os fatos sociais de sua época, que, no caso brasileiro, tem uma passagem lenta, repleta de idas e vindas.

Tornando-se empresas, os jornais rapidamente tomam consciência de que a notícia é o seu fim, logo, começam a contratar colaboradores que consigam não apenas lidar com ela, mas que tenham especial capacidade de produzi-la. Além dos jornalistas,²⁰ os cronistas adentraram às redações, sendo a crônica a porta de entrada para os jovens escritores. Segundo Pereira (2004, p.44), “é importante perceber que a transformação causada pela crônica verifica-se, a princípio, através do reconhecimento do cronista enquanto ‘literato’”. Dessa forma, percebe-se a importância que os jornais

²⁰ Considero, aqui, jornalista, todo indivíduo que redigia notícias/matérias para os jornais, já que, nessa época, a profissão não era regulamentada, fazendo com que qualquer um pudesse exercer tal profissão.

davam aos seus espaços de crônica, já que ela era uma forma de produzir opinião, dando credibilidade para as notícias que estavam sendo veiculadas.

Os cronistas, no início, detinham-se em discussões e picuinhas, o que tornava os seus textos, basicamente, opinativos – nada daquele descompromisso saboroso da crônica – e assemelhados aos textos jornalísticos de então. Foi com o aparecimento de Joaquim Manuel de Macedo para o mundo das belas letras e o conseqüente romance urbano, que a crônica passa a se destacar no interior dos jornais para, enfim, tornar-se independente do folhetim, visto que ela começa a abordar as pequenas coisas da vida mundana do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A crônica, no entanto, só irá passar a ter regularidade a partir das reclamações dos leitores mais exigentes que não se agradavam com as baixezas, as patacoadas e o sensacionalismo que até então reinavam nas páginas jornalísticas, bem como as contínuas batalhas políticas, com as já enfadonhas retóricas bacharelescas. A literatura ganha o seu espaço. A honra de ter suas crônicas publicadas com certa regularidade cabe a Francisco Otaviano, cronista do *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, a partir de 1852.

Em 1854, José de Alencar, indicado pelo ex-colega e amigo Francisco Otaviano, começa a escrever uma coluna forense para o referido jornal, além de crônicas que eram publicadas semanalmente aos domingos.

As crônicas de Alencar, segundo Nelson Werneck Sodré, refletiam as mudanças sociais da época, mostrando, em especial, o interesse que ele tinha

pelo teatro, espetáculos como o da oratória sagrada de Mont'Alverne – de tantos toques profanos, aliás – a nova dança, a guerra da Criméia, as festas populares, como o carnaval, as sociedades por ações, que davam toque de escândalo aos negócios parcos e morigerados até aí vigentes (SODRÉ, 1983, p.191).

A virada da década de 1850 marca a presença dos homens das letras nos jornais: Gentil Homem de Almeida Braga, Sousândrade, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo e Bernardo Guimarães, além, é claro, Machado de Assis, como veremos mais adiante.

Com a entrada dos literatos no mundo jornalístico, movidos pela liberdade que ali eles encontravam para as suas criações, sem esquecermos, também, das razões financeiras, já que as folhas se encaminhavam para se tornarem grandes negócios, ocorre, a mistura entre o discurso jornalístico e o literário, o que para muitos, a meu ver,

de opinião equivocada, como no caso de Wellington Pereira, causou o empobrecimento da literatura, pois “tudo no jornal passa a ser ‘literatura’ – anúncios publicitários, discursos parlamentares encomendados”, o que faz a crônica se confundir “com artigos, editoriais, textos que, precariamente, são denominados reportagens” (PEREIRA, 2004, p.46). Acredito que esse discurso literário cada vez mais presente no jornal fez com que os mesmos perdessem um pouco o seu ranço político e o seu discurso empolado, típico dos bacharéis, além de contribuir, ainda mais, para a consolidação da crônica no meio jornalístico brasileiro.

Cabe aqui um parêntese para lembrarmos que o, até meados do século XIX, jornalismo não tinha autonomia linguística, misturando discursos políticos, jurídicos e literários. Essa autonomia só veio quando os jornais assumiram a função de produtores de bens simbólicos, bem como assumiram a posição de prestadores de serviços – venda de produtos e serviços a partir da publicidade, informar a população sobre os acontecimentos, etc. Dessa forma, o jornal conseguiu massificar a produção literária, tirando-a dos grandes salões e da “sociedade pensante” para colocá-la em contato direto com a população em geral, aumentando, sobremaneira, o número de leitores.

Claro que para atingir um maior número de leitores houve um “rebaixamento” no nível da linguagem jornalística, o que, paradoxalmente, acabou, também, por diminuir as distâncias culturais existentes entre os indivíduos.

Sobre a questionável qualidade das folhas, segundo Sodré, é nos periódicos literários²¹ que se encontra a qualidade, já que no jornalismo da corte “persistia o incontrastado domínio da vazia oratória parlamentar e dos insipientes movimentos literários nos jornais” (SODRÉ, 1983, p.197), o que mal lembrava a imprensa de tempos anteriores.

Essa presença maciça de escritores nos jornais da segunda metade do século XIX fez com que a notícia, matéria principal do jornal, não conseguisse passar aos leitores os acontecimentos diários, pois as fronteiras entre o real e a ficção eram apagadas pela erudição do escritor. A mistura entre literatura e jornalismo distorcia os fatos do cotidiano sobremaneira porque os jornais estavam ainda com seus olhares voltados para a política. José de Alencar também escrevia sobre política, assinando suas

²¹ Nelson Werneck Sodré cita alguns exemplos: *O Guaíba*, *Arcádia*, *Revista Mensal*, no Rio Grande do Sul; *Caleidoscópio*, *O Timbira*, *Trabalhos Literários da Associação Amor à Ciência*, *O Livro*, *A Legenda*, *A Lei*, *Revista da Associação Recreio Instrutivo*, *O Futuro*, *A Razão*, *Revista Mensal do Ensaio Filosófico*, *Ensaio Literários do Ateneu Paulista*, *Memórias do Culto à Ciência*, *Exercícios Literários do Clube Científico*, *Esboços Literários*, *Revista Dramática*, *Murmúrios Juvenis do Amor à Ciência*, *Ensaio da Brasília* e *O Votante*, em São Paulo.

crônicas como Erasmo durante os três meses em que escreveu as *Cartas ao Imperador*, uma crítica mordaz e inteligente ao então chefe da nação e à classe política – a qual ele também pertencia!

Erasmo não poupava ninguém. Para ele, a aristocracia brasileira era composta por apenas duas classes de pessoas: de um lado, “os abastados de inteligência e escassos de cabedais”; do outro “os ricos de haveres mais pobres de ilustração” Recorrer às urnas e reverter aquele estado de coisas? Para Erasmo não era a saída adequada: “Nas urnas só acho cédulas pagas à vista ou descontadas com promessas de rendosos empregos”. Não adiantava também contar com a ação vigilante da imprensa: “Os jornais, como tudo neste Império, vivem da benevolência da administração”. Restaria, talvez, apelar para a integridade dos intelectuais. Não, nem eles estavam a salvo da corrupção geral, diriam as Cartas Políticas: “Outrora o mundo ofícia os considerava meros instrumentos, remunerando-os com empregos subalternos; atualmente foram admitidos no grêmio, mas sob a condição rigorosa de respeitar as tradições e render cultos às conveniências (NETO, 2006, p.247).

Cabe destacar aqui o fato de as mulheres, assim como os jovens estudantes, constituírem um grande público leitor dos jornais da época. A literatura, muito ligada ao meio jornalístico, acompanhou essa tendência, abordando, a partir de então, temas ligados a esse tipo de público: as histórias de amor e os casamentos, tudo muito sutil e “carregado” de leveza. Quem também trilhou esse caminho foi Machado de Assis, que prestou seus serviços à folha de sugestivo nome: *Jornal das Famílias*, produzido especialmente para as mulheres. Machado de Assis escreveu contos entre “figurinos, receitas de doces, moldes de trabalho e conselhos de beleza” (PEREIRA apud SODRÉ, 1984, p.198), que, segundo Lúcia Miguel Pereira, tinham o carimbo de qualidade do grande Machado, mesmo quando se tratava do “mundo convencional, onde os desgostos amorosos são os únicos sofrimentos, onde tudo gira em torno de olhos bonitos, de suspiros, de confidências trocadas entre damas elegantes” (op. cit., p.198).

Já que falamos de Machado de Assis colaborando para o *Jornal das Famílias*, não podemos deixar de lado o mercado editorial brasileiro, agora abordando especificamente a produção dos livros desses literatos que escreviam para os periódicos brasileiros.

A segunda metade do século XIX foi responsável pela consolidação de grandes casas editoriais no Brasil, fruto do desenvolvimento que o país alcançava: o desenvolvimento da vida urbana e o conseqüente avanço da classe média, assim como o surgimento de um esboço de burguesia brasileira. Esse processo marcou a produção literária e jornalística, responsáveis por uma “certa” agitação cultural.

Merecem destaques a Laemmert,²² dos alemães e irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, responsáveis pela edição dos livros de Machado de Assis, Coelho Neto, Euclides da Cunha, já na virada de século, além da B. L. Garnier,²³ de Batista Luís Garnier – ou para os maldosos, Bom Ladrão Garnier –, considerado o maior editor da época. Segundo Werneck Sodré,

a casa [Garnier] enobrecia os autores que lançava. Ser editado por ela era a consagração. Entre os que a mereceram, estavam José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Melo Moraes, Sílvio Romero, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, João Ribeiro. Garnier editou livros que levaram mais de vinte anos para esgotar: a História do Brasil, de Southey, as obras de J. M. Pereira da Silva. Os seus catálogos permitem verificar que editou muita gente que não sobreviveu. Enriqueceu, apesar disso, firmou-se, assinalou uma fase da história de nossa literatura (SODRÉ, 1983, p.207).

Ao se ter contato com a seção de literatura de língua portuguesa, do catálogo da Livraria Acadêmica da Casa Garraux, percebe-se claramente o tamanho dessas casas editoriais no mercado brasileiro. Segundo Laurence Hallewell,

as publicações da Garnier constituem quase a metade e as da Laemmert pouco mais de um terço. Muito abaixo deste surge Serafim José Alves, com 6%, e em seguida Nicolau Alves com 4%. Guimarães, Leuzinger, Cruz Coutinho e J. P. Pereira Dias, as únicas firmas cujos nomes aparecem com alguma frequência, surgem com cerca de 2% cada uma (HALLEWELL, 1982, p.165).

Contudo, Laemmert e Garnier não eram concorrentes diretos, visto que a primeira editora tinha a sua linha editorial voltada, principalmente, para a ciência e para a história, enquanto a Garnier estava voltada mais para a literatura brasileira e para os escritores franceses que estavam na moda.

²² A Laemmert fechou as suas portas em 1909, tendo produzido, no total, 1.440 títulos de escritores brasileiros e mais de 400 traduções do inglês, francês, alemão e italiano.

²³ “Baptiste Louis Garnier livreiro editor requereu há dous annos uma condecoração: o requerimento acha deste então no Gabinete do Ministerio do Imperio. O peticionario está, ha mais de vinte annos, estabelecido na Capital do Imperio; tem sido editor da maior parte das obras scientificas, litterarias e elementares da instrucção publica q(u)e existem no paiz. Grande é o numero de autores nacionaes, cujas obras não teriam visto a luz a não ser com o auxilio que o dicto Editor lhes tem prestado, comprando lhes as edições e fornecendo lhes os capitães para a respectiva impressão. Alem de muitos auctores de diversas obras, e compendios para a instrucção publica que tem encontrado no peticionario auxilio efficaz para a realização das publicações, figuram entre outros altos funcionarios do Estado. Um serviço real prestou o peticionario fazendo reimprimir os Classicos da lingua portuguesa alguns dos quais já eram rarissimos no mercado” (Arquivo Coleção Marquês de Olinda (IHGB): lata, doc.61. In: HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1982).

A Laemmert, por meio da sua Tipografia Universal, publicou a *Revista dos Tribunais*, cuja tiragem alcançava os 13.000 exemplares, e a *Revista Brasileira*, ambas bimestrais. Além disso, a Laemmert publicou o *Almanack Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Províncias do Rio de Janeiro*, também conhecido como *Almanack Laemmert*, anuário publicado durante 45 anos, entre 1844 e 1889.

Já a Garnier foi a responsável pela *Revista Popular*, que circulou entre 1859 e 1862, quando se transformou em *Jornal das Famílias* (1863-1878), alterando a sua linha editorial, pois B. L. Garnier percebeu que as mulheres poderiam ser um bom público consumidor. Dessa forma, seções de contos, poesias, culinária, higiene e moda, além de muitas ilustrações e, principalmente, uma melhor qualidade de impressão, foram acrescentados ao periódico. Segundo Jean-Michel Massa,

o *Jornal das Famílias* era, como seu nome indica, e mais do que a *Revista Popular*, uma publicação familiar. A revista trazia em cada mês um ou dois contos, cujo prosseguimento ou fim eram publicados no mês ou nos meses seguintes. Frequentemente, a edição era completada por algumas poesias de caráter sentimental ou de inspiração religiosa. Páginas de modas, ilustradas a cores, enriqueciam cada número. Uma crônica culinária, acompanhada de receitas assinadas por Paulina Filadélfia, instruía as donas de casa e as jovens donzelas candidatas a casamento. Às vezes uma página da Bíblia, narrada por um dos cônegos da redação, dava uma nota religiosa (MASSA, 1971, p.541).

Outro quem merece destaque é o senhor Francisco Alves de Oliveira, editor especialista em obras didáticas. Expandiu o seu negócio ao associar-se com a Livraria Bertrand, de Portugal, e com a Livraria Aillaud, da França. Segundo Werneck Sodré, a Francisco Alves de Oliveira “chegou a absorver 90% do comércio de livros no Brasil” (1983, p.207) apenas com a aquisição de livrarias e editoras. Francisco Alves de Oliveira também publicou obras literárias, mas isso a partir do final do século XIX, com destaque para Coelho Neto e Raul Pompéia, bem como José Veríssimo e a sua polêmica *História da Literatura Brasileira*.

Essa expansão editorial mostra o quão forte estava o emergente mercado nacional de livros, ainda mais que existia uma proximidade na atuação do livreiro, do editor e do jornalista, visto que muitos dos romancistas apareceram, pela primeira vez, nos jornais. A Garnier, por exemplo, publicava os romances de Machado de Assis ao mesmo tempo em que o mantinha como colaborador do *Jornal das Famílias*, onde o Bruxo do Cosme Velho produziu cerca de 70 narrativas durante os 15 anos de circulação da folha.

É interessante atentarmos para essa ambivalência existente entre o livro *versus* o jornal, mesmo quando produzidos na mesma, digamos assim, “casa editorial”, já que podemos considerar o jornal como um objeto de mercado, em que o escritor/cronista/jornalista ganha visibilidade, enquanto o livro, considerando-o um objeto cultural, é o lugar onde o escritor/jornalista/cronista adquire prestígio, recebendo, digamos assim, uma certificação de valor.

A expansão editorial tupiniquim não envolveu apenas os livros, visto que os jornais não ficaram para trás,²⁴ principalmente devido à efervescência política da época, com destaque para o jornal *A República*, que começou a ser editado e publicado em 3 de dezembro de 1870, como órgão do Partido Republicano Brasileiro e do Clube Republicano. Segundo Werneck Sodré,

em sua primeira fase, de 3 de dezembro de 1870 a 4 de outubro de 1871, aparecia três vezes por semana, às terças, quintas e sábados, sem redatores declarados, que são, realmente, Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo e Manuel Vieira Ferreira, que escrevem quase todo o jornal. O financiador era Luís Barbosa da Silva (SODRÉ, 1984, p.212).

A República passou a ser diário em primeiro de setembro de 1871 e, no seu auge, chegou a ter uma tiragem de 10.000 exemplares, algo incomum para a época.

[*A República*] fazia sorteios com prêmios, inovação curiosa, depois largamente usada na imprensa; defendeu a idéia do monumento a Tiradentes, figura histórica que o Império fizera esquecer; pregou a separação entre a Igreja e o Estado; combateu o castigo corporal nas forças armadas; defendeu a federação (op. cit., p.212).

²⁴ Em crônica de 1º de novembro de 1877, Machado de Assis escreve sobre o surgimento/desaparecimento dos jornais no período: “Se eu disser que a vida é um meteoro o leitor pensará que vou escrever uma coluna de filosofia, e eu vou apenas noticiar-lhe o Meteoro, um jornal de oito páginas, que inscreve no programa: ‘O Meteoro não tem pretensões à duração’. Bastam essas quatro palavras para ver que é jornal de espírito e senso. Geralmente, cada folha que aparece promete, pelo menos, três séculos e meio de existência, e uma regularidade cronométrica. O Meteoro nem promete durar, nem aparecer em dias certos. Virá quando puder vir.

Variado, gracioso, interessante, em alguns lugares, sério e até científico, o Meteoro deixa-se ler sem esforço nem enfado. Pelo contrário; lastima-se que seja meteoro e deseja-se-lhe um futuro de planeta, pelo menos que dure tanto como o planeta em que ele e nós habitamos.

Planeta meteoro, duração, tudo isso me traz à mente uma idéia de um sábio francês moderno. Por cálculos que fez, é opinião dele que de dez em dez mil anos, haverá na terra um dilúvio universal, ou pelo menos continental, por motivo do deslocamento dos oceanos, produzido pelo giro do planeta.

Um dilúvio periódico! Que será feito então da imortalidade das nossas obras? Salvo se puserem na arca um exemplar das de todos os poetas, músicos e artistas. Oh! mas que arca não será essa! Se não temesse uma vaia, diria que será arcabuz.”.

A partir do *Manifesto Republicano*, em 1870, houve um *boom* de jornais com esse cunho político. No entanto, as folhas estavam ainda muito vinculadas à literatura, principalmente à “crítica literária”. A segunda metade do século XIX foi pródiga em debates literários, ainda mais quando estes eram tratados nas acinzentadas páginas dos periódicos. Conforme escreveu Milena da Silveira Pereira,

A guerra das “panelinhas” literárias, a polêmica, a troca de elogios, as metáforas belicosas foram, então, algumas constantes perceptíveis nos escritos dos intelectuais do tempo. Machado Neto, nesse sentido, declarou que “raro era o homem de letras e até, mesmo, o homem público que tivesse passado a vida sem experimentar a vivência belicosa da polêmica”. E não somente havia o polemista, vale pontuar, mas ainda um público das polêmicas. Segundo Machado Neto, nos jornais, os polemistas “representavam para um público que aplaudia e fazia prognósticos e – quem sabe?! – até... apostas”. Esse público das polêmicas acompanhava fielmente as disputas, com uma atenção quase esportiva, e se constituíram como um “auditório ressonante que assistia diariamente aos grandes lances polêmicos das vedetes da pena (PEREIRA, 2007, s/p).

Essas polêmicas mostram, assim, como o campo literário/cultura letrada estava se consolidando, de tal modo que os papéis de críticos, escritores e leitores começavam a ser definidos.

Tem-se, em 1870, a crítica severa de Araripe Júnior para com *Falenas* e *Contos Fluminenses*, de Machado de Assis. Em 1875, Joaquim Nabuco impõe limites à produção literária de José de Alencar, iniciando uma grande polêmica no jornal *O Globo*, de Quintino Bocaiúva, que durou três meses, com constantes réplicas e tréplicas por partes dos dois intelectuais.²⁵ Outra polêmica literária, quem sabe a mais célebre de todas elas, que rendeu páginas nos jornais foi marcada pela crítica severa de Machado de Assis ao livro *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, em 1878.

Mesmo com a expansão do mercado editorial, com o consequente aumento de leitores, durante a segunda metade do século XIX, as editoras brasileiras mandavam imprimir os seus livros na Europa, especialmente em Portugal, na França e na

²⁵ Reproduzo aqui, a nota de rodapé escrita por Nelson Werneck Sodré (1984, p.224): “A 18 de setembro de 1875, estreava no Teatro São Luís o drama *O Jesuíta*, de José de Alencar, escrito em 1861 e até aí inédito; foi um fracasso, as salas sempre vazias. A 22, *O Globo* publicou folhetim sem assinatura, mas de Joaquim Nabuco, criticando a peça com simpatia, mas fazendo restrições. Alencar respondeu em quatro artigos, no mesmo jornal, sob o título “O teatro brasileiro”, reunidos, em 1875, no volume em que publicou *O Jesuíta*, como “Advertência”. A 3 de outubro, Nabuco volta à carga com uma série de artigos, sob a rubrica “Aos domingos”; o primeiro trazia como subtítulo “O sr. J. de Alencar e o teatro brasileiro”; seguem-se sete outros, sob o subtítulo “Estudos sobre os sr. José de Alencar”. Nabuco afirma, desde logo, que vai analisar a obra de Alencar sem respeitar “a convenção literária” que o protege”. Alencar responde em outra série de sete artigos, “Às Quintas”, de 7 de outubro a 18 de novembro; Nabuco publica o seu último artigo a 21 de novembro; Alencar escreveu mas não publicou a resposta com que encerrou a polêmica”.

Alemanha, prática corriqueira no século XX. Os livros didáticos editados por Francisco Alves de Oliveira, por exemplo, tinham um grande volume impresso nas terras europeias.

Esse aumento do número de leitores fez com que surgissem outros meios gráficos, ainda que rudimentares. Além do almanaque, substituído, *a posteriori*, pelos folhetos das farmácias e das folhinhas, destacava-se o opúsculo, que segundo Werneck Sodré (1984, p.242), era um “folheto impresso que permitia a circulação de alguma coisa que não pretendia ou não podia chegar a ser livro, não almejava a sua duração”, a transitoriedade era a sua marca. Destacam-se os opúsculos *O Libelo de Timandro*, *A Conferência dos Divinos*, *Ação*, *Reação*, *Transação* e a *Circular dos Leitores*, que conquistaram uma gama considerável de leitores e cujas reedições foram constantes.

Na década de 1880, por exemplo, no Rio de Janeiro circulavam pelo menos 80 publicações, muitos destes eram jornais diários ou semanais. Cabe destacar aqui a crônica *Diálogo dos Astros*, de 20 de junho de 1885, escrita por Machado de Assis e publicada na seção *Balas de Estalo*, em que o autor traz o diálogo entre Mercúrio e Sol acerca dessa quantidade de publicações.

DOM SOL — Mercúrio, dá cá os jornais do dia.

MERCÚRIO — Sim, meu senhor. (Procurando os jornais). Sempre me admira muito como é que Vossa Claridade pode ler tantos jornais. São todos interessantes? Olhe, aqui tem o Escorpião

DOM SOL — Uns mais que outros; mas ainda que não tivessem interesse nenhum, era preciso lê-los, para saber do que vai pelo Universo. Já chegou a Via-Láctea?

MERCÚRIO — Aqui está.

DOM SOL — Esta folha é das menores; tem uma circulação de trezentos bilhões de exemplares.

MERCÚRIO — Já não é mau! Aqui está o Eclipse e a Fase...

DOM SOL — Não são tão bons.

MERCÚRIO — O Crescente, a Bela Estrela Canopo e a Revista das Constelações. Creio que é tudo. Falta só o Cometa, mas, como sabe, só aparece de longe em longe; dizem até que vai fechar a porta.

Uma das razões para o aumento do público leitor se dá devido ao sucesso do folhetim nos jornais brasileiros. A ideia de aumentar as vendas de um jornal com a publicação de folhetins teve origem em meados do século XIX, coincidindo com a consolidação da burguesia e o surgimento do romance. O gênero nasceu da necessidade de se democratizar o jornal e foi se modificando ao longo dos anos até consagrar-se como chamariz para venda de jornais. Em um primeiro momento, era uma nota de

rodapé, um espaço destinado a receitas culinárias, críticas de arte e crônicas noticiosas. Marlyse Meyer escreve que o folhetim

designa um lugar preciso do jornal: o *raz-de-chaussée* – *rés-do-chão*, rodapé –, geralmente o da primeira página. Tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento (MEYER, 1996, p.57).

O gênero cresceu e popularizou a leitura, já que os romances eram “mais fáceis” pelo formato em fatias e a sua publicação era barateada. De uma simples nota de rodapé, o folhetim passou a ocupar páginas inteiras dos jornais e muitos romances já editados em livro foram também publicados em fatias. Apesar das transformações sofridas o folhetim se mantém como gênero fechado, de estrutura mecânica e repetitiva. Isso resultou em um termo de conotação pejorativa: *folhetinesco*, obra de pouco valor.

Pode-se dizer que, no jornal produzido à época, cujas páginas eram preenchidas por discursos bacharelescos que seguiam “x” ou “y” ideologia política, o folhetim era o que melhor poderia se encontrar naquelas páginas. O destaque do folhetim era tão grande que ele era lido em voz alta – para deleite dos analfabetos, a maioria da época! – nos serões familiares e até mesmo da Corte. Essa leitura do folhetim tornou-se, inclusive, hábito familiar, ao mesmo tempo em que oferecia aos seus leitores traduções de Dumas, Feval, Feuillet, Balzac e Sardou, Sue e Victor Hugo, para ficarmos com alguns.

É interessante chamar a atenção para o fato de um jovem Machado de Assis, em 1859, produzir uma crônica sobre o quão difícil era escrever um folhetim sem se desvencilhar do estilo francês, já consagrado. A crítica de Machado ao folhetim não era exceção, já que este era tido, por muitos, como um instrumento alienante, bem como carecedor da cor local.

Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil. Entretanto, como todas as dificuldades se aplanam, ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a estas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa.

Nesse texto, intitulado *O Folhetinista*, Machado de Assis esboça uma espécie de teoria do folhetim, abordando desde a sua origem europeia e “jornalística”, passando pelo folhetinista como simbiose entre o útil/fútil, o sério/frívolo, até culminar com a

crítica anteriormente abordada, a carência da cor local, a falta de originalidade e iniciativa dos folhetinistas ou, como escreve precisamente Luís Augusto Fischer,

Machado indigna-se com o afrancesamento dos praticantes brasileiros dos praticantes brasileiros do gênero. E o faz com uma imagem forte: afirma que os brasileiros imaginam-se a caminhar pelos bulevares parisienses quando na realidade estão com os pés chafurdados na lama nacional, de que parecem não querer tomar consciência (FISCHER, 1999, p.170).

Inúmeros escritores brasileiros escreveram folhetins, aliás, muito do que melhor se produziu, no Brasil, em termos literários foi produzido e publicado, primeiramente, na forma de folhetim, inclusive o próprio Machado de Assis, com *A Mão e a Luva* e *Iaiá Garcia*, nos anos de 1874 e 1878, respectivamente, nos jornais *O Globo* e *O Cruzeiro*.

No entanto, os autores franceses dominavam com maestria o gênero folhetinesco, dando ao público leitor aquilo que ele queria, segundo Werneck Sodré (1984), o enredo complicado, a trama difícil, o descompromisso com aquilo que é verdadeiro ou verossímil – enfim, aquilo que fazia do folhetim o sucesso que era!

Nelson Werneck Sodré ainda chama a atenção para *A Moreninha* e *O Moço Loiro*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicados no *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, e *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, publicado, por sua vez, no *Correio Mercantil* fluminense. Ambos os autores, nessas obras, possuem

traços folhetinescos inequívocos, mais o primeiro do que o segundo, tendente ao popular pelo picaresco – mas não eram folhetinistas típicos, conforme o modelo romântico, e ainda que românticos (...) só Aluizio de Azevedo²⁶ tentaria, no folhetim, aproximar-se do modelo europeu, e os seus livros feitos nessa intenção são inferiores por isso (SODRÉ, 1984, p.244).

Assim, desde a vinda de D. João até o final do século XIX, o jornal sofreu uma série de mudanças. Do impresso de baixa qualidade, de pouco cuidado editorial e, principalmente, marcado por uma ideologia e por um discurso político voltado aos homens da Colônia, os anos trouxeram ao jornal a diversificação de público, alcançando um “relativo sucesso” apesar da restrição de público leitor, em torno de 30% da população.

²⁶ Alguns folhetins produzidos por Aluizio de Azevedo: *Condessa Vésper* (1882), *Girândola de Amores* (1882), *Filomena Borges* (1884), *Malta, Mattos ou Mata?* (1885), *O Coruja* (1890), *A Mortalha de Alzira* (1894) e *Livro de uma Sogra* (1895)

Pode-se dizer que a esfera pública brasileira, durante o andar do século XIX, foi mediada pela letra impressa, marcando, dessa forma, o campo de trabalho intelectual à época, que, por sua vez, fora regido pelos ideais burgueses e liberais.

No jornal encontra-se a diversificação social a qual o país passava, além das polêmicas localizadas na esfera pública, bem como os folhetins e outras modas – literárias ou não –, além da presença de escritores renomados na literatura brasileira, entre eles o maior, o mestre Machado de Assis.

1.3 Um Machado na crônica

A renovação estética no discurso jornalístico só foi amadurecer com as crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias*, mais especificamente, na seção *Balas de Estalo*, um espaço em que diversos escritores se alternavam para escrever, sob pseudônimos, acerca da monarquia, da escravidão, da igreja católica e do cotidiano, com destaque para os artilheiros Capistrano de Abreu – Mercurio – e Machado de Assis – Lélío.

Talvez seja possível dizer que foi com o Bruxo do Cosme Velho que a crônica tornou-se autônoma das demais seções do jornal. Uma nova relação entre o escritor-jornalista, agora cronista, e o leitor estava lançada, pois a crônica, a partir daí, passou a se estruturar de uma forma diferente, uma forma que deixava para os leitores a interpretação dos fatos. Conforme as palavras de Wellington Pereira,

a leitura de um cronista, cuja produção se legitimou nas páginas de um jornal, é muito complexa, carente de vários níveis de interpretação, ainda mais quando se busca verificar as relações socioculturais que estão implícitas em seus textos (PEREIRA, 2004, p.69).

Mas o que Machado de Assis fez de tão especial? Ora, primeiramente, ele promoveu sérias rupturas linguísticas na sua crônica, fazendo com que o seu texto tomasse um destaque em relação às demais seções jornalísticas, além, é claro, de lhe dar uma relativa autonomia. Essa ruptura linguística, por consequência, acarretou em uma nova estrutura organizacional da crônica, assim como diluiu o caráter opinativo que ela tinha.

Machado de Assis foi um cronista que percebeu o que realmente interessava ao leitor desse tipo de texto: as coisas miúdas do dia a dia do Rio de Janeiro. O foco da sua

pena eram as ruas, os falatórios, a sua gente, com uma nítida preocupação estética por parte do autor.

A distância que Machado de Assis promove entre os seus escritos com o jornalismo vigente até então se dá, conforme escreve Wellington Pereira, de duas formas.

a) Machado pratica uma certa arqueologia cultural, aproximando elementos da cultura “superior” especificamente, os modelos da tragédia, enquanto gênero literário, dos fatos cotidianos, através de uma releitura das notícias, e dos fatos diversos; b) a informação assume novos valores nos escritos machadianos na imprensa diária. Machado de Assis não tem apenas a preocupação de contextualizar a informação, mas de torná-la mais transparente (op. cit., p.71).

Contudo, devo questionar o que foi escrito no item “b”, já que não podemos encontrar essa transparência a que se refere Wellington Pereira nos escritos de Machado de Assis na imprensa diária, pois o Bruxo do Cosme Velho se valia da ironia, da ficção e da crítica na construção dos seus textos.

Machado de Assis tinha a consciência de que o jornal era uma ferramenta de transmissão de valores burgueses. Arroubos da juventude, talvez, já que o tom assumido por ele em crônicas como *O Folhetinista* e *A Reforma pelo Jornal* diferem um tanto da sua produção de *Balas de Estalo*, já amadurecida. O jornal para Machado de Assis não deveria ser um servo da sociedade aristocrata. Não! Caberia ao jornal não ser apenas um lugar em que todos pudessem manifestar as suas ideias, mas que todos encontrassem ali o “pão do espírito”. Existe aí a crença de que cada um dava valor pelo mérito de seu trabalho, no caso, pela escrita. Isso pode ser observado na defesa da impessoalidade e da imparcialidade civilizada para a atuação ideal do crítico.

O jovem Machado de Assis, considerando o jornal um instrumento para fixação de determinados ideais burgueses, escreve *A Reforma pelo Jornal*, no ano de 1859, em que um moço Machado de Assis dá os seus pitacos – de forma idealizada – acerca desse tema. Machado acreditava que o jornal examinava, indagava e investigava as modificações do espaço urbano, sendo o responsável pelo surgimento de novas ideias e, principalmente, um lugar de reflexão sobre a sociedade.

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, é o clareamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira do lar, fático pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão de espírito, hóstia social da comunhão política. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal reproduz-se também

naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima recebe, absorve sem labor, sem obstáculos aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela arguição de fatos.

Acreditava Machado de Assis que assim o homem comum poderia compreender as modificações sociais, pois “depois uma reflexão, depois que se ergue um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa”. Segundo Luís Augusto Fischer, essa crônica de Machado é uma profissão de fé do então jovem cronista, já que

o escritor esboça, com contundência rara para as coordenadas da época e para aquilo que constitui sua obra posterior típica na crônica, um desenho das potencialidades do jornal como veículo de transformações de cunho democrático (FISCHER, 1999, p.166).

Outra crônica interessante dessa época é o segundo texto da série *O Parasita*, em que Machado trata do parasita literário. Segundo Fischer (op. cit., p.164), “o tipo em causa faz da imprensa a sua casa, cortejando as mulheres sem contudo alcançar a graça de ser por elas tocado”, podendo ser encontrado “em cada canto”, além de ser facilmente identificável.

Pegais em um jornal; o que vedes de mais saliente? uma fila de parasitas que deitam sobre aquela mesa intelectual um chuveiro de prosa ou verso, sem dizer — água vai! Verificai-o! O jornal aqui não é propriedade, nem da redação nem do público, mas do parasita. Tem também o livro, mas o jornal é mais fácil de contê-los. Às vezes o parasita associa-se e cria um jornal próprio. Aqui é que não há de escapar-lhe. Um jornal todo entregue ao parasita, isto é, um campo vasto todo entregue ao disparate! É o rei Sancho na sua ilha! Ele pode parodiar o dito histórico *l'état c'est moi!* porque as quatro ou seis páginas, na verdade, são dele, todas dele. Ele pode gritar ali, ninguém lho impedirá, ninguém; uma vez que não ofenda a moral pública.

Desejando um jornal menos elitista e com maior alcance do homem comum, a crítica machadiana se voltava para a retórica contida nas páginas jornalísticas. Uma retórica que, aliada a pobreza da linguagem, ele considerava não só bacharelesca, mas, principalmente, ideológica. Machado de Assis lutava contra o discurso aparentemente desprezioso do jornal, mas repleto de conteúdo ideológico – uma nítida forma de doutrinação.

A crônica machadiana, portanto, segundo o próprio, aborda as “causas doces, sem sangue nem lágrimas”, já que cabia ao cronista fazer com que o leitor aumentasse a sua percepção, bem como a sua verve crítica a respeito dos acontecimentos sociais, pois

o jornal, como arma ideológica da classe dominante, distorcia os fatos de acordo com seus interesses. Assim, a crônica machadiana estava atenta às manipulações sociais vindas de um veículo que deveria apenas informar, de maneira isenta, os seus leitores. Sua bandeira, enfim, era fazer com que os seus leitores se atentassem para tais manipulações. Segundo Wellington Pereira,

O cronista Machado de Assis se preocupou em redimensionar o jornal enquanto veículo formador de opinião, tentando interpretar novos significados sociais. Provocando rupturas na medida de em que suas crônicas não eram regidas pela normatização da linguagem dos jornais dessa época (PEREIRA, 2004, p.79).

Dessa forma, Machado conseguia equilibrar-se na equação entre o útil e o fútil, o que, na crônica machadiana é essencial, já que ele buscava, partindo de uma linguagem literária totalmente contrária às empolações dos discursos produzidos pelos bacharéis, tirar o leitor da posição confortável da inocência para alçá-lo ao solo pedregoso do pensamento crítico.

As crônicas produzidas por Machado de Assis anteriores a 1880 demonstram os caminhos narrativos que ele iria trilhar na ficção a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. John Gledson segue o mesmo caminho, escrevendo que o milagre de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se deve tanto a Stendhal, a Sterne e a Maistre quanto às crônicas produzidas por ele até o momento, como uma espécie de laboratório ficcional.

A “arte das transições”, da qual esse romance [*Memórias Póstumas de Brás Cubas*] depende tanto, foi praticada em elevado grau nas crônicas – na verdade um dos sinais da crescente mestria de Machado no gênero reside precisamente na sua habilidade para ligar e transitar entre assuntos, na aparência, inteiramente díspares (GLEDSON, 1990. p.12).

O interesse de Machado está voltado para os fatos cotidianos, desinteressantes nas suas ações, mas por deveras carregado no seu conteúdo humano. Conforme escreveu Sonia Brayner, Machado de Assis reinterpreta tais fatos “com um tempero de humour em que os contrastes predominam” (BRAYNER, 1982, p.427).

Brayner escreve, ainda, que Machado de Assis foi extremamente habilidoso em “soldar tipos de experiências díspares” com um discurso leve e coloquial nos seus despropósitos, receptivo e consciente às mudanças de ideias, “que o tornam fluente enquanto temporalidade e registro estilístico” (op. cit., p.277).

O Bruxo do Cosme Velho observa e apreende, na sua pena, o cotidiano social carioca com suas transformações e contradições, utilizando do *humour* para manter uma distância segura, previdente até, para que, dessa forma, não corresse o risco de ser “contaminado” pela opinião do momento. Machado busca no “ceticismo” e, principalmente, no “tom da oralidade” a arma para não só penetrar no seu leitor, mas feri-lo sobremaneira, nas entrelinhas, de forma enviesada, com a tamanha sutileza dos mestres.

As crônicas fazem passar de forma sutil e imprevisível suas afirmações sobre os fatos na forma fácil do diálogo com um leitor implícito: a intenção da análise é antes estimulada nas entrelinhas risonhas do que trazida à tona e desmascarada pelo nível da informação didática e sensaborona de recomendações moralizantes (op. cit., p.427-428).

Dessa forma, Machado de Assis acaba criando um narrador não convencional para as suas crônicas, algo que não fora realizado por nenhum outro cronista até então. Esse narrador machadiano é marcado pela sua espontaneidade e pela sua intromissão no que está sendo dito. A crônica a seguir, de primeiro de novembro de 1877, da série *História de 15 Dias*, é um bom exemplo.

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica. (...) Que eu, sabedor ou conjetrador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade: e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol, é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra. Não afirmo sem prova.

Machado de Assis conseguia, assim, transformar a crônica jornalística, tirando-a do limbo que habitava: o lugar entre o efêmero e o romance. A crônica tornou-se autônoma e esteticamente valorizada com a sua pena, já que passou a tratar dos assuntos miúdos que existem no cotidiano das pessoas comuns com clareza, sem jogos ideológicos ou discursos cheios de floreios e gabolices, típicos dos jornais do século XIX, que, por sua vez, ainda estavam arraigados com os partidos políticos.

1.4 Mudando a página: a virada para o século XX

Utilizo como mote desta seção as palavras de Sérgio Miceli sobre a importância cultural da grande imprensa na virada para o século XX. Ele escreveu que “toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais” (MICELI, 1977, p.63). Para isso, os escritores eram obrigados a buscar no exterior os gêneros que agradavam mais aos leitores, como, por exemplo, “a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em especial, a crônica” (op. cit., p.63).

Tanto o mercado editorial quanto o mercado jornalístico brasileiro, sofrem uma grande mudança na passagem de um século para outro. A pequena imprensa cede o seu lugar à grande imprensa, os pequenos jornais deixam de existir ou passam a ter uma existência mais efêmera. Sobrevivem apenas as grandes empresas jornalísticas, cuja estrutura está voltada apenas para essa atividade, tornando-se um segmento do capitalismo e não mais fruto de aventuras solitárias – pelo menos nas grandes capitais da recente República.

A primeira consequência desse movimento é a redução expressiva de jornais no país. A segunda, por óbvio, é o fato de as empresas jornalísticas já existentes sedimentarem o seu negócio, barrando, dessa forma, o surgimento de novas concorrentes. Conforme escreveu Nelson Werneck Sodré (1983, p.276), “  agora muito mais fácil comprar um jornal do que fundar um jornal; e   ainda mais prático comprar a opinião do jornal do que comprar o jornal”. Isso se dá devido ao fato de o Brasil viver naquele momento, ainda que de forma lenta, uma fase de ascensão capitalista, devendo, portanto, adaptar-se a essa nova ordem econ mica – ainda mais para um país que ainda ressentia de uma economia colonial. Para os jornais não ficou por menos! Embora apresentassem uma estrutura capitalista, os jornais tiveram que se acomodar ao lado do poder político, que ainda carecia de cont do capitalista.

Nelson Werneck Sodré escreve, ainda, que os jornais da época estão interessados *no fato político e não para a política*. O fato político está ligado aos indivíduos que estão vinculados aos problemas do poder, em outras palavras, os jornais estão preocupados com as questões pessoais que orbitam aos atos, bem como aos pensamentos ou às decisões dos indivíduos ligados à política. Consequência disso é o fato de jornais endeusarem ou achincalharem as pessoas ligadas ao poder, ou seja, nada de discussões ideológicas, o objetivo jornalístico   destruir este ou aquele indivíduo.

Apesar dessas mudanças, o texto jornalístico não sofreu grandes alterações. Era ainda escrito por literatos e confundido com o pior da literatura. Luís Edmundo, no seu livro *O Rio de Janeiro de Meu Tempo* (2003), escreve que os jornais ainda são precários, rasteiros, mornos e triviais, muito parecidos com os jornais da antiga monarquia. Tinham de quatro a oito páginas de texto, apresentando um artigo de fundo todo gabola e pacholento, mas vazio de opinião e escrito com um dicionário de sinônimos ao lado. A sua estrutura era precária: colunas alinhadas monotonamente, títulos curtos e pobres, raramente possuindo subtítulos, exatamente ao contrário do que se fazia na Europa, cujos jornais já apresentavam manchetes e outros processos jornalísticos “mais avançados” – enquanto isso, o jornal brasileiro trazia na sua primeira página um soneto dedicado ao diretor ou ao principal editor do periódico.

Na virada do século XIX para o século XX, o jornal chamou para si outras responsabilidades. Não se contentou em ser apenas um produtor de bens simbólicos e um vendedor de serviços. Pelo contrário! O jornal logo tomou para si responsabilidades culturais – lançou, ditou e acabou com modas e costumes –, tornando-se um centro de renovações culturais. Sobre isso, quem escreve com precisão é Nicolau Sevcenko, segundo ele,

o desenvolvimento do “novo jornalismo”²⁷ representa, contudo, o fenômeno mais marcante na área da cultura, com profundas repercussões sobre o comportamento do grupo intelectual (...) O acabamento mais apurado e o tratamento literário e simples da matéria tendem a tornar obrigatório o seu consumo cotidiano pelas camadas alfabetizadas da cidade. Esse “novo jornalismo”, de par com as revistas mundanas, intensamente ilustradas e que não são o seu produto mais refinado, tornando-se mesmo a coqueluche da nova burguesia urbana (...) Cria-se assim uma “opinião pública” urbana, sequiosa do juízo e da orientação dos homens das letras que preenchiam as redações (SEVCENKO, 2003. p.118-119).

Pode-se dizer, portanto, que o jornal servia de balizador para a opinião pública, provocando desde rupturas sociais e renovações culturais até a determinação de novos aspectos urbanos, como no caso da então capital federal, o Rio de Janeiro, e o futebol, assim como a crônica, valeu-se do jornal para conquistar o seu público.

²⁷ Nicolau Sevcenko não se refere aqui ao *new journalism*, gênero jornalístico que misturava a narrativa jornalística com a literária, nascido na década de 1960 e que tem como seus principais nomes Truman Capote, Norman Mailer, Tom Wolhe e Gay Talese (nota minha).

2. A BOLA NA MARCA DA CAL: O ABRASILEIRAMENTO DO FUTEBOL

2.1 O futebol: ópio do povo?

Inventado por ingleses e trazido para o Brasil no final do século XIX, o *football* tornou-se, juntamente ao samba, à caipirinha e à mulata, uma marca indelével da identidade brasileira, chegando ao ponto de ser confundido como um produto genuinamente nacional, como muitos desavisados ainda creem.

Introduzido no país por jovens filhos de industriais que tinham ido à Europa para passeio ou para estudos, o *football* destacava-se pelos valores que estavam intrínsecos à sua prática – a disciplina, o *fair-play*, a competitividade –, aliado, é claro, ao discurso da importância da boa saúde física.

Coube a Charles William Miller a glória máxima de ser o responsável pelo futebol adentrar as fronteiras brasileiras. Filho de um engenheiro escocês, Charles Miller fora enviado à Inglaterra, aos nove anos de idade, para completar os seus estudos. No seu retorno ao Brasil, em 1894, o jovem Charles desembarca não apenas mais velho e com uma formação intelectual mais bem acabada, mas com uma bagagem contendo duas bolas, uma bomba de ar, um par de chuteiras, dois jogos de fardamento, e um livrinho, em inglês, das regras do *football association*, e, principalmente, a vontade de difundir o esporte na *terra brasilis*.

As primeiras iniciativas de difusão do esporte bretão no Brasil foram feitas pelo próprio Charles Miller, sócio do São Paulo Athletic Club, fundado em 1888. Ele tratou de organizar uma partida entre o seu clube e alguns funcionários da empresa em que ele cumpria expediente, a São Paulo Railway Company. O São Paulo Athletic Club saiu vitorioso na contenda realizada na várzea do Carmo, no dia 14 de abril de 1895, marcando quatro gols a dois. Segundo Hilário Franco Júnior (2007, p.61),

as outras iniciativas pioneiras continuavam limitadas à elite paulistana. Em 1898 foi fundada a Associação Atlética Mackenzie College, primeiro time constituído exclusivamente por brasileiros; em 1899, o Sport Club Internacional, reunindo ingleses e brasileiros, e o Sport Club Germânia, que abrigava alemães e descendentes; no ano seguinte, o Club Atlético Paulistano, com representantes de tradicionais famílias da cidade de São Paulo; em 1902, a Associação Atlética das Palmeiras, criadas por jogadores do segundo time do Paulistano, que se desligaram de seu clube original.

Essa seria a versão “oficial” – com direito a herói e tudo! – da forma como o futebol chegou ao Brasil. Contudo, entre os anos de 1879 e 1881 padres jesuítas de Itu

estiveram visitando grandes escolas da Europa. Na França, eles conheceram o padre Du Lac, um grande defensor da prática do futebol nas escolas, já que tal esporte, a seu ver, “reunia virilidade e moral na medida certa” para a formação dos homens (NETO, 2002, p.18).

Ao retornarem ao Brasil, os jesuítas trouxeram consigo o *ballon anglais*. Assim, no colégio São Luís, de Itu, os alunos começaram a praticar algo “semelhante” ao *football association*. Hilário Franco Júnior escreve que ainda na década de 1880 o futebol já era em praticado em escolas laicas e confessionais de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Há ainda notícias de marinheiros ingleses que jogaram em praias brasileiras em seus dias de folga e até mesmo o registro de uma partida realizada em 1878, no Rio de Janeiro, em frente à residência da princesa Isabel (JÚNIOR, 2007, p.62).

Era tempo da República, que ainda engatinhava pela *terra brasilis*, carregando, assim, todas as polêmicas relacionadas ao assunto. A República seria legal? Os republicanos eram criminosos?²⁸ E como a polêmica já estava caminhando pelas ruas da capital federal, Rio de Janeiro, por que o futebol não faria parte dela, já que era um esporte praticado pela elite branca de uma sociedade cujas feridas do sistema escravagista ainda estavam abertas, um esporte que estava, ainda, vinculado à modernização e à industrialização e, conseqüentemente, ao progresso, sendo praticado em um país basicamente agrário. São essas dicotomias que municiam o debate que será travado, sobre a modernização brasileira e a identidade nacional.

Pois bem, foi isso que aconteceu, já que mal a bola havia rolado por esse lado do Atlântico para que os intelectuais da terra já pegassem as suas penas para o gládio de palavras.

De um Lima Barreto, por exemplo, escritor sem berço, injustiçado e mulato, provocou uma reação negativa, como um evento capaz de despertar paixões e incontida violência, além de igualar homens e mulheres que, no campo de futebol e como torcida, comportavam-se deixando de lado os

²⁸ O Artigo 87 do Código Criminal de 1830 era bem claro quanto ao crime cometido pelo golpe republicano: “Tentar diretamente, e por fatos, destronizar o Imperador; privá-lo em todo, ou em parte da sua autoridade constitucional; ou alterar a ordem legítima da sucessão. Penas de prisão com trabalho por cinco a quinze anos. Se o crime se consumir: Penas de prisão perpétua com trabalho no grau máximo; prisão com trabalho por vinte anos no médio; e por dez anos no mínimo”.

velhos pudores e a necessária compostura. Para outros intelectuais, como Olavo Bilac, escritor de muito sucesso e líder desta tão desejada modernização, o futebol representava precisamente o oposto, pois era o exemplo do bom uso do corpo que deveria estar a serviço da pátria e do futuro (DaMATTA, 1994, p.12).

No Brasil, a fundação dos primeiros clubes de futebol se deu no interior das classes dominantes, sendo orientados pelas práticas cavalheirescas e, principalmente, pelo *fairplay*. Dessa forma, foram fundados clubes especialmente para a prática do esporte bretão, como, por exemplo, o Fluminense Football Club (em 1902) e o América Football Club (em 1904), ambos no Rio de Janeiro. Tivemos, ainda, a criação de clubes fruto do trabalho de estudantes que faziam parte de outras agremiações esportivas e que assim criavam clubes independentes – foi o caso da Associação Atlética Ponte Preta (em 1900) e do Botafogo de Futebol e Regatas (em 1904), em Campinas e Rio de Janeiro, respectivamente. Outros clubes que já existiam resolveram colocar o futebol ao lado de outras modalidades que já eram praticadas: Clube Náutico Capibaribe, no Recife, e Clube de Regatas do Flamengo, no Rio de Janeiro, são exemplos, pois ambos começaram a praticar o futebol em 1909 e 1911, respectivamente.

O futebol, assim, elitizava-se, visto que a sua prática se dava no interior dos clubes e colégios, detentores dos uniformes, das bolas, das chuteiras e dos campos. Esse movimento fez com que o futebol se afastasse das demais classes sociais, que eram mantidas à margem, pois, além de não conseguirem adquirir o custoso equipamento, não seriam respeitadoras dos valores de “tão nobre” esporte. O futebol, sendo o mais novo símbolo da modernidade que vinha da Europa e, portanto, não deveria faltar na atualização da elite nacional, devendo ser praticado, ainda, por pessoas de mesmas condições sociais e raciais.

Numa verdadeira profissão de fé, o primeiro número de um novo periódico lançado no Rio de Janeiro declarava solenemente que “o futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo. [Se formos] obrigados a jogar com um operário [...] a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão” (*Sports*, 6/8/1916). Era inadmissível submeter-se às mesmas regras que jogadores oriundos das camadas subalternas quando a própria sociedade ainda carecia da universalização da igualdade jurídica e da cidadania (JÚNIOR, 2007, p.63 – grifo do autor).

As primeiras ligas de futebol, a Liga Paulista de *Football*, em 1902, e a Liga Metropolitana de *Football*, do Rio de Janeiro, em 1905, surgiram para agregar a elite e

os clubes que se multiplicavam, seguindo, conforme lembra Hilário Franco Júnior, as lógicas da política nacional, um tanto segregativa e excludente.

Até 1926, devido às medidas restritivas estabelecidas pela Constituição,²⁹ o eleitorado nunca ultrapassou 4% do total da população, em eleições que eram marcadas por fraudes, violências, arbitrariedades e conflitos entre grupos oligárquicos rivais em seus respectivos estados. Os poderes da República eram verdadeiros clubes da elite que procuravam bloquear a participação popular (op. cit., p.63).

Apesar de todo esse esforço de elitização do *football association*, por parte dos clubes da sociedade dominante, o esporte bretão acabou caindo no gosto popular das camadas médias e subalternas. Utilizando uniformes puídos e chuteiras surradas, com bolas desgastadas e campos de pouca – ou quase nenhuma – grama, as classes suburbanas começaram a praticar o futebol que lhes era sonogado pela “alta sociedade”. Dessa maneira surgiram equipes formadas por “pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades (Internacional, 1909 [Porto Alegre]; Sport Club Corinthians Paulista, 1910 [São Paulo])” (Júnior, 2007, p.64). O *Correio do Povo*, jornal de Porto Alegre, em 1909, escreveu sobre o tal esporte, sob a manchete *Matches de Foot-Ball*, na ocasião de jogos amistosos entre o Sport Club Internacional e o Militar Foot-ball Club:

O foot-ball está na moda. Basta ir aos grounds dos Moinhos de Vento, da rua Voluntarios da Patria, do Menino Deus, da Escola de Guerra e outros, para se ver como a população se interessa por esse sport. (...) Toda gente fala no precioso sport inglez. (...) Não é necessario fazer aqui a apologia do exercicio physico. Os nossos professores já disseram que fatigar o corpo é repousar o espirito. Mas não basta exercitar os músculos. E’ também preciso exercitar a vontade, o espirito de decisão, consistindo isso, principalmente, a utilidade do sport. O foot-ball concorre para desenvolver, nos que o praticam, qualidades de energia e de perseverança: as suas regras precisas dão ao jogador o senso e a disciplina.³⁰

As grandes empresas logo se interessaram em formar equipes de futebol, convidando alguns de seus funcionários para representá-la em torneios e campeonatos, que, inclusive, ganhavam alguma gratificação e privilégios. Dessa forma, por exemplo,

²⁹ A Constituição a qual se refere Hilário Franco Júnior é a de 1891, decretada e promulgada pelo Congresso Constituinte, convocado, nesse mesmo ano, pelo recente governo provisório da jovem República brasileira. Essa Constituição foi marcada pela forte influência das Constituições dos Estados Unidos da América e da França.

³⁰ Essa notícia foi originalmente publicada no dia 11 de outubro de 1909 e trazida à baila na coluna “Há um século no Correio do Povo”, em 16 de outubro de 2009.

surgiram o Bangu Atlético Clube, originado da Fábrica de Tecidos Bangu,³¹ em 1904, no subúrbio homônimo do Rio de Janeiro, e o Clube Atlético Juventus,³² formado pelos empregados da fábrica de tecidos da família Crespi, em 1924, na Mooca, São Paulo.

Foi dessa forma, portanto, que as classes subalternas conseguiram driblar os “poderosos” que tinham a pretensão de manter o futebol sob os seus mandos, desmandos e caprichos, bem como a melhor forma de praticá-lo, os preceitos do cavalheirismo, da aristocracia e do *fairplay*.

Tem-se, assim, de um lado, no campo impecavelmente gramado, tem-se o *football association*, vinculado à modernidade europeia e os preceitos da boa saúde e da disciplina dos corpos. Do outro lado, dentre as quatro linhas de um campo em que a grama é artigo raro, tínhamos os corpos acostumados à lide braçal, às festas e folguedos, à arte da malandragem e da capoeira.

João do Rio, como bom cronista que era, estava atento ao fato de o futebol estar cada vez mais presente no cotidiano carioca, escreve para a *Gazeta de Notícias*, em 26 de junho de 1905:

Não há dúvida. Há vinte anos a mocidade carioca não sentia a necessidade urgente de desenvolver os músculos. Os meninos dedicavam-se ao “esporte” de fazer versos maus. Eram todos poetas aos quinze anos e usavam lunetas de míope. De um único exercício se cuidava então: a capoeiragem. Mas a arte de revirar rabos-de-raia e pregar cabeçadas era exclusiva de uma classe inferior. Depois, a moda trouxe aos poucos o hábito de outras terras (...) O futebol (...) se preparava agora para absorver todas as atenções (...) A mocidade (...) fala só de matchs de futebol, de goals, de chutes, em uma algaravia técnica, de que resultam palavras inteiramente novas no nosso vocabulário (In. FERNANDEZ, 2010, p.41).³³

Na segunda década do século XX, com o futebol alcançando cada vez mais sucesso popular, aumentou a artilharia das críticas contra a prática do referido esporte.

Em 1916, por exemplo, o proeminente Rui Barbosa, então presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), refere-se aos jogadores brasileiros que viajam a

³¹ A Fábrica de Tecidos Bangu foi fundada em 1898 com o nome de Companhia Progresso Industrial do Brasil, sendo a grande responsável pelo desenvolvimento urbano dessa região carioca – Estação Ferroviária de Bangu (1890); o ramal ferroviário de Santa Cruz (1892); a fundação da Paróquia de São Sebastião e Santa Cecília (1908).

³² Originalmente, chamou-se Cotonificio Rodolfo Crespi F. C., fruto da fusão do Extra São Paulo F. C. e do Cavalheiro Crespi F. C., equipes tradicionais na várzea paulista.

³³ FERNANDEZ, R. L. *Fluminense Foot-Ball Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)*. Dissertação (mestrado) – Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Rio de Janeiro, 2010. 195f. Disponível em:

<<http://virtualbib.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6566/CPDOC2010RenatoLannaFernandez.pdf?sequence=1>> Acesso em 14 de junho de 2010.

Buenos Aires a fim de disputar o Campeonato Sul-Americano de Seleções como corja de malandros e vagabundos.³⁴ Em 1919, por exemplo, foi criada no Rio de Janeiro, então capital federal, a Liga Contra o Futebol, iniciativa do médico Mário de Miranda Valverde, do jornalista Antônio Noronha e do escritor e funcionário público Lima Barreto.

As críticas que o futebol sofria eram muitas e bastantes severas. Quem questionava – e muito! – eram as lideranças operárias, pois o futebol era, ainda, tachado como esporte burguês e que, segundo Hilário Franco Júnior (2007, p.70), estava “a serviço da dominação de classe e da desarticulação do proletariado”, sendo “mais um produto da sociedade capitalista a ser combatido”.

No entanto, tais críticas não impediram que o futebol se tornasse, com o passar dos anos, a atividade esportiva de maior sucesso no Brasil, hoje considerado sinônimo de futebol, uma marca de identidade que o destaca dos demais países do globo.

Para termos uma melhor ideia da grandeza do ex-esporte bretão nas terras tupiniquins, cabe dizer aqui que o número de praticantes do futebol é de cerca de 30 milhões de pessoas, que chutam bolas de couro em cerca de 5 milhões de lugares, desde calçadas, parques, praias ou qualquer outro sítio que dê para marcar uma baliza, além, é claro, dos tracionais campinhos de peladas, que chegam a 20 mil.³⁵

2.2 Mente sã em corpo são: a pedagogia/sociologia do esporte

A importância da prática esportiva pode ser dividida em duas frentes: uma aborda a questão da disciplina/espírito de equipe, a outra aborda a saúde e a importância de se manter um corpo saudável.

O adestramento físico e as suas necessárias implicações, em termos de hábitos de higiene, profilaxia, alimentação e regularização da vida cotidiana, acarretariam não só em aumento das aptidões físicas individuais, mas sobretudo numa consistente disciplina do comportamento e num estímulo extraordinário dos dispêndios da atividade, os quais causariam um

³⁴ O Campeonato Sul-Americano de 1916 foi criado em comemoração ao primeiro centenário de independência da Argentina, sendo considerado o campeonato internacional mais importante da América do Sul. Nessa edição participaram Uruguai (campeão), Argentina (vice-campeão), Brasil (3º lugar, sem obter nenhuma vitória) e Chile (4º lugar). Entre os futebolistas brasileiros, destacava-se Arthur Friedenreich, primeiro grande nome do futebol brasileiro.

³⁵ Segundo dados obtidos junto ao site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), existem, no Brasil, 11 mil atletas profissionais federados e outros 2 mil jogando anualmente no exterior, 13 mil equipes amadoras que participam de jogos organizados. Além disso, são fabricadas cerca de 3,3 milhões de chuteiras, 6 milhões de bolas e 32 milhões de camisetas de algum time.

impacto principalmente na dimensão das expressões coletiva (SEVCENKO, 2009, p.47).

Ainda segundo Nicolau Sevcenko, os esportes praticados atualmente foram originados das transformações, das combinações e das adaptações de diversas práticas lúdicas arcaicas, voltadas para o lazer e o entretenimento, algumas praticadas pelo populacho, como as brincadeiras de roda, outras pelos aristocratas, como a caça (*game*). Sevcenko ainda lembra o fato de as práticas esportivas manterem algum sentido ritual, além da marcação estamental, representada pelos papéis e simbolizações sociais.

A invenção dos esportes em fins do século XIX, embora tenha se alimentado dessa tradição, deu origem a coisa completamente diversa. O que caracteriza por excelência essa nova atividade é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunscrição precisa do espaço da ação, a definição de regras fixas e padrões de arbitragem e sua institucionalização em ligas locais, nacionais e internacionais. Desempenhos medidos na linguagem abstrata dos números, desenvolvidos num espaço abstrato, num tempo padronizado, segundo um andamento meticulosamente normatizado e configurados numa escala global (SEVCENKO, 1994, p.32)

Ora, a prática esportiva perde o seu caráter primordial, de brincadeira, de distração, de entretenimento, o corpo como espaço do lúdico, para estar voltada para a competição, pela busca dos melhores e pela eterna quebra dos limites do corpo.

Já que falamos da quebra dos limites do organismo, podemos dizer que corpo é o primeiro brinquedo das crianças, assim como, no esporte, ele é o instrumento técnico para a sua prática lúdica. No esporte, portanto, cabe ao indivíduo dominá-lo para alcançar os melhores resultados, servindo tanto para as práticas esportivas de alto rendimento quanto para as práticas “de finais de semana”. Podemos considerar esse domínio do corpo como o domínio do homem sobre a máquina, na busca da maior produção, do maior rendimento. Segundo Valter Bracht,

no caso da lógica do sistema esportivo, o rendimento almejado é o máximo, não o possível ou o ótimo, considerando as possibilidades individuais e dos grupos. No sistema esportivo o próprio rendimento máximo tornou-se o objetivo a atingir. Desta forma, os meios (técnicos) alcançam grande centralidade neste sistema. Há um enorme investimento no desenvolvimento técnico que permitirá o máximo de rendimento que permitirá, por sua vez, sobrepujar o adversário. Esta lógica aparece já no processo de iniciação esportiva, de forma muitas vezes inconsciente (In. VAZ, 2001, s/p.)

O esporte é tratado pela sociedade moderna como um modelo a ser seguido, quem o pratica “está de bem com a vida”, com o corpo em forma e alcança o sucesso.

Ao contrário do indivíduo sedentário, tachado como fracassado, sem nenhuma atração física ao sexo oposto, com péssima saúde. Conforme bem escreveu Adorno (1996, p.132),

eis o segredo da sublimação estética: apresentar a satisfação como uma promessa rompida. A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto de desejo, o busto do suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo. Não há qualquer situação erótica que não junte à alusão e à excitação a indicação precisa de que jamais se deve chegar a esse ponto.

Ainda seguindo a linha de pensamento de Theodor Adorno, pode-se classificar o esporte em dois grupos. O primeiro, voltado para a competição e para o espetáculo. O segundo, marcado, principalmente, pela consciência dos limites do corpo do outro e, até mesmo, de si próprio, seria o esporte praticado na forma de jogo. Adorno faz essa distinção para criticar o fato de que o esporte-espetáculo transformar os indivíduos apenas em espectadores e consumidores – e não praticantes!

O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente, no caso dos espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço a a disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos (ADORNO, 1995, p.127).

Dessa forma, o esporte contemporâneo passou a ter um caráter notoriamente mercadológico, que pode ser consumido, no dia a dia, como forma de entretenimento, um lazer midiático, especialmente pela televisão. E o futebol é um desses produtos, pode-se considerá-lo como o maior de todos,³⁶ sofrendo uma grande mudança com o passar dos anos, pois ele não era assim quando alguns homens ingleses, de casacas e bigodes, resolveram chutar um balão de couro lá no século XIX e chamarem aquilo de *football*.

³⁶ Segundo estudo da Futebol Finance, apenas os valores dos jogadores das 32 seleções que disputarão a Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, gira em torno de € 5 bilhões, maior do que o PIB da China, o segundo maior em 2010. Já os 21 clubes com maiores receitas do futebol brasileiro geraram receitas totais no valor de € 2 milhões, representando um evolução de 69% nos últimos cinco anos. A média de receitas gerada pelos clubes na amostra atingiu os € 23,8 milhões, enquanto no exercício de 2004 era de € 14 milhões). O crescimento em relação ao ano de 2008 foi de 6,1%, maior que a taxa de crescimento da economia brasileira no ano de 2008, que foi de 5,1%.

2.3 O primeiro livro sobre futebol

O grande destaque no final do século XIX entre os livros sobre práticas esportivas era o *Manual de Ginástica Escolar*. Mereciam destaque, ainda, os livros *História do Turfe no Brasil*,³⁷ o *Livro do Sportsman* e o *Compêndio de Ginástica Escolar*.

Aproveitando esse interesse pelo esporte, Mário Sérgio Cardim lançou, em 1904, o *Guia de Foot Ball*, o primeiro livro a tratar do assunto futebol no Brasil. O livro de Cardim abordava uma série de assuntos acerca do tema futebol, como, por exemplo, as dimensões do *field*, a biografia dos primeiros *players* e a descrição dos principais *teams* paulistas e cariocas. Além disso, o *Guia de Foot Ball* trazia as regras do *football* traduzidas diretamente do inglês para o português, bem como instruções para a arbitragem, tornando-se, segundo José Moraes dos Santos Neto (2002, p.89), “durante mais de quinze anos, as regras de condutas dos juizes nos gramados brasileiros”.

Cardim, assim como muitos homens do seu tempo, pregava o *fairplay*. O *football* era um esporte de cavalheiros, cujas regras deveriam ser rígidas e respeitadas, inclusive dando dicas de comportamento para a torcida, que deveria ser pouco ruidosa e disciplinada, assemelhando-se, assim, com os torcedores que lotavam as quadras de Wimbledon e Nova Iorque para assistirem às partidas de tênis.

Dessa forma, Cardim, um grande amante do esporte bretão, buscava evitar confusões como a ocorrida no longínquo 13 de maio de 1904, no *match* entre Mackenzie e Paulistano, válido pela Liga Paulista.

Em uma reportagem d'O Estado de São Paulo, o Mackenzie acusava os jogadores do Paulistano de praticarem um futebol selvagem, fora dos padrões de um verdadeiro *match*. O jogo entre as duas agremiações tivera lugar no Parque Antártica (...), com arbitragem de Charles Miller, e fora vencido pelo Paulistano por um gol a zero, sendo que o jogador de nome Paixão, do Mackenzie, havia se contundido e terminara a tarde sendo levado de tálburi até sua residência. Após acusações mackenzistas, e as contestações feitas pela diretoria do Paulistano, Charles Miller e Mário Cardim resolveram interferir, promovendo um acordo de cavalheiros (NETO, 2002, p.90).

³⁷ As primeiras práticas do turfe deram-se no ano de 1810, na praia do Botafogo, por meio de ingleses que chegaram junto à família real portuguesa. Na década de 1890, época de lançamento desse livro, o turfe passava pelos seus “anos dourados”, já que, no Rio de Janeiro, cinco hipódromos funcionavam ao mesmo tempo nessa época.

Assim, mesmo engatinhando em solo brasileiro, o futebol já possuía literatura própria na “língua nativa”, espaço próprio em jornal e em livro, o que de alguma forma já pode ser encarado como um indício do sucesso que o *football association* alcançaria por este lado do Atlântico.

2.4 Uma questão de identidade

Montserrat Guibernau escreve que identidade é “uma definição, uma interpretação do eu que estabelece o que é, e onde está sob os aspectos tanto social como psicológico” (GUIBERNAU, 1997, p.82). Assim, podemos encarar a identidade nacional como a capacidade com que determinado indivíduo tem de estar inserido dentro de um grupo.

O futebol tem essa capacidade de fazer com que o brasileiro tome uma posição, já que ele é, para o brasileiro, um simulacro da justiça social. Tanto dentre as quatro linhas quanto nos degraus de uma arquibancada, todos são iguais.

Após a Copa do Mundo de 1938, na França, quando o terceiro lugar causou uma enorme euforia no país – ainda mais quando a profissionalização do esporte era recente! –, o Brasil autoproclamou-se o país do futebol, embasado, inclusive, em teses e teorias de intelectuais de respeito, como foi o caso de Gilberto Freyre – nosso jeito de jogar era diferente, nossos jogadores eram os tais!

Esse discurso formador de uma identidade nacional a partir de um esporte, no caso do futebol, mostra que, conforme escreveu Paul Ricouer, a identidade está ligada à narrativa, mais detalhadamente, no momento em que a coletividade narra as histórias sobre si para si mesma. É aí que ela retira a sua essência! Em outras palavras, pode-se dizer que a identidade é construída a partir dos traços comuns que são encontrados nos indivíduos de determinado local; porém, ela varia em cada indivíduo devido a sua constante “mutação”.

Essa “mutação” se dá devido às diversas fases que ela passa até atingir a sua formação por completo, estando sujeita a uma série de fatores externos, como, por exemplo, fenômenos culturais, políticos, econômicos, sociais e, no caso do futebol, esportivos.

A identidade nacional muitas vezes é despertada em momentos de dificuldade, como, por exemplo, o ocorrido na final da Copa do Mundo de 1950, quando o Brasil perdeu a final frente ao Uruguai, que fez com que o brasileiro se tornasse um obcecado

pelo título mundial – conquistado oito anos depois do *Maracanazo*. Ernest Renan escreveu que os indivíduos se unem mais no sofrimento do que na alegria,³⁸ já que o valor de positividade da identidade nacional está ligado ao fato de defendê-la, ou seja, quando os valores da coletividade estão acima de quaisquer interesses individuais.

Podemos resumir a identidade na adição que se dá entre a continuidade do tempo e a diferenciação frente às demais coletividades nacionais, o eu *versus* o outro. Tal continuidade está relacionada ao enraizamento histórico da nação bem como as suas perspectivas de futuro. No caso do futebol, o brasileiro vê um passado glorioso, o país com mais títulos mundiais, berço do maior jogador de todos os tempos e que sempre tem a expectativa de conquistar novas vitórias e títulos – vide o fato de o Brasil sempre ser colocado como favorito a conquistar o mundial, mesmo quando temos ciência de que o time não é um dos melhores. Já a diferenciação existente está relacionada com a capacidade do indivíduo de se reconhecer como pertencente a uma cultura partilhada, além de estar inserido em um território demarcado que estabelece as fronteiras entre o nacional e o estrangeiro, os iguais e os diferentes. Dessa forma, o estilo de jogar futebol do brasileiro – resumidamente, a ginga, a criatividade, o improviso – o distingue dos demais.

2.5 É gol: a junção futebol e crônica

O futebol dedica boa parte do seu sucesso à cobertura jornalística realizada ao longo de todo o século XX. No início, somente noticiando a novidade trazida por Charles Miller, em 1894. Nas décadas seguintes apenas algumas notas, informando basicamente sobre o serviço de algum *match* que seria realizado ou o *score* de algum outro jogo já findado.

No entanto, em 1910, já era realizada uma cobertura esportiva mais sistemática em um jornalzinho voltado aos imigrantes italianos que habitavam a cidade de São Paulo, chamado *Fanfulla*.³⁹ Nesse jornal pode-se encontrar inúmeros relatos referentes aos jogos do Sociedade Esportiva Palestra Itália, hoje Sociedade Esportiva Palmeiras. Segundo Paulo Vinícius Coelho (2004, p.8),

³⁸ Tradução minha do original “la souffrance en comun unit plus la jolie”. Apud RAOUL, Gireardet. *Nationalismes et nation*. Bruxelles: Editions Complexes, 1996, p.138.

³⁹ O jornal *Fanfulla* foi fundado em 1893 e leva o nome de um guerreiro libertário da região da Lombardia, na Itália.

a *Fanfulla* é até hoje a grande fonte de consulta dos arquivos do Palmeiras sobre as primeiras décadas do futebol brasileiro. O jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte ainda não cativava multidões. E informava as fichas de todos os jogos do clube dos italianos. Até mesmo dos que incluíam times aspirantes palestrinos contra os segundos quadros de equipes do interior.

Com a fundação do *Jornal dos Sports*, em 1931, o futebol ganha, enfim, popularização e veículo especializado, sendo o primeiro jornal especializado em esportes do Brasil. Não foi por acaso que, na década de 1930, o futebol alcança o profissionalismo, já que o jornalismo também se especializava e, dessa forma, uma maior produção de textos sobre o futebol saíam das rotativas diretamente para as bancas. Foi durante esses processos de profissionalização que o *Jornal dos Sports* pode acompanhar a primeira crise no futebol brasileiro, quando houve uma cisão entre os clubes dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.⁴⁰

Sobre a cobertura dos jornais acerca dessa crise, escreve o jornalista Paulo Vinícius Coelho:

Os jornais cariocas acompanharam tudo como puderam. Com pouco espaço e dando mais destaque ao que acontecia dentro de campo do que à briga política entre os times. Isso até a pacificação, em 1937, quando entrou na moda o melhor estilo carioca de divulgar o futebol (op. cit., p.16).

Foi a partir das décadas de 1940 e, principalmente, de 1950, que a crônica esportiva deu um salto. Fruto do trabalho de Mário Filho e de Nelson Rodrigues, os irmãos que alçaram a crônica esportiva para o primeiro plano no mundo jornalístico.

A crônica esportiva da primeira metade do século XX, além de ser um meio de divulgação do futebol para as massas, foi a grande responsável por estabelecer mitos do mundo futebolístico. Jogadores tornaram-se mitos e jogos transformaram-se em batalhas épicas a partir das crônicas de José Lins do Rego e de Nelson Rodrigues – claro que de forma bem “menos exagerada” no caso do autor de *O Menino de Engenho*.

⁴⁰ Explica Paulo Vinícius Coelho: “Em 1935 e 1936 houve dois campeonatos simultâneos em São Paulo. No Rio de Janeiro, a crise começara em 1933, ano em que se firmou o profissionalismo. O Botafogo, campeão em 1932, jogou entre os amadores nos três anos seguintes. Ganhou os três títulos e autoproclamou-se tetracampeão carioca. Mas os demais campeonatos continuaram a suceder-se. Em 1933, o Bangu conquistou pela primeira vez um título estadual (...) Em 1934, o Vasco foi campeão. Em 1935, ganhou o América seu sexto Campeonato Carioca. Em 1936, pelo quarto ano seguido, os clubes não chegaram a nenhum acordo. E a cisão dividiu ainda mais o futebol do Rio de Janeiro. Tanto que de um lado o campeão foi o Fluminense, de outro o Vasco, clubes que antes estavam do mesmo lado” (COELHO, 2004, p.16).

Com relação aos jogadores que foram “mitificados”, tomemos como exemplo o seguinte trecho da crônica de José Lins do Rego, intitulada *Heleno* e publicada em 28 de maio de 1945 no *Jornal dos Sports*.

Apesar de tudo, o rapaz ainda é o melhor do Brasil. Reclamando, enfezado, irritando até as traves dos gols, ainda é ele o melhor, o mais eficiente, o de mais classe, o mais capaz. Outros poderão vir, mas, por enquanto, ninguém se aproxima dele. Depois que Leônidas se foi, ou melhor, depois que acabou o futebol de Leônidas, o que existe por aí é o futebol de Helena. Por tudo isso é que lastimo que ele se vá com destino a Buenos Aires (REGO, 2002, p.96).

É consenso que Heleno de Freitas foi um dos maiores jogadores do futebol brasileiro. No entanto, outros jogadores, digamos, “comuns” – ou menos badalados – também mereceram rasgados elogios devido a uma partida ou gol. Foi o caso, por exemplo, do rubro-negro Moacir, após determinado jogo do Torneio Rio-São Paulo, em que teve atuação de destaque, mereceu rasgados elogios de Nelson Rodrigues:⁴¹

De um lado a gana plebéia de Moacir, de outro lado, o esforço regiamente pago de um Didi. Ou, por outras palavras, o suor contra o ouro (...) O Flamengo venceu o Botafogo porque se lançou na batalha como se estivesse disputando não o modesto Rio-São Paulo, mas o Mundial da Suécia. Dir-se-ia que Moacir disputava a bola como se fosse devorá-la, fisicamente (...) E Moacir, com suas disparadas, foi, em muitos momentos, um símbolo exato do jogador do flamengo, e digo mais: – do jogador brasileiro (...) Assim devemos jogar na Europa, para arrancar dos húngaros, russos, ingleses o título de campeões do mundo (...) Tenho certeza de que se, por causa de um gol fosse indispensável quebrar as duas pernas, ele [Moacir] o faria. Eis a lição que, no Rio-São Paulo, o Flamengo tem dado: – é com homens assim que se faz um escrete (RODRIGUES, 2007, p.356).

Nessa crônica em que Nelson compara o custo-benefício de um jogador como Moacir, um jogador que custa pouco ao clube, mas que não tem medo de nada, que deve, a partir do comentário do cronista, servir de modelo para o boleiro nacional.

Outro exemplo é Pelé. Foi graças a uma crônica de Nelson Rodrigues, a primeira dele sobre o futuro maior jogador de futebol de todos os tempos, que o ainda jovem Édson Arantes do Nascimento recebeu a alcunha que lhe acompanha por toda a vida: Rei.

Verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um *rei*, não sei se Lear, se

⁴¹ Crônica publicada em 29 de março de 1958 na *Manchete Esportiva*, fazendo referência ao jogo Flamengo 4 x 0 Botafogo, pelo Torneio Rio-São Paulo

imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: — ponham-no em qualquer rancho e a sua *majestade dinástica* há de ofuscar toda a corte em derredor. O que nós chamamos de *realeza* é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: — a de se sentir *rei*, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento (op. cit., p.345 – grifos meu).

Esse tipo de crônica ficava no imaginário do torcedor em um tempo em que as partidas eram transmitidas apenas por rádio. Ao transformar jogadores em semideuses ou simplesmente apelidando-os de Rei ou de Príncipe Etíope,⁴² por exemplo, os cronistas motivavam os torcedores a irem ao estádio, além, é claro, de aumentar a idolatria sobre este ou aquele jogador. Paulo Vinícius Coelho faz a sua crítica a respeito desse assunto, dizendo que muitos jogadores foram injustiçados, principalmente os nossos contemporâneos – ou que recentemente penduraram as chuteiras!

[o resultado de uma crônica comprometida com a verdade] é uma crônica tão desprovida de paixão que é capaz de jogar na vala comum atletas que certamente já mereceram lugar na história. Gente como Rivaldo, Ronaldo, Romário, Bebeto, Dunga. Gente que deu ao país o quarto e o quinto título mundial, e que jamais foi tratada com a reverência dedicada aos campeões de 1958, 1962 e 1970.

O problema, evidentemente, é que o que é verdade, o que é opinião e o que é lenda se misturam e nem todo mundo é capaz de diferenciar o que é jornalismo e o que não é. Mas a maneira como os principais jornalistas esportivos de cada tempo se referem aos jogadores de cada época produz distorções difíceis de corrigir (COELHO, 2004, p.19).

Tanto o futebol quanto a crônica são produtos da modernidade. Ambos vieram do exterior, foram olhados de soslaio por alguns, mas aclimataram-se rapidamente por estas terras e, especialmente, adquiriram características próprias que os distingue daquilo que vem de fora.

A crônica e o futebol caminharam juntos durante o século XX, formaram uma excelente dupla de atacantes. Enquanto crônica ajudou o futebol a ser divulgado, a criar os seus mitos, a eternizá-lo nas suas linhas, o futebol alavancou as vendas dos jornais ao mesmo tempo em que oferecia a matéria-prima para os gênios de Lima Barreto, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade ou tantos outros grandes nomes da literatura brasileira.

⁴² Príncipe Etíope foi o apelido criado por Nelson Rodrigues para Didi, bi-campeão mundial com a seleção brasileira (1958 e 1962) e criador da folha-seca.

3. BOLA PRO MATO QUE O JOGO É DE CAMPEONATO: TENSÕES ENTRE O CRONISTA E O FUTEBOL

3.1 A crônica esportiva

Originada do folhetim francês, a crônica pode ser não ficcional, sendo escrita a partir dos fatos do cotidiano e sendo fiel a ele, ou possuir um caráter de ficção, em que o cronista cria personagens, diálogos ou situações.

O jornal, *habitat* natural da crônica, apresenta-se como o guardião da memória social na modernidade. Conforme Soares et al. (2007, p.369),

rememorar qualquer evento que ligue o presente ao passado se tornou um dos motes do jornalismo. No caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte.

Não ficam dúvidas de que a crônica é o gênero literário que tem mais vínculo ao esporte e, principalmente, ao futebol, visto que ela acompanhou os primeiros passos do esporte em solo brasileiro. Desde João do Rio e Lima Barreto, que tinham restrições ao esporte e são os primeiros a acompanhar o futebol, passando pelas décadas de 1930, 1940 e 1950, quando o futebol se sedimenta na sociedade e momento no qual são contados os grandes feitos dos atletas da época, a crônica acompanha a bola a rolar pelos gramados. Além dos já citados João do Rio e Lima Barreto, pode-se dizer que Coelho Neto, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos e Gilberto Amado foram os principais expoentes desse assunto até as décadas de 1920/1930, quando o futebol massifica-se nas terras brasileiras.

Trouche considera as décadas de 1920, 1930 e 1940 como sedimentadoras da prática do futebol, massificando e “transformando o futebol, mais do que um esporte nacional, numa verdadeira paixão popular mobilizando um contingente de centenas de milhares de praticantes e torcedores a cada final de semana” (TROUCHE, 2002, s/p). A literatura não produziu, sequer, uma grande linha acerca do tema, e lembremos que nesse ínterim falou-se do jagunço, do cangaço, da Avenida Paulista, da utopia socialista, dos mitos do passado, do retirante e da repressão. Coube à crônica dedicar o seu “parco” espaço ao futebol, constituindo-se, assim, ao longo do século XIX, a crônica esportiva. Conforme escreveu Milton Pedrosa (1968, p.8-9),

de começo, sem personalidade própria, sujeito às mesmas vicissitudes daquela a quem criava e que o criava (...) Na verdade surgiam quase marginalizados na imprensa. Quando o futebol ainda engatinhava, um João do Rio precisava se disfarçar para fazer uma reportagem no Fluminense.

Originalmente destino dos jornalistas iniciantes, a editoria de esportes teve que modificar a sua formação profissional com o desenvolvimento dos esportes, em especial, do futebol.

Conforme Massaud Moisés, a crônica naturalizou-se brasileira, mais precisamente carioca. Podemos explicar essa situação pelo fato de o Rio de Janeiro, no início do século XX, ser a capital da República e, conseqüentemente, ser o centro econômico e político do país.

É certo que há cronistas, e de mérito, em vários Estados onde a atividade jornalística manifesta vibração algo mais do que noticiosa – mas também é certo que, pela quantidade, constância e qualidade de seus cultores, a crônica semelha produto genuinamente carioca (MOISÉS, 2003, p.103).

No apagar das luzes do século XIX, a prática de esportes ganhou força na sociedade carioca, caindo no gosto da população. Assim, o cronista, muito atento às práticas cotidianas, acabou ganhando mais um assunto para o exercício da sua pena.

Para se ter uma idéia desse *boom* esportivo, somente no último quarto do século XIX foram fundados 19 clubes voltados para a prática do remo.⁴³ Pode-se perceber que dessa gama de clubes, quatro iriam se destacar pelo exercício de outro o esporte, o futebol, o que os tornaria os maiores clubes do Rio de Janeiro bem como alguns dos maiores do Brasil. São eles: Fluminense, Botafogo, Flamengo e Vasco da Gama.⁴⁴

Na virada do século XIX para o século XX, o Rio de Janeiro era considerado o centro esportivo do Brasil: o turfe já estava organizado e desenvolvido na cidade, sendo aceito pelas elites e pelas demais classes sociais, além de alcançar uma forte inserção social, enquanto o remo já tinha regatas com arquibancadas montadas, casas de aposta e um sem número de juizes e comissões. Além disso, natação, ciclismo e atletismo não utilizavam somente o modelo de organização do turfe como *benchmarking*, mas também utilizavam as suas instalações, no caso do ciclismo e do atletismo. Outra

⁴³ Foram eles: Club de Regatas Guanabareense (1873); Paquetaense (1884); Cajuense (1885); Internacional (1887); Union des Canotiers e Fluminense (1892); Botafogo (1894); Gragoatá, Icarai e Flamengo (1895); Natação e Regatas (1896); Boqueirão do Passeio (1896); Caju (1897); São Cristóvão e Vasco da Gama (1898); Guanabara (1899); Náutico e Internacional de Regatas (1900).

⁴⁴ Dos quatro clubes, apenas o Fluminense Football Club não leva a palavra “regatas” no seu nome: Botafogo de Futebol e Regatas, Clube de Regatas do Flamengo e Club de Regatas Vasco da Gama

evidência disso é o fato de que as provas dessas três modalidades serem chamadas de páreos à época.

Exemplo dessa simbiose entre a crônica e o esporte, é que podemos encontrar, nos anos de 1878 e 1884, duas crônicas de Machado de Assis, o mais lido cronista da época, tratando, respectivamente, de um páreo de turfe e de uma regata. Já Olavo Bilac, outro grande cronista da época e grande admirador do remo, dedicou algumas linhas ao referido esporte:

Basta comparar a grande geração, que atualmente envelhece no Rio de Janeiro, à geração nova que aí se está formando com o exercício do remo, para ver que benefícios se estão colhendo do desenvolvimento do *sport* náutico. Ver essa mocidade, exuberante de saúde e de alegria $\frac{3}{4}$ é cousa que encanta e orgulha (...). O contacto diário com o ar livre e com os perigos do mar salva-a do desânimo e do abatimento moral (apud MENDONÇA, 1909, p.397).

Uma das razões para o início da prática esportiva no país é o novo modelo de corpo que passa a ser cultuado. Já não basta apenas exercitar o intelecto e o sentimento, deve-se cultivar a boa forma física, que vinha por meio das revistas e dos jornais da Europa, além, é claro, das companhias de teatro e música que vinham se apresentar no Brasil. Segundo Luiz Edmundo (2003), Severine, uma atriz francesa que gozava de certo prestígio à época, quando apresentada aos homens brasileiros, acabou decepcionada com as suas formas.

Além do culto à boa forma do corpo, os higienistas passaram a defender a prática esportiva para melhor equilíbrio entre o físico e o mental. Segundo Paulo César Rodrigues Carrano (2000, p.19),

os defensores da higiene passaram então a fazer da luta em favor do desenvolvimento físico dos brasileiros uma de suas principais bandeiras. Tal cuidado estaria na base de uma educação completa e saudável, pois ela geraria no indivíduo “um robusto equilíbrio físico e mental”. O alvo principal seria, neste sentido, a juventude e a infância.

Enfim, conforme Nicolau Sevcenko, essa “metamorfose” pelo qual a prática esportiva passou na virada do século XIX para o XX, deve-se ao fato de que o esporte passou a ser

uma vocação para o corpo e a saúde disputada no coração dos “novos homens”, pelo seu impulso instintivo para a concorrência, a agressividade e o sucesso. A saúde (...) imprimia uma conotação de autoestima, autoconfiança e combatividade, inscrita na coloração irradiante da pele, na

estrutura sólida, nas proporções adequadas, nas formas esbeltas (SEVCENKO, 1998, p.559).

Com a progressiva massificação dos esportes, os jornais, até então voltados, principalmente, para assuntos políticos, passaram a dedicar mais páginas para tais práticas. A editoria de esportes, outrora destino dos jornalistas iniciantes, passou a ser encarada com mais seriedade pelos editores. Os jornalistas passaram a ter que entender de regras, conhecer a história e os personagens, bem como ter conhecimento dos fatos e das suas implicações sociais e culturais. Temos, portanto, um perfil de jornalismo esportivo ainda em estágio embrionário.

Mário Sérgio Cardim foi quem, segundo José Moraes dos Santos Neto, nas crônicas diárias publicadas n’*O Estado de São Paulo*, consagrou o “antigo” estilo de escrever a crônica de um jogo, que seria basicamente:

Perante numerosa assistência, realizou-se no campo x, mais um jogo do campeonato entre os valorosos elevens dos clubes A e B. O tempo estava ótimo, vendo-se nas arquibancadas muitas senhoras, senhoritas e sportsmen. A saída coube ao clube A. O jogo foi bem disputado com o Team B praticando belíssimos driblings até a linha de 12 jardas. Ahi o sr. X shootou com força para o goal, provocando aplausos das senhoras e senhoritas da nossa melhor sociedade e hurrahs dos senhores (NETO, 2000, p.91).⁴⁵

Então, com os olhos focados nessa nova realidade, aqueles que escreviam sobre o dia a dia das cidades passaram a escrever sobre tal tema, dedicando espaços de fôlego para o futebol. A matéria escrita por esses homens passaram a ser denominadas de crônica esportiva – em especial àquelas que tratavam do brioso ludopédio, o que serve de exemplo, segundo Lucena (2003, p.167), “da relação que se aprofundava entre a linguagem jornalística e a crônica, que vai passo a passo se constituindo em um gênero-síntese”.

Foi Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, quem trouxe para a crônica esportiva uma nova linguagem – de estilo mais simples –, que acabou por aproximar o futebol do seu público, além de estabelecer credibilidade ao ofício de cronista esportivo.

Segundo Nelson Rodrigues, foi seu irmão quem impulsionou a crônica esportiva no Brasil, já que

⁴⁵ Ainda segundo José Moraes dos Santos Neto, esse estilo de crônica prevaleceu por mais de dez anos, sendo gradualmente modificada por Paulo Várzea, Max Valentim, Antônio Figueiredo, Marcos Mendonça, Leopoldo Santana, Henrique Blatter, Briani Júnior e Thomaz Mazzoni.

graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página (...). Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês (RODRIGUES, 1987, p.137-138).

Nelson Rodrigues credits, still, the professionalization of the sports chronicler to Mário Filho, inclusive reflecting on the physical change or, simply, the appearance of the chronicler, since his “suits, ties and shoes accompanied the lightning social and economic ascent. Yes, we were professionalized by Mário Filho” (op. cit., 1987, p.138). *O Anjo Pornográfico* goes further when he writes that the Brazilian sports chronicle lived in its pre-historical era before the arrival of his brother. Before being relegated to the margins of newspapers, Mário Filho made it so that she gained the bold letters and the garrafais of the first pages.

Hoje, eu e meus colegas andamos por aí, realizados bem vestidos, temos automóveis, aos sábados, frequentamos boates; passamos de frente erguida e o nosso palpito tem a imodéstia do juízo final. Mas gostaria de perguntar: o que era e como era crônica esportiva antes de Mário Filho? Simplesmente não era, simplesmente não existia. Sim, a crônica esportiva estava na sua pré-história, roendo pedras nas cavernas (...) até que um dia Mário Filho apareceu, havia também no seu texto uma visão inesperada do futebol e do craque, um tratamento lírico, dramático, humorístico que ninguém usara antes (...) a imprensa deixara de ser besta, Mário Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público, graças a ele o leitor se tornou tão próximo tão íntimo do fato (...) e então o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página...eis o que eu queria dizer, Mário Filho foi no futebol um criador de multidões.⁴⁶

Segundo escreveu Ruy Castro, os jornais de até então, como o *Jornal do Brasil*, por exemplo, dedicavam uma página, vez que outra, para as notícias do futebol, quase sempre depois do *match* já ter sido disputado, o resultado conhecido e, principalmente, comentado por todos. A primeira matéria de Mário Filho sobre o futebol abordou, ao invés de simplesmente divulgar um resultado, uma botinada que o beque Itália, do Vasco da Gama, deu no joelho de Alfredinho, atacante do Fluminense, em um treino da seleção carioca.

O Vasco ia enfrentar o Fluminense aquele domingo e Itália tirou Alfredinho do jogo. Mário Filho foi com o fotógrafo à casa de Alfredinho e fotografou o seu joelho em frangalhos. No dia seguinte, “A manhã” publicou aquele dramático joelho em tamanho natural, dava para ver o crime

⁴⁶ Retirado do site do *Canal 100*. Disponível em: <<http://www.canal100.com.br/index.php/?p=946>> Acesso em 11 de janeiro de 2010.

provocado pela chuteira de Itália. Podia não ser agradável de imprimir, mas era notícia (CASTRO, 2008, p.114).

Com essa mudança de foco na crônica esportiva, deixa-se de ter apenas o frio resultado de um placar qualquer. O futebol humanizava-se, pois as partidas ganhavam histórias próprias, muitas vezes dramáticas, cujos jogadores eram os protagonistas. O joelho machucado ou a bofetada no juiz, eis a matéria a matéria da crônica, aquilo que diferenciava um *match* de outro e que lhe dava contornos próprios, uma história própria.

Ruy Castro também é outro quem reconhece a importância de Mário Filho para a formação da crônica esportiva brasileira. Segundo o biógrafo de Nelson Rodrigues, foi Mário Filho o responsável por aproximar o jornal dos torcedores, retirando do futebol o seu caráter de “coisa importada”.

Até então os jornais calçavam polainas quando se referiam, à inglesa, ao Club de Regatas Flamengo, ao Fluminense Football Club. O Bangu, que era um time de fábrica, era The Bangu Athletic Club. Mário Filho começou a chamá-los de Flamengo, Fluminense, Bangu, sem nove-horas, como os torcedores faziam na rua (...) Simplificou tudo: o “aprazível ‘field’ da rua Álvaro Chaves” tornou-se “o campo do Fluminense” e pronto. Mais: humanizou os jogadores, perfilando-os, biografando-os na semana de uma partida importante. Perguntava pelas suas vidas particulares, fazia-os dizer coisas interessantes nas entrevistas (op. cit., p.114).

Beirando o ficcional e o não ficcional, a crônica esportiva também beira a literatura e o jornalismo. O cronista se baseia em fatos; porém, valendo-se da liberdade que tem, ele os reconstrói, ou melhor, ele transforma a notícia esportiva em poesia.⁴⁷

Ao ter-se contato com os textos de Lima Barreto, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, José Lins do Rego e Nelson Rodrigues, por exemplo, que abordam o tema futebol nos seus escritos, nota-se claramente que todos eles não inventam os fatos, o que, aliás, é tendência da crônica esportiva brasileira: não inventar fatos, apenas contá-los a partir da experiência e, principalmente, do olhar daqueles que os vê/escreve.

Conforme Trouche (2002, s/p), essas crônicas seriam “uma conversa que promove um evidente processo de ficcionalização, capaz de transformar uma partida numa batalha épica, e jogadores em personagens e heróis e/ou vilões”, transformando aquilo que ele, como cronista – ou, ainda, na posição imaginada de jogador ou de torcedor –, vê, sente e ouve em literatura, como são os casos de cronistas do naipe de

⁴⁷ Entenda-se poesia aqui, a utilização das palavras para despertar o sentimento do belo, do elevado, do que comove o leitor.

Lima Barreto e Nelson Rodrigues, por exemplo, com toda a sua universalidade e atemporalidade.

Cabe aqui uma distinção entre a crônica sobre o futebol produzida por João do Rio, Lima Barreto, Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade e, apenas para um exercício de comparação, as crônicas produzidas por Paulo Roberto Falcão e Victor Birner, Tostão e Juca Kfourri, por exemplo.

O texto dos quatro últimos está voltado para a crítica e para a opinião, sem pretensão estética. Nesses textos são discutidas escalasções, esquemas táticos, se Fulano ou Beltrano devem ser titular de determinada equipe, ou seja, neles são apenas comentados os fatos que acercam o futebol no seu cotidiano, sempre permeado pelo discurso da isenção e da ausência da passionalidade que move o torcedor e que pode ser encontrado, por exemplo, nos textos de Carlos Drummond de Andrade e Nelson Rodrigues, ambos aficcionados pelo esporte bretão.

Essa ausência de passionalidade dos cronistas contemporâneos, que sequer assumem, junto ao torcedor, as cores para as quais torcem, é o que parece referendar os seus escritos, autorizando, sobremaneira, os seus discursos, e contrapondo-os à grande massa apaixonada, que não vê nada além da camiseta amada. Pode-se dizer que o embate entre o cronista contemporâneo e o torcedor comum se dá, acredito eu, na dicotomia existente entre a razão e a paixão, sendo a primeira a base de sustentação para o argumento do cronista, enquanto a segunda desautoriza o discurso proveniente das arquibancadas.

Tomemos como exemplo, para comparação, um texto escrito por Carlos Drummond de Andrade e Juca Kfourri sobre o mesmo tema (ou quase), digamos assim: o elogio à atuação de um jogador entre as quatro linhas. Primeiro vamos ao texto de Juca.⁴⁸

Será que Robben não está bem, que sua volta foi prematura? A resposta veio em seguida, ou melhor, 15 minutos depois.

Assim que saiu da esquerda, onde começara a partida, e foi para a direita, recebeu um passe longo e milimétrico de Sneijder, avançou, driblou dois rivais e fuzilou de esquerda, de fora da área, num golaço, típico de quem se não está 100% está, ao menos, 95%.

Um lance para mostrar que tem mais um craque em ação na Copa da África.

⁴⁸ KFOURI, J. *A Holanda outra vez?* Blog do Juca. Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br/2010/06/a-holanda-outra-vez/>>. Acesso em 10 julho de 2010.

O mesmo assunto, agora tratado pela escrita de Drummond, na crônica intitulada *Pelé: 1000*, de 1969:⁴⁹

O difícil, o extraordinário, não é fazer mil gols como Pelé. É fazer um gol como Pelé. Aquele gol que gostaríamos tanto de fazer, que nos sentimos maduros para fazer, mas que, diabolicamente, não sei deixa fazer. O gol. (...) O Rei chega ao milésimo gol (sem pressa, até se permitindo o *charme* de retificar para menos a contagem) por uma fatalidade à margem do seu saber técnico e artístico. Na realidade está lavrando sempre o mesmo tento perfeito, pois outros tentos menos apurados não são de sua competência. Sabe apenas fazer o máximo, e quando deixa de destacar-se no campo é porque até ele tem instantes de não-Pelé, como os não-Pelés que somos todos (ANDRADE, 2002, p.195-196 – grifo do autor).

Ficam claras as diferenças, em especial uma, a paixão pelo futebol como arte, mas a principal é o fato de Juca Kfourri ser mais objetivo e pragmático – como o futebol pós-Copa do Mundo de 1982! Mas voltemos ao pequeno fragmento da crônica escrita por Carlos Drummond de Andrade.

O poeta coloca nas suas palavras um tom épico e heroico, não apenas descrevendo um gol, o milésimo da carreira do Rei, mas escrevendo sobre o quão difícil é ser Pelé. Ao mesmo tempo em que Pelé se diferencia dos “mortais” na beleza dos seus gols e das suas jogadas, mas que ao mesmo tempo é um não-Pelé como todos.

Nota-se, portanto, nas palavras de Drummond, que para ele, enquanto cronista do tema futebol, não existe interesse além da beleza do futebol, da arte dos jogadores em campo. Drummond não está preocupado com consequências, como o futuro de Pelé. Ele apenas registra o momento do gol mil e tece suas reflexões a partir desse acontecimento, transformando um “simples” gol de pênalti em literatura, como se pode ler no trecho a seguir da mesma crônica.

Que adianta escrever mil livros, como simples resultado de aplicação mecânica, mãos batendo máquina de manhã, à noite, traseiro posto na almofada, palavras dóceis e resignadas, ao uso incolor? O livro único, este não há condições, regras, receitas, códigos, cólicas que o façam existir, e só ele conta – negativamente – em nossa bibliografia. (...) Obra de arte, em forma de gol ou de texto, casa, pintura, som, dança e outras mais, parece antes coisa-em-ser natureza, revelada arbitrariamente, quase que à revelia de instrumento humano usado para a revelação. Se a obrigação é aprender, por que todos que aprendem não a realizam? Por que só este ou aquele chega a realizá-la? Por que não há 11 Pelés em cada time? Ou 10, para dar uma chance ao time adversário? (ANDRADE, 2002, p.196).

Esse tipo de crônica esportiva escrita por Carlos Drummond de Andrade é artigo raro, assim como são raros os escritores renomados que escrevem sobre o mundo vazio

⁴⁹ Crônica publicada, em 28 de outubro de 1969, no *Jornal do Brasil*.

do futebol, muitas vezes tachado abjetamente de “ópio do povo”, “alienação de massas” e “objeto de distração dos pobres”, por exemplo.⁵⁰

Nelson Rodrigues, ciente dessas críticas para com o futebol, rebate tais detratores escrevendo que o futebol é mais do que um jogo, é um lugar por onde desfilam os sentimentos do homem.

Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: – a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. E o lindo, o sublime [...] é que, atrás dela, há o homem brasileiro com o seu peito largo, lustroso, homérico (RODRIGUES, 1993, p.104).

Um dos motivos que fez com que Drummond tivesse a liberdade de escrever dessa forma sobre o futebol se deu graças à profissionalização do jornalismo brasileiro na década de 1940, em especial aos irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues, o “camisa 10” entre os cronistas esportivos do século XX. Pois se a crônica esportiva, segundo o próprio Anjo Pornográfico, tornou-se outra com Mário Filho, podemos dizer que ela foi se consolidar com os escritos de Nelson, em especial, com as crônicas escritas entre os anos de 1955 e 1959 e publicados na revista *Manchete Esportiva*, como veremos mais adiante.

3.2 O pontapé inicial: as primeiras notas da imprensa sobre o futebol

Por ser um esporte relativamente novo na *terra brasilis* – e ainda disputando espaço nos corações dos espectadores com o ciclismo, o remo e o turfe, não necessariamente nessa ordem! – o futebol não era assunto dos jornais e, muito menos, dos cronistas da época, interessados, obviamente, nos assuntos do cotidiano, no qual o futebol ainda não causava grandes comoções. Mas tal situação não era exclusiva do futebol. O remo, o turfe e o ciclismo, os principais esportes do findo século XIX, também não eram assuntos recorrentes dos jornais, que ainda não possuíam seções de esportes. O tema esporte era abordado esporadicamente tanto pelos jornais, geralmente na forma de “colunismo social”, quanto por cronistas de certo quilate, como Machado de Assis e Olavo Bilac. Sobre o interesse dos jornais para com o futebol, Mário Filho escreve:

⁵⁰ Há, também, a definição “22 marmanjos correndo atrás de uma bola”, muito utilizada pelas mulheres, muitas vezes preteridas ante o futebol, como instrumento de vingança.

O futebol só interessou às folhas depois de se tornar paixão do povo. Enquanto não encheu os campos, não dividiu a cidade em grupos, em verdadeiros clãs, o futebol quase não existia para os jornais. Por isso a consulta de jornais até 10 [1910] pode servir, quando muito, para estatísticas de resultados de jogos.

Somente depois de 1910 é que o futebol, transformado em assunto jornalístico, permitiu que apaixonados pelo esporte bretão, cada um com o seu clube, escrevessem crônicas, às vezes assinadas com as iniciais (FILHO, 2003, p.20).

Temos, portanto, claramente aqui, a lógica do capital: produção em massa, geração de lucro e acúmulo de capital. Além de tornar-se um fato jornalístico, o futebol passou a interessar aos donos dos jornais quando se tornou, como escreveu Mário Filho, a “paixão do povo”, já que mais consumidores (leitores) buscavam nas folhas informações acerca do assunto, assim como novos anunciantes chegavam para exporem seus produtos, serviços e marcas

Cabe destacar ainda o fato de Mário Filho abordar a questão do clã, ou seja, a volta do homem, enquanto torcedor de determinada equipe, ao perfil comunitário, o sentimento de pertencimento, de modo visceral e afetivo, a um grupo.

O futebol foi assunto de jornal pela primeira vez em 1901. Coube a cidade de São Paulo, esse tento pioneiro, com o jornal *O Comércio*, no dia 17 de outubro, publicando a seguinte notícia a respeito de dois *matches* a serem disputados entre paulistas e fluminenses:

Foot-Ball; No Sábado, à tarde, 19, e no domingo de manhã, se realizam dois matches de foot-ball nesta cidade, entre rapazes dos clubes daqui e os do Rio, que para esse fim vêm a esta capital especialmente.

É a primeira vez no Brasil que se joga um match deste interessante sport entre dous Estados, e se acrescentarmos que são brasileiros os rapazes na maior parte vêm do Rio para disputar o campeonato Brasil-1901, há justo motivo de nos -regozijarmos por que, finalmente, a nossa gente começa a se dedicar com afinco a este utilíssimo exercício, cujos benefícios para as nossas futuras gerações se hão de patentear na sua robustez física, condição essencial em todos os ramos do labor humano.

Aos nossos leitores, que aconselhamos não perderem um minuto deste interessante encontro, prometemos todos os pormenores que os possa guiar e conduzir nesta curiosa prova de foot-ball (In. VIANA, 2008, p.35)

Claro que a capital federal, o Rio de Janeiro, não poderia ficar atrás dos compatriotas paulistas. Restou ao *Jornal do Brasil* publicar, no dia 21 de outubro, uma pequena nota sobre o mesmo assunto:

Match: O match de foot-ball ficou empenhado novamente, sem que de nenhum dos dois lados se fizesse ponto algum.
O Club do Rio de Janeiro embarcou no nocturno (op. cit, p.35).

É nesse cenário, que será modificado aos poucos por diversos cronistas até o ponto de chegada chamado Nelson Rodrigues, que está inserido Lima Barreto e a sua crônica voltada contra o *esporte bretão*, como ele fazia questão de chamar o *football*.

3.3 O gol contra de Lima Barreto

Cunhando expressões como “Belle Époque Tropical”, “Rio-Paris barato” e “Buenos Aires de tostão”, Afonso Henriques de Lima Barreto, foi uma voz contrária à modernidade importada e, por conseguinte, ao *football* e aquilo tudo que ele representava, principalmente os valores estrangeiros em relação, à subjugação de pobres e negros. Beatriz Rezende, na introdução escrita para o livro que reuniu todas as crônicas de Lima Barreto, escreveu:

Pardo, morador do subúrbio de Todos os Santos, Lima Barreto fez do jornalismo tribuna para campanhas que revelam sua indignação social e política, na intenção de chamar a atenção da opinião pública para o valor do cidadão, de sua liberdade e de sua consciência política na construção da democracia (In. BARRETO, 2004, p.72).

Lima Barreto também abominava o fato de a sociedade brasileira ter que se demonstrar “branca e civilizada” aos olhos estrangeiros, fruto de uma preocupação obsessiva das elites locais. Escreve Nicolau Sevckenko (2003, p.210):

Lima concebia a sociedade brasileira como o fruto da combinação de diferentes etnias e que, em virtude mesmo dessa mestiçagem, havia atingido um grau elevado de intimidade e adaptação à natureza tropical e virente do país.

Assim, não foi à toa que o autor de *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* nutriu certa aversão ao futebol, esporte importado da Inglaterra, representante da modernidade que se avizinhava e segregador de brancos e negros, ricos e pobres, e que ele “bateu” com certa regularidade durante a sua produção cronística, conforme vemos a seguir:

Não há dúvida alguma que o *football* é uma instituição benemérita, cujo rol de serviços ao país vem sendo imenso e parece não querer ter fim. Com a citação deles, podíamos encher colunas e colunas desta revista, se

tanto quiséssemos e para isso nos sobrasse paciência (BARRETO, 2004, p.432).⁵¹

Quando Lima Barreto escreve, nas suas crônicas, sobre o futebol, ele se vale de uma ironia muito fina, que é capaz de confundir o leitor menos atento, além do sarcasmo. Conforme escreve Nicolau Sevcenko (2003, p.194),

variari e atrair: esse o mandamento a que Lima Barreto submetia toda a sua criação, com o fito evidente de maximizar a sua expressividade, reforçando sua capacidade comunicativa. É esse mesmo impulso, pois, que lhe suscita uma manifesta flexibilidade no trato e combinação de diferentes vertentes estéticas.

Lima Barreto, em outra crônica, critica, o comportamento dos aficionados pelo ludopédio, especialmente à explosão irracional/comportamento diferente do indivíduo junto da multidão, bem como ao vocabulário do torcedor – “de baixo calão” – e propriamente do jogo, escancarando sobremaneira o abasiliamento e a mestiçagem a que o esporte alcançava.

Das coisas elegantes que as elegâncias cariocas podem fornecer ao observador imparcial, não há nenhuma tão interessante como uma partida de *football*. É um espetáculo de maior delicadeza em que a alta e a baixa sociedade cariocas revelam a sua cultura e educação (...) As senhoras que assistem merecem então todo o nosso respeito. Alas se entusiasmam de tal modo que esquecem todo o nosso respeito. São chamadas “torcedoras” e o que é o mais apreciável nelas, é o vocabulário. Rico no calão, veemente e colorido, o seu fraseado só pede meças ao dos humildes carroceiros do cais do porto. Poderia dar alguns exemplos, mas tinhas que os dar em sânscrito (BARRETO, 2004, p.29).⁵²

Segundo Joel Rufino dos Santos, os motivos que levaram o autor de *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* a manter tal cruzada contra o esporte bretão foram:

Primeiro, porque [ele] compreendeu logo que as oligarquias iam usar a bola como ópio do povo. Segundo, porque o novo esporte era filho do imperialismo. O futebol – escreveu com raiva – é coisa inglesa ou nos chegou por intermédio dos arrogantes e rabricundos caixeiros dos bancos inglês, ali, da rua da Candelária e arredores, nos quais todos nós teimávamos em ver bondes a pares do Reino Unido (SANTOS, 1981, p.28).

Lima Barreto produziu aproximadamente duas dezenas de crônicas acerca do tema futebol. Todas permeadas pela ironia e pelo sarcasmo, que o autor de *O Triste Fim*

⁵¹ Crônica publicada na revista *Careta*, em 1º de outubro de 1921, com o título *Bendito Football*.

⁵² Crônica publicada na revista *Careta*, em 4 de outubro de 1920, com o título *Uma Partida de Football*.

de Policarpo Quaresma traz dos modelos de Swift, Dickens, Voltaire, Balzac, Daudet e Maupassant, conforme escreve Nicolau Sevcenko (2002, p.197).

Os recursos básicos da sua ficção consistem inelutavelmente na ironia e na caricatura. A ironia, a “suculenta ironia”, Lima Barreto a concebia numa envergadura bastante ampla, “que vai da simples malícia ao mais profundo humour, abrangendo praticamente a inteireza da sua obra.⁵³ Era o artifício através do qual se sobrepunha aos infinitos percalços que lhe entravavam o desenvolvimento da personalidade e da carreira.

Entre essas duas dezenas de crônicas, chamam atenção quatro textos, que destoam dos demais pelo seu caráter mais ficcional, aproximando-se, inclusive, do conto.

A primeira das quatro crônicas traz a história de uma jovem que desde a sua infância sonhava casar com um poeta; porém, ela acaba casando com um *football player*, devido à sua popularidade e visibilidade social.

A segunda crônica foca na história de um rapaz, filho de imigrantes dinamarqueses, que se forma em direito, mas não tem talento para exercer a profissão. O pai o envia para Nova Iorque para estudar sobre a “eletricidade”; porém, ele só alcança a notoriedade quando começa a jogar o *football*, no caso, o *soccer*, que havia aprendido no Estados Unidos.

A terceira crônica aborda, conjuntamente ao futebol, um outro tema recorrente na obra de Lima Barreto: a crítica ao “doutor”, que, assim como o esporte bretão, recebia privilégios, segundo o autor. Nessa crônica temos a figura do doutor Panatércski, que os interlocutores buscam descobrir “no quê” ele seria doutor.

Até no execrável *football* os doutores são as primeiras figuras entre os jogadores honorários.

À proporção que os “anelados” ganham importância, iníquos privilégios, o ensino desanda e piora a olhos vistos, como está na consciência de todos.

Costumo admitir que os nossos nobres doutorais venham a chegar, como os seus semelhantes feudais, a jactar-se de não saberem ler nem escrever, na sua qualidade de gentis-homens acadêmicos (BARRETO, 2004, p.306).⁵⁴

A quarta crônica dessa série traz a conversa de dois pais a respeito dos seus filhos: um formado em direito, mas que não se ajeitava na vida; o outro se interessava

⁵³ Nota do autor: *Impressões de leitura*, p.113. In: *Obras completas de Lima Barreto*. Org.: Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1956. 17 vols.

⁵⁴ Crônica de janeiro de 1921, cujo título é *As Reformas e os “Doutores”*.

apenas pelo “tal” de futebol. Passa o tempo e os dois pais voltam a se encontrar. O primeiro conta, todo satisfeito, que o seu filho, o bacharel em direito, havia conseguido uma promoção no cais do porto, o seu local de trabalho. O segundo pai conta que o seu filho se tornou jogador de futebol, inclusive sendo convocado para a seleção brasileira, além de ter ganho 50 contos e virado herói nacional.

Um fator que fazia com que Lima Barreto não gostasse do jogo inglês era o preconceito que havia com quem não era da classe social dominante, em especial com os negros, ainda mais quando o esporte adquire caráter político, construindo uma identidade brasileira, como se pode ler nesta crônica publicada na revista *Careta*, em 1921, e intitulada *Bendito Football*:

O football é eminentemente um fator de dissensão. Agora mesmo, ele acaba de dar provas disso com a organização das turmas de jogadores que vão à Argentina atirar bolas com os pés, de cá para lá, em disputa internacional. O Correio da Manhã, no seu primeiro suelto de 17 de setembro, aludiu ao caso. Ei-lo: "O Sacro Colégio do Football reuniu-se em sessão secreta, para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires, campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro – homens de cor, enfim" (...) O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso, o eminente senhor presidente da República (...) A providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase a metade, da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas – o que se há de fazer? O papel do football, repito, é causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É a sua alta função social. O que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros infiéis, não tragam também a tísica, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é pág apela gente de cor. Os futeboleiros não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem. Aceitam-no, entretanto, cheios de satisfação. (...) Ilógico é querer conservar essa gente tão indecente e vexatória, dando-lhes médico e botica, para depois humilhá-la, como agora, em honra do football regenerador da raça brasileira, a começar pelos pés. "Ab Jove principium..." Os maiores déspotas e os mais cruéis selvagens martirizam, torturam as suas vítimas; mas as matam afinal. Matem logo os de cor; e viva o football, que tem dado tantos homens eminentes ao Brasil! Viva! P.S. – A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores; todos nós, para eles, somos macaquitos. A fim de que tal não continue seria hábil arrendar por qualquer preço, alguns ingleses que nos representassem nos encontros internacionais de football. Há toda a conveniência em experimentar. Desta maneira, sim, deixávamos todos de ser macaquitos, aos olhos dos estranhos (BARRETO, 2004, p.432).

Outra questão que incomodava bastante Lima Barreto – sendo tratada com muita ironia – era a violência que cercava o futebol. Ele parte das notícias dos jornais da época que tratavam das confusões motivadas por disputadas partidas – eram “rolos”, “ataques” e “barulhos” – aos domingos, no Rio de Janeiro e circunvizinhanças. Para ele o futebol não era um esporte, uma atividade de lazer praticada por desportistas, mas por

“desordeiros que se querem intitular *sportmen*” (op. cit., p.531). Inclusive, ele aborda as rinhãs de galo *versus* o futebol para dizer que as “autoridades policiais” de um Rio de Janeiro dito civilizado não toleravam a primeira, mas passava “a mão pela cabeça” dos futebolistas e das suas barbáries. Conforme escreve Hilário Franco Júnior (2007, p.70),

as críticas revelam que o futebol já se tornara o esporte mais difundido no Brasil em todos os segmentos sociais. Ademais, elas sintetizavam as mais importantes questões e contradições brasileiras, presentes no futebol por este ser verdadeiro microcosmo da sociedade, ao mesmo tempo espelho e ingrediente dinâmico das transformações em curso nos tumultuados anos 1920. O problema da nacionalidade, potencializada pelas comemorações do centenário da independência, em 1922, dividia a elite do país. As divergências entre as oligarquias regionais tornaram-se mais intensas e as disputas eleitorais mais acirradas. As grandes cidades eram assoladas por manifestações operárias e viraram palco de campanhas e revoltas pela instauração do voto secreto e pelo fim da política oligárquica .

Lima Barreto, por não ser um amante do *football association*, portanto, descomprometido com a paixão, teve a capacidade de olhá-lo de fora. É esse olhar que permite desvelar alguns traços importantes até hoje em um esporte de massa, como, por exemplo, o comportamento irracional que é desencadeado na torcida pelo seu time, bem como esse distanciamento faz com que o amor, a euforia e a afeição se percam nas análises, característica muito presente, atualmente, nas crônicas esportivas.

Além disso, Lima Barreto, mesmo resistente a essa novidade importada da Bretanha, anuncia um fato social novo, elemento relevante e significativo para pensar o Brasil a partir do início do século XX.

3.4 Monteiro Lobato, questão de virar a casaca

Às vezes rotulado como escritor regionalista, às vezes lembrado pelas histórias infantis surgidas da sua pena, Monteiro Lobato, acima de tudo, foi um intelectual engajado com as coisas do seu tempo.

O autor de *Urupês* investiu, por exemplo, contra a velha prática da queima dos cafezais, denunciando o arcaísmo com que os caboclos lidavam com a terra e a agricultura.

Entrado setembro, começo das “águas”, o caboclo planta na terra em cinzas um bocado de milho, feijão e arroz; mas o valor da sua produção é nenhum diante dos males que para preparar uma quarta de chão ele semeou. O caboclo é uma quantidade negativa. Tala cinquenta alqueires de terra para extrair deles o com que passar fome e frio durante o ano. Calcula

as sementeiras pelo máximo da sua resistência às privações. Nem mais, nem menos. “Dando para passar fome”, sem virem a morrer disso, ele, a mulher e o cachorro – está tudo muito bem; assim fez o pai, o avô; assim fará a prole empanzinada que naquele momento brinca nua no terreiro. Quando se exaure a terra, o agregado muda de sítio. No lugar fica a tapera e o sapezeiro. Um ano que passe e só este atestará a sua estada ali; o mais se apaga como por encanto. A terra reabsorve os frágeis materiais da choça e, como nem sequer uma laranjeira ele plantou, nada mais lembra a passagem por ali do Manoel Peroba, do Chico Marimbondo, do Jéca Tatú ou outros sons ignaros, de dolorosa memória para a natureza circunvizinha.⁵⁵

Outra discussão, essa mais famosa, que Monteiro Lobato comprou foi com Anita Malfatti e os demais modernistas paulistas. Por meio do artigo *Paranoia e Mistificação*, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1917, o criador do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* questionou a “pintura futurista” de Anita, o que serviu de contorno para a construção da imagem de um Monteiro Lobato antipático e, principalmente, reacionário e nacionalista. Segundo Alfredo Bosi (1994, p.216),

na medida em que a cultura do imediato pós-guerra refletia o aprofundamento de um filão *nacionalista*, o criador do Jeca mantinha bravamente a vanguarda; com efeito, depois de Euclides e de Lima Barreto, ninguém melhor do que ele soube apontar as mazelas físicas, sociais e mentais do Brasil oligárquico e da Primeira República, que se arrastava por trás de uma fachada acadêmica e parnasiana (grifo do autor).

Foi dessa forma, portanto, que Monteiro Lobato se tornou um “divulgador agressivo da Ciência” (op. cit., p.216), que era a favor da modernidade e do progresso, além do bom senso e do racionalismo, estes que o levavam a ser contrário à pintura futurista de Anita Malfatti e aos outros “ismos” da arte do século XX, “futurismo, cubismo, expressionismo, surrealismo, abstracionismo” (op. cit., p.216).

Monteiro Lobato começa a praticar o *football* em 1904, cuja paixão, segundo o próprio, o dominou de corpo e alma. Pode-se concluir, portanto, que a sua opinião acerca do esporte seria de exaltação e elogios. Pelo contrário!

Em 1905, o jovem Lobato escreve, assinando sob o pseudônimo de Hélio Bruma, uma série de crônicas para o jornal *O Povo*, da cidade de Caçapava. Segundo José Mendes Capraro (2007, p.80), “no texto dava mostras a aceitar o futebol, embora de forma nítida alertasse para o problema da segregação e do elitismo presente nesse esporte”.

⁵⁵ Texto intitulado *Velha Praga*, publicado, como conto, no livro *Urupês*, em 1918, mas publicado originalmente, como artigo, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1914. Disponível em: <<http://pirandira.cptec.inpe.br/queimadas/material3os/mlobato.htm>> Acesso em 3 de fevereiro de 2010.

Além disso, deve-se destacar o fato de que o início do século XX foi marcado por doutrinas higienistas, muitas de cunho racista, o que leva a questões étnicas, de superioridade/inferioridade das raças. Sobre isso escreve Monteiro Lobato:

Depois de um hino a excelentes qualidades educativas do futebol, no sentido físico e moral, que contribuiu imensamente para a superioridade das nações anglo-germânicas, (...) expressa seu júbilo pelo fato de que a “raça neolatina” conseguiu medir-se com os “loiros filhos de Albion” que viviam em São Paulo. Os netos dos Bandeirantes cobraram ânimo ousadamente diante dos ingleses e fundaram o jogo nativo com uma fúria quase assustadora neste país de bananas. (LOBATO apud ROSENFELD, 1993, p.79).

A popularidade que o futebol, no início dos anos 1910, tinha perante os conterrâneos paulistas chamou a atenção do jovem Lobato, que inclusive chamou atenção para o fato de o futebol despertar mais interesse na população do que a política praticada nas terras bandeirantes.

No primeiro ano, a população eletrizada viu-se colocada diante de uma nova questão social. Tratava-se de verificar se o paulistano tinha capacidade para sair vitorioso ante a enorme oposição dos filhos de Albion. O povo compreendeu de imediato o extraordinário alcance deste duelo (...) Essa luta tinha para a população de São Paulo em significado moral dez vezes maior do que a eleição para presidente do Estado. Parava nas ruas para apontar com os dedos os jogadores – aqueles renovadores do nosso sangue. São Paulo reconhece que cada um desses jovens é socialmente mais importante do que todos os deputados estaduais e federais somados, multiplicados e elevados à sétima potência (...) O último gol do Clube Paulistano contra os ingleses provocou a maior tempestade de aplausos, jamais conhecida em São Paulo. Milhares de mãos, acenando chapéus, ergueram-se em delírio, milhares de gargantas gritaram um titânico hurra, um hurra gigantesco e ensurdecedor que fez a terra tremer (op. cit., p.79-80).

Depois de já consagrado no meio literário nacional, Monteiro Lobato escreve outra crônica sobre o tema futebol, esta intitulada *O 22 da Marajó*, a qual ele afirma que apenas a capoeira havia tido “um cultozinho” semelhante ao que estava ocorrendo com o *football*.

Nessa crônica, Lobato, virando a casaca, trata o futebol de maneira positiva, já que ele despertou o povo do marasmo em que se encontrava.

O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia. Antes dele, só nas classes medias a luta política tinha o prestígio necessário para uma exaltaçãozinha periódica (LOBATO, 1959, p.110).

Mas por que Monteiro Lobato teria virado a casaca e trocado de time? Acredito que ele tenha percebido que o futebol não era mais um esporte praticado tão somente pela elite, no caso, a paulistana, que a segregação social tinha as suas fronteiras apagadas quando a bola rolava pelos campinhos gramados ou carecas. Agora o trabalhador também podia dar os seus chutes no balão de couro, como pode-se perceber no trecho a seguir:

No Estado de S.Paulo não ha recanto, viloca, fazenda, bairro, onde não sejam vistos num chão plaino e batido os dois retangulos opostos, assinaladores dum ground. Pelas regiões novas, de virgindade só agora atacada pelos invasores, é comum topar-se de subito, em plena mata, uma clareira aberta, limpa, onde nas horas de folga os derrubadores de pau vêm bater bola (op. cit., p.110-111).

O futebol, sob a sua ótica, passou a ser não só um símbolo da modernidade, mas também o símbolo da nação verde-amarela – o tempo provou que Lobato estava certo –, da mesma forma que

em França o homem hoje mais popular é George Carpentier, mestre em socos de primeira classe; e se derem nas massas um balanço sincero, verão que ele sobrepuja em prestígio aos proprios chefes supremos vencedores da guerra. Nos Estados Unidos ha sempre um campeão de boxe tão entranhado na idolatria do povo que está em suas mãos subverter o regime político (op. cit., p.109).

Para Lobato, os mitos e os heróis futebolísticos consistiriam em símbolos pátrios, cuja adoração poderia ser levada ao extremo, quem sabe. “Entre nós ha o exemplo recente de Friedenreich, um pé de boa pontaria pelo qual nossos meninos são capazes de sacrificar a vida” (op. cit., p.109). Por consequência, o futebol para o autor de *Urupês* passava a ser uma representação da guerra, cujos exércitos se batem e as bandeiras se subjugam, cuja irracionalidade impera sobre os homens.

[O futebol] não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equipes, mas dois povos, duas nações, duas raças inimigas. Durante todo o tempo da luta, de quarenta a cinquenta mil pessoas deliram em transe, extáticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme corre o jogo, ha pausas de silencio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações violentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio classifica. E gente pacifica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, sai fóra de si, torna-se capaz de cometer os mais horrorosos desatinos (op. cit., p.110).

Os textos escritos por Monteiro Lobato são importantes para entendermos um pouco o pensamento dos intelectuais da época, bem como o seu posicionamento frente ao novo, no caso, o futebol, bem como podemos vislumbrar os caminhos pelos quais o futebol passou, seus percalços e seus êxitos, até ganhar o epíteto de “o esporte nacional”.

3.5 O futebol na pauliceia desvairada

Depois do Rio de Janeiro, no final do século XIX, pode-se dizer que o segundo *boom* da prática esportiva ocorreu em 1919, mas dessa vez foi São Paulo, que serviu de cenário para tal “surto” social.⁵⁶

Tal iniciativa fora saudada pelos jornais, que noticiavam alucinadamente o surgimento e o desenvolvimento dos esportes por toda a São Paulo. A lista dos novos esportes tinha um vasto *mix* – “provas pedestres, náuticas, ciclísticas, motociclísticas e automobilísticas”, conforme Nicolau Sevcenko (2009, p.44). Tinha-se desde a luta greco-romana até o nado sincronizado, passando pela já tradicional natação e pelo “estranhíssimo” beisebol, além das ginásticas rítmica e de aparelhos.

Nesse ano de 1919 os esportes estão tomando um desenvolvimento verdadeiramente espantoso, a tal ponto rápido, brilhante e seguro, que os mais otimistas não o poderiam ter suspeitado. Dia a dia aparecem melhoramentos ou surgem iniciativas. Generaliza-se e intensifica-se a prática das atividades físicas já conhecidas e aparecem e se desdobram oportunidades para a adoção e a prosperidade entre nós, de esportes que de nome mal conhecíamos. Uma enumeração de todas as fases desse belo movimento de energias não caberia aqui e não é nosso intuito fazê-lo agora. Desejamos é que tão magnífico surto de progresso não morra e não esmoreça (op. cit., p.44).

Razões ou explicações para a vontade paulistana em praticar esportes não tardaram a aparecer. À época já surgiram especulações de que teria sido a primeira grande guerra a responsável pela “coqueluche esportiva”, que os corpos bem treinados na prática do esporte levariam vantagem na hora das grandes batalhas, tendo os exércitos britânicos como parâmetro.

⁵⁶ Segundo dados da época, a Associação Paulista de Sports Atlético (APSA), em 1919, tinha 15 mil atletas filiados e 150 clubes desportivos.

Claro que a política resolveu surfar na onda, incentivado pela APSA e pelos jornais, sendo ela o catalisador desse movimento, em especial, na figura Washington Luís, que assumira o governo do estado de São Paulo naquele mesmo ano de 1919.

Washington Luís não decepcionou os amantes do esporte, já que nesse mesmo ano ele contratou um bom número de professores de ginástica – pasmem, da Suécia! – para lecionarem nas escolas públicas da cidade, bem como o compromisso de erguer um grande estádio poliesportivo na capital. O governador cedia o seu nome, ainda, para competições de regata, além de fazer questão de entregar pessoalmente as premiações das competições, como foi o caso do Campeonato Estadual de Luta Romana.

As competições começavam a formar os seus heróis. Um bom número de pessoas, antes relegadas ao anonimato, começaram a tornar-se ídolos e ter milhares de aficcionados, alguns sendo mais famosos, inclusive, do que políticos ou poetas. Suas imagens estampavam jornais e revistas e produzia nos leitores, independente de raça, sexo ou nacionalidade, o orgulho do “pertencer” a uma cidade.

Dia a dia a cidade produzia e entronizava novos ídolos. Num dia, as lãureas eram do cavalo campeoníssimo Reppy, consagrado em todos os prados e pistas da cidade. Noutro, a glória imortal era concedida a Andreucci, tricampeão da Volta de São Paulo. Num instante o clamor se transferia para os heróis Arbace Simi e José Caloi, recordistas ciclísticos de São Paulo e do país. No momento seguinte, a vibração se voltava para João Gual, o imbatível motociclista paulista, pilotando a sua Harley Davidson, especialmente adaptada para competições. Dele, as atenções transitavam para se concentrar em Roberto Costa, o vencedor da Maratona Aquática da Cidade (...) Mas sobretudo unanimemente, incontestavelmente, fervorosamente, as aclamações maiores eram galvanizadas por Edu Chaves, o capitão dos ares, detentor de todos os recordes aeronáuticos do país e para o maior artilheiro futebolístico de todos os tempos, Arthur Friedenreich (op. cit., p.57).

Contudo, o ano de 1919 não trouxe apenas o *boom* esportivo e uma série de novos heróis para a pauliceia ainda não desvairada. Pode-se dizer que foi nesse ano que o Brasil nasceu para o futebol mundialmente, já que foi a data da primeira grande conquista do escrete brasileiro, o Sul-Americano, disputado no Rio de Janeiro, no garboso Estádios das Laranjeiras, com a seleção brasileira sendo comandada pelo trio de jogadores paulistas Neco, Friedenreich e Heitor Domingues. Aliás, o governador do estado de São Paulo, Washington Luís, fez questão de oferecer a melhor festa para a recepção dos jogadores paulistas campeões sul-americanos.

Na grande festa urbana de recepção dos jogadores campeões sul-americanos de futebol – nove entre os onze sendo paulistas, como a imprensa local nos deixa esquecer – os convidados de honra eram Washington Luís e seu secretariado. Dispondo dos recursos da cidade, Sua Excelência garantiu ao festival pompa e circunstância nunca vistas, acionando carros de bombeiros, bandas, lanceiros, guardas de honra, flores, luzes e foguetório (op.cit. p.55).

O Brasil, como anfitrião, tinha a obrigação de fazer um bom papel naquele campeonato, era “questão de honra” levantar o caneco diante dos seus torcedores, que lotaram as dependências do pequeno estádio, principalmente, no jogo-extra que decidiu o campeonato diante do Uruguai, já que 20 mil pessoas compareceram ao *match*, enquanto outras centenas aglomeravam-se no Morro das Laranjeiras e outras tantas se acotovelavam defronte o prédio do *Jornal do Brasil*, na Avenida Rio Branco, a fim de conseguir notícias sobre a partida.

Uma crônica do jornal *A Razão*, de 30 de maio de 1919 resumia bem os acontecimentos da época.

O terceiro Campeonato Sul-Americano de Football decidiu-se ontem pela vitória dos jogadores brasileiros. Este acontecimento teve uma repercussão que se pôde considerar bem como continental, apesar das grandes coisas que neste momento ocupam a atenção dos povos, como o problema da paz, a ser resolvido pela resposta da delegação alemã à proposta dos aliados e a travessia aérea do Atlântico. Aqui, a impressão causada pela vitória dos nossos jogadores foi de um entusiasmo delirante. Desde muito cedo a população sentiu a sua atenção presa à grande peleja, que se ia travar no campo do Fluminense, crescendo à medida que se aproximava a hora do desempate sensacional. Havia também, para despertar a curiosidade pública, um eclipse do sol. Pouco se preocupou a cidade com isso. Um eclipse é uma coisa tão banal... (...) A Avenida Rio Branco, em um certo trecho, ficou literalmente cheia, com o trânsito perturbado. A febre com que se acompanhava o *match* era crescente. O jogo, indeciso no primeiro tempo, empolgava cada vez mais toda a gente.

– Está duro! Zero a zero!

– Mas vencem os uruguaios!

– Qual! Não venceram até agora, não vencem mais. Os brasileiros tomaram o pulso aos uruguaios.

– Qual!

– Não! As vantagens agora são nossas.

E assim decorreu toda a tarde, sem que o caso se decidisse. Afinal, quando o entusiasmo público já tinha chegado ao seu período agudo, chegou a grande nova: os brasileiros venceram por um contra zero. Foi um estrugir formidável de palmas e de bravos, que eletrizou toda a cidade.

– Acabou-se. Agora não perdemos mais a dianteira! Perdemos os campeonatos anteriores! Agora seguramos o cinturão de ouro e não o largamos mais. E, com essa convicção, toda gente voltou para casa, depois de um grande dispêndio de energia nervosa.⁵⁷

⁵⁷ Crônica retirada no *site* Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://www.observatoriodaimpresa.com.br/artigos/al260220032.htm> Acesso em 5 de abril de 2010.

Nascia, dessa forma, com direito a taça, faixa de campeão e volta olímpica, a “pátria de chuteiras”. O futebol brasileiro iniciava a sua caminhada para a consagração mundial, além de tomar um papel determinante na construção de uma identidade nacional.

3.6 A década de 1920, a consolidação e a “voz contrária” de Graciliano Ramos

A década de 1920 se inicia com o Brasil campeão sul-americano. O futebol se consolida mais e mais, difundindo-se por todos os cantos do país: as ligas e os torneios⁵⁸ estão sólidos e os grandes clubes do futebol brasileiro já desfiliavam suas cores pelos gramados, levantando troféus e conquistando torcedores apaixonados.⁵⁹

No distante Alagoas, na pouco conhecida cidade de Palmeira dos Índios, Graciliano Ramos, ainda desconhecido no meio literário,⁶⁰ não resistia, também, ao tema futebol.

Depois de tentar a carreira jornalística na capital federal, o Rio de Janeiro, Graciliano é forçado a voltar à sua terra natal devido ao falecimento de três irmãos e um sobrinho, vítimas da peste bubônica. Além de cuidar do pequeno comércio da família, exercer o cargo de prefeito bem como outros cargos públicos de confiança, o futuro autor de *Vidas Secas* também escreveu crônicas para o pequeno jornal da cidade, de sugestivo nome, *O Índio*.

Assim como era recorrente à época, Graciliano Ramos adotou diversos pseudônimos para escrever, ora assinava como J. Calisto, ora Anastácio Anacleto, ora Lamba, ora JC.

Pois foi em uma crônica assinada como J. Calisto que Graciliano, em abril de 1921, digamos assim, “deu um carrinho” no esporte que já estava tão bem consolidado no país. A crônica não tem título e soa despretensiosa, além de ser crítica, com a *finesse* de humor, a ironia e a sátira típica dos grandes homens das letras.

⁵⁸ O campeonato gaúcho, por exemplo, teve a sua primeira edição em 1919. O campeonato pernambucano já disputado desde 1915, assim como o campeonato mineiro. Os campeonatos paulista, baiano e carioca já tinham batalhas deflagradas havia mais de uma década, 1902, 1905 e 1906, respectivamente.

⁵⁹ A saber: Atlético (1908), em Minas Gerais; Flamengo (1895), Vasco da Gama (1898), Fluminense (1902) e Botafogo (1904), no Rio de Janeiro; Corinthians (1910), Santos (1912) e Palmeiras (1914), em São Paulo; Grêmio (1903) e Internacional (1909), no Rio Grande do Sul. O Cruzeiro, de Minas Gerais, fora fundado em 1921, enquanto o São Paulo, o “mais jovem” entre os grandes, fora fundado em 1930 a partir da fusão da Associação Atlética das Palmeiras (1902) e do Club Atlético Paulistano (1900)

⁶⁰ *Caetés*, o primeiro romance de Graciliano, fora publicado apenas em 1933.

Pois o futuro brilhante escritor achava que o futebol seria um simples modismo, uma coisa passageira que logo se findaria e, conseqüentemente, deixaria a vida seguir o seu curso normalmente em Palmeira dos Índios.

Pensa-se em introduzir o futebol nesta terra. É uma lembrança que, certamente, será bem recebido pelo público, que, de ordinário, adora as novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a idéia fixa de muita gente. Com exceção, talvez, de um ou outro tísico, completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé a uma bola de borracha, vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo fogo de palha capaz de durar bem um mês (RAMOS, 1962, p.80).

Outro fator importante a ser gizado nessa crônica de Graciliano Ramos é o sentimento nacionalista que emanava dos seus escritos, já que ele parece não ser muito simpático daquilo que vem do exterior, além de louvar, com certa ironia, os esportes da terra, afirmando que o estrangeirismo não tem nada a ver com a “terra do espinho”, como ele afirma.

Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega. Desenvolvam os músculos, rapazes, ganhem força, desempenem a coluna vertebral. Mas não é necessário ir longe, em procura de esquisitices que têm nomes que vocês nem sabem pronunciar. Reabilitem os esportes regionais, que aí estão abandonados: o porrete, o cachação, a queda de braço, a corrida a pé, tão útil a um cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas, a pega de bois, o salto, a cavalhada. E, melhor que tudo, o camba-pé, a rasteira. A rasteira! Êste, sim, é o esporte nacional por excelência (op. cit., p.83).

Ainda mais, Graciliano foca no sertanejo, na figura do cangaceiro, que, segundo ele, não tem aptidão para o esporte bretão, um crítica um tanto determinista⁶¹ e que vai de encontro ao escrito por Euclides da Cunha, que o sertanejo é antes de tudo um forte.

Fisicamente falando, somos uma verdadeira miséria. Moles, bambos, murchos, tristes – uma lástima! Pálpebras caídas, beiços caídos, braços caídos, um caimento generalizado que faz de nós o ser desengonçado, bisonho, indolente, com ar de quem repete, desenxabido e encolhido, a frase pulha que se tornou popular: “Me deixa...” (...) Ora, entre nós é extremamente difícil encontrar um homem forte. Somos um povo derreado. Topamos a cada passo seres volumosos, mas raramente se nos depara uma criatura sã, robusta. O que anda em redor de nós é gente que tropeça, gente que corcova, gente que arfa ao pêso da barriga cheia de unto. É andar um quilômetro a pé e ficar deitando a alma pela boca (op. cit., p.81-82).

⁶¹ O futebol é muito praticado no Nordeste, inclusive produzindo campeões nacionais, como Esporte Clube Bahia e Sport Club do Recife, bem como jogadores que vestiram a camisa da seleção, como Vavá (25 jogos/15 gols), Rivaldo (76 jogos/34 gols) e Quarentinha (17 jogos/17 gols), por exemplo.

Em outra crônica, já da primeira metade da década de 1940, *Monólogo Numa Fila de Ônibus*, Graciliano Ramos, divagando sobre a Segunda Grande Guerra, o samba e o cinema, põe em dúvida o sucessos dos *players* brasileiros junto aos torcedores, se eles não estariam “passados” como alguns sambas.

Temos o futebol, sim senhor, e temos o cinema. Temos também a esperança do carnaval. No futebol admiramos Leônidas⁶² e Perácio,⁶³ se é que êsses dois heróis permanecem em cartaz. No carnaval aplaudimos o samba nacionalmente. Contentar-nos-emos agora com sambas velhos, pois a produção deste gênero diminuiu, como a de outros gêneros” (op. cit., p.243).

Graciliano, assim como Lima Barreto aborda o futebol de uma perspectiva distanciada, revelando, por sua vez, a *heroicização* do problema focado no sertanejo nordestino. Além disso, ele se equivoca, o que é interessante, na comparação entre os divertimentos antigos – atividades físicas – com os esportes – regras, disciplina, treinamento.

Graciliano Ramos, portanto, foi uma voz contrária ao deslumbramento que a prática do futebol alcançava nos brasileiros. Além disso, o futebol não seria nada mais do que uma parca febre entre os sertanejos de Palmeira dos Índios, uma “coisa” inventada pelos estrangeiros, ou seja, a crítica de Graciliano é basicamente de cunho nacionalista, contrapondo o nacional *versus* o estrangeiro *versus* o regional, representado pela sua cidade interiorana, fñcada no agreste alagoano.

⁶² O Leônidas a que Graciliano Ramos se refere é Leônidas da Silva, o Diamante Negro, inventor da “bicicleta” e artilheiro da Copa do Mundo de 1938, na França (nota minha).

⁶³ Perácio é José Perácio, ex-jogador do Botafogo na segunda metade da década 1930 e Flamengo, na década seguinte. Era tido como um jogador folclórica na sua época. Conta-se que no navio que levava a seleção brasileira para a disputa da Copa do Mundo, na França, em 1938, Perácio usava um bibóculo para “ver a Linha do Equador de pertinho” (nota minha).

4. GARRINCHA E PELÉ OU O FUTEBOL NAS CRÔNICAS DE JOSÉ LINS DO REGO E NELSON RODRIGUES

4.1 O Brasil de Getúlio Vargas a Juscelino Kubitschek

A década de 1930 começa ainda sobre o impacto da quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929. Nos Estados Unidos, o presidente Franklin Roosevelt dá o pontapé inicial a um plano de recuperação econômica, o *New Deal*. A Europa vê o avanço do totalitarismo em alguns países – Stálin, na União Soviética, Mussolini, na Itália, Salazar, em Portugal, Franco, na Espanha, e Hitler, na Alemanha –, bem como temos o início da Segunda Grande Guerra, em 1939 e que avança década de 1940 afora.

Esses tempos de instabilidade não foram exclusivos de norte-americanos e de europeus. Nem bem a década havia começado, em 1930, estoura, no Brasil, a Revolução de 30, movimento dos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba que depôs, por meio de um golpe de estado, o então presidente da república, o senhor Washington Luís. Cabe a Getúlio Dorneles Vargas assumir o comando da nação.

Mas o início dos anos 1930 não foi marcado apenas por agitações políticas e econômicas. Em 1930 é realizada a primeira Copa do Mundo de futebol,⁶⁴ jogada em território sul-americano, no Uruguai, que celebraria o centenário da sua independência, além de ostentar o título de bi-campeão olímpico, o que lhe rendeu a alcunha de Celeste Olímpica.⁶⁵

As décadas de 1930 e 1940 foram marcadas, também, por grandes atrizes do cinema norte-americano, que ditaram os novos conceitos de beleza – um corpo magro e bronzeado. Marlene Dietrich, Tallulah Bankhead, Katharine Hepburn, Mae West, Bette Davis e, principalmente, Greta Garbo, cujo visual e o estilo sofisticados arrancavam suspiros dos homens, além de serem imitados pelas mulheres. Hollywood começava, assim, a ditar costumes e influenciar comportamentos.

Com Getúlio Vargas no poder, o Brasil começa a esquecer a velha república, já que o getulismo começava a arregaçar as mangas. Foi com o Estado Novo (1937-1945)

⁶⁴ Participaram da primeira edição da Copa do Mundo, além dos anfitriões, Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Chile, Estados Unidos, França, Iugoslávia, México, Paraguai, Peru e Romênia. A final foi disputada no Estádio Centenário, construído especialmente para o evento, no dia 30 de julho, e vencida pelos donos da casa, 4 x 2 no escote *albiceleste*, os argentinos.

⁶⁵ O Uruguai conquistou a medalha nas Olimpíadas de 1924 e 1928, realizadas em Paris e Amsterdã, respectivamente. A Celeste Olímpica venceu, nas decisões, Suíça (3x0) e Argentina (1x1, 2x1 na prorrogação).

e todo o autoritarismo e opressão presentes na época, que Getúlio realizou as suas grandes obras para país, deixando um legado até hoje lembrado.

Foram criados, durante o Estado Novo, a Força Aérea Brasileira, o Conselho Nacional do Petróleo, a Companhia Siderúrgica Nacional, a Companhia Vale do Rio Doce, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco e a Estrada de Ferro Central do Brasil. Com relação aos transportes, Vargas regulamenta, por meio do Código Brasileiro do Ar, o transporte aéreo, além de construir a primeira ligação rodoviária entre as regiões nordeste e sudeste do país, a estrada Rio-Bahia, além de construir a o trecho da BR-116 que liga Feira de Santana a Fortaleza, a Rodovia Transnordestina, como ficou conhecida.

Não podemos esquecer, também, daquilo que faz com que os brasileiros até hoje lembrem do presidente Getúlio, “o pai dos pobres”, a criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a Justiça do Trabalho, a carteira de trabalho e a instituição do salário mínimo.

É também dessa época, um grande movimento de expansão territorial do país, já que em 1942 foram criados os territórios de Fernando de Noronha, o território federal do Guaporé, atual Rondônia, o território federal do Rio Branco, atual Roraima, e o território federal do Amapá, além dos incentivos para o povoamento do norte do Paraná, além do Mato Grosso do Sul e da Amazônia, especialmente para extração da borracha.

Podemos dizer, assim, que o governo de Getúlio Vargas colocou os alicerces para que Juscelino Kubitschek erguesse os seus prédios, ou então, para não fugir tanto do assunto futebol, pode-se dizer que Vargas deu o passe para que JK, anos depois, marcasse o gol. O Brasil se preparava para a modernidade e os “anos dourados” que se avizinhavam.

Grande parte das crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues foram produzidas durante os chamados “anos dourados”, fruto do projeto desenvolvimentista do presidente Juscelino Kubitschek.

O país vivia sobre a expectativa de um grande crescimento econômico, político, cultural e esportivo, marcado pelo famoso plano de metas “50 anos em cinco”,⁶⁶

⁶⁶ Os setores que integravam o plano de metas de JK eram: energia (metas de 1 a 5) – energia elétrica, energia nuclear, carvão, produção e refino de petróleo; transportes (metas de 6 a 12) – reativar estradas de ferro, estradas de rodagem, portos, barragens, marinha mercante e aviação; alimentação (metas de 13 a 18) – trigo, armazenagem de silos e frigoríficos, matadouros, tecnologia no campo e fertilizantes; indústrias da base (metas 19 a 29) – alumínio, metais não ferrosos, álcalis, papel e celulose, borracha, exportação de ferro, indústria de automóveis, indústria de construção naval, máquinas pesadas e material elétrico; educação (meta 30); Brasília (meta 31).

buscando, dessa forma, diversificar e impulsionar a economia nacional. Além disso, a construção de Brasília – no centro geográfico do país – buscou simbolizar a integração das regiões do Brasil, mas que de forma prática fez surgir uma série de novas estradas que visavam à integração regional do país, como, por exemplo, a BR-010 (Belém-Brasília), a rodovia Régis Bittencourt (Sudeste-Sul), a rodovia Fernão Dias (São Paulo-Belo Horizonte), a BR-364 (Cuiabá-Porto Velho-Rio Branco), completando a integração nacional proposta ainda por Getúlio.

Os “anos dourados” trazem a marca do “*american way of life*” que se espalhou pelo mundo logo após a Segunda Grande Guerra. Os brasileiros passaram a ter em suas residências uma série de eletrodomésticos que facilitavam as lidas diárias – enceradeira, televisão, rádio, toca disco, aspirador de pó –, bem como a maior utilização do plástico e da fibra sintética em detrimento do ferro em alguns objetos. Paul Singer (s/d, p.223), escreve:

O estilo de vida urbano é um produto do capitalismo industrial, que se transforma cada vez que novos produtos são lançados no mercado. O automóvel, o telefone, a geladeira e centenas de outros produtos caracterizam um padrão de vida que constitui a razão de ser do “desenvolvimento” para a maioria da população.

Temos, também, um grande impulso das comunicações, surgimento de uma série de emissoras de rádios de ondas curtas, além das revistas *Seleções* e *O Cruzeiro*. A Companhia Cinematográfica Vera Cruz, de São Paulo, era o grande estúdio de cinema na época, sendo internacionalmente reconhecida e premiada, em 1953, pelo filme *O Cangaceiro*, no festival de cinema de Cannes.

A Rádio Nacional tinha grande destaque com suas radionovelas e seus programas musicais, impulsionando o mercado musical brasileiro, que culmina, em 1958, com João Gilberto e a sua gravação de um compacto simples com as músicas *Chega de Saudade*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, e *Bim-Bom*, de sua própria autoria.⁶⁷ É o impulso que faltava para a música brasileira alcançar o sucesso definitivo no exterior e, em especial, para que deixasse de ser encarada como algo, digamos assim, para não ferir ninguém, caricato.

⁶⁷ Ruy Castro, no livro *Chega de Saudade*, escreve que João Gilberto já havia participado com a sua célebre batida de violão na gravação do disco de Elizeth Cardoso, *Canção do Amor Demais*, somente com músicas de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, das quais *Luciana*, *Estrada Branca*, *Outra Vez* e *Chega de Saudade* tornaram-se clássicos do gênero.

4.2 José Lins do Rego, um ponta-direita driblador

Não podemos assuntar sobre a crônica esportiva brasileira sem mencionar um nome, o do paraibano José Lins do Rego, um apaixonado pelo futebol e pelo Flamengo – não necessariamente nessa ordem!

Pois bem, a produção de crônicas esportivas por parte do autor de *Fogo Morto* se dá, em especial, nas décadas de 1940 e 1950, quando ele já se encontra na capital do país, o Rio de Janeiro.

Ao contrário de Nelson Rodrigues, por exemplo, que escrevia crônicas para a revista *Manchete Esportiva* e peças de teatro concomitantemente, José Lins do Rego praticamente parou com sua obra romanesca. Está certo que *Fogo Morto*, a sua obra-prima fora publicada em 1943;⁶⁸ porém, a sua grande produção deu-se na década de 1930,⁶⁹ incluindo aí os romances que compõem “o ciclo da cana-de-açúcar”.

No Rio de Janeiro desde 1935 e mais próximo do Flamengo, sua paixão,⁷⁰ José Lins do Rego passa a ser colaborador assíduo de *O Globo*, *O Jornal* e *Jornal do Sports*, além de assinar um coluna, *Conversa de Lotação*, no *Diários Associados*, em que, o autor de *Menino de Engenho*, segundo Bernardo Borges Buarque de Hollanda, registrava

suas impressões sobre o cotidiano do habitante da cidade, não deixando nunca de cultivar um estilo franco, simples e despojado, sem sofisticções gramaticais e sem artifícios de linguagem. Frente ao homem de gabinete, típico do bacharelismo, a crônica de José Lins do Rego fazia emergir o homem de rua (...) e, em contraposição ao romance marcado pela atmosfera da introspecção psicológica e da decadência social, a sua crônica afirmava o envolvimento com a cidade, com a vida coletiva e com o tempo presente, em seus aspectos mais prosaicos, circunstanciais e comezinhos (HOLLANDA, 2003, p. 81).

As crônicas esportivas escritas por José Lins do Rego foram, na sua grande maioria, publicadas no *Jornal dos Sports*, entre os anos de 1945 e 1957, conforme escreve Marcos de Castro, na introdução do livro *Flamengo é Puro Amor*:

⁶⁸ José Lins do Rego publicou, em 1941, *Água Mãe*.

⁶⁹ *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938) e *Riacho Doce* (1939).

⁷⁰ Entre os anos de 1939 e 1944, José Lins do Rego foi membro da direção do Clube de Regatas do Flamengo.

Foram mil, quinhentas e setenta e uma (1.571) crônicas publicadas no *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro, de 7 de março de 1945 a 20 de julho de 1957, sob o título geral de *Esporte e Vida*. A coluna era diária e muito raramente Zé Lins falhava, mas houve interrupções. Por exemplo, em 1952, *Esporte e Vida* esteve ausente por todo o mês de maio. Em 1953, ele só publicou dezesseis crônicas no mês de janeiro, algumas poucas em fevereiro e março, para se afastar e só voltar em janeiro de 1957, ano de sua morte (REGO, 2002, p.20).

Fundado em 13 de março de 1931, pelo jornalista Argemiro Bulcão em sociedade com Ozéas Mota,⁷¹ na cidade do Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports* é, atualmente, o diário esportivo mais antigo do Brasil.

Originado do jornal *Rio Sportivo*, que ia para as bancas duas vezes por semana, o *Jornal dos Sports* chamava atenção pela cor das suas páginas – cor-de-rosa –, aparentemente inspirado no italiano *La Gazzetta dello Sport*.⁷²

Além do boxe e do turfe, o *Jornal dos Sports* noticiava, principalmente, o futebol, em especial as notícias relacionadas aos grandes clubes do Rio de Janeiro de então – Flamengo, Fluminense, Botafogo, Vasco da Gama e América.

O jornal buscava, através do futebol, a construção de uma identidade nacional. O veículo de informação foi o principal divulgador da Copa de 1938. Reforçou-se a idéia de que aquela não era uma mera disputa esportiva, mas sim uma afirmação da força do Brasil, do seu povo, a partir do futebol. Houve forte identificação da população brasileira com as crônicas esportivas do jornal. Apesar da derrota da seleção brasileira para a italiana, o jornal proporcionou um grande impulso no sentimento nacionalista.⁷³

Em 1936, o *Jornal dos Sports* foi adquirido por Mário Filho juntamente com Roberto Marinho;⁷⁴ porém, a sua linha editorial não mudou em nada. Apenas foram acrescentadas algumas tiras em quadrinhos, bem como matérias acerca de salários, passes e contratações, bem como matérias sobre a administração dos clubes, visto que o

⁷¹ Ozéas Mota era o proprietário das oficinas em que era impresso o *Rio Sportivo*, antigo jornal de propriedade de Argemiro Bulcão.

⁷² *La Gazzetta dello Sport* foi publicado, em Roma, pela primeira vez em 3 de abril de 1896. É o jornal de esportes mais vendido no país da bota.

⁷³ O *website* do *Jornal dos Sports* traz informações acerca da linha editorial do diário, com informações desde os anos 1930. Disponível em: <<http://www.jsports.com.br>> Acesso em 15 de maio de 2010.

⁷⁴ As relações entre Mário Filho e Roberto Marinho seriam cortadas em 1949, quando Mário resolveu aumentar o capital do *Jornal dos Sports* e Roberto não subscreveu. Mário Filho foi além, adquiriu mais ações do jornal, tornando-se, daí, sócio majoritário. Além disso, Mário Filho brigou com Ricardo Serran, então colunista destacado em *O Globo*, e acabou deixando o jornal do “amigo” Roberto Marinho. O golpe final de Mário foi o fato de ele, já “dono” do *Jornal dos Sports*, criar os Jogos da Primavera, uma olimpíada estudantil que reuniria os jovens de clubes e colégios do Rio de Janeiro em torno de competições esportivas. Roberto Marinho ainda propôs a organização/promoção dos jogos em conjunto, mas Mário Filho negou esse pedido de Roberto. Pronto, a amizade estava finalmente cortada.

futebol havia se profissionalizado recentemente (década de 1930). Sobre essa transação do *Jornal dos Sports*, escreve Ruy Castro:

Em 1936, Mário Filho já era uma potência jornalística em todo o Rio, e continuava sem poder pagar do seu bolso um cafezinho a um aspirante do São Cristóvão. Foi quando Arnaldo Guinle e José Bastos Padilha lhe propuseram comprar o “Jornal dos Sports”, que Argemiro Bulcão estava querendo vender. Comprar como, sem dinheiro? Guinle e Padilha comprariam pequenas partes cada um, emprestariam-lhe o dinheiro para ele comprar o grosso e Roberto Marinho compraria o resto. O jornal seria rodado em “O Globo”, ali mesmo, na rua Bethancourt da Silva. Parecia muito fácil. E era mesmo – mas o jornal só era viável porque Mário Filho iria dirigi-lo (CASTRO, 2008, p.133).

Em 1945, Mário Filho convidou o autor de *Menino de Engenho* para ser colaborador do *Jornal dos Sports*. O convite foi prontamente atendido, merecendo, no dia da estreia – 7 de março – manchete na primeira página. Uma manchete simples, mas que mostrava a importância do novo “atleta” para o escrete do diário de Mário Filho: “José Lins do Rego em *Jornal dos Sports*”, além de um pequeno texto de apresentação, a seguir reproduzido.

Jornal dos Sports oferece hoje aos seus leitores a primeira crônica de José Lins do Rego. O admirável romancista de Fogo Morto será a partir desta data um dos nossos colaboradores diários. Não será preciso destacar a importância dessa aquisição. José Lins do Rego é um de nossos maiores cronistas. Poucas seções do jornalismo brasileiro terão conquistado um público tão numeroso e fiel e um sucesso tão integral como *Esporte e Vida*. José Lins do Rego sabe falar ao povo. Contar com a sua colaboração diária é uma honra para qualquer jornal. Tem a palavra José Lins do Rego, na terceira página (REGO, 2002, p.143).

Logo no seu *début* no *Jornal dos Sports*, José Lins do Rego confessa que a primeira vaia recebida na vida foi devido a uma palavra publicada em certa crônica “de bom humor” (op. cit., p.27), como frisa o cronista, sobre o futebol. Para a construção de uma intimidade entre cronista e leitor, traço notório do gênero, o autor de *Fogo Morto* confessa que sentiu a notoriedade graças à vaia, à gritaria e aos palavrões. O mais importante, no caso, é que José Lins do Rego tem consciência da importância da crônica esportiva, daquilo que a envolve, bem como dos sentimentos – de paixão e de ódio – que ela pode vir a despertar.

Verifiquei que a crônica esportiva era maior agente de paixão que a polêmica literária ou o jornalismo político. Tinha mais de vinte anos de exercício de imprensa e só com uma palavra arrancava da multidão enfurecida uma descarga de raiva como nunca sentira (op. cit., p.27).

No entanto, o que mais chama a atenção nessa sua crônica de estreia é o fato de José Lins do Rego confessar o seu amor pelo rubro-negro carioca.

Abro um parênteses aqui para destacar essa profissão de fé de José Lins do Rego, assim como Mário Filho, flamenguista confesso, e Nelson Rodrigues, torcedor fanático do Fluminense, ao contrário daquilo que é feito na crônica esportiva brasileira de hoje, cujos cronistas evitam a vinculação com os clubes de futebol, como um véu que servisse para justificar análises que agradam gregos e desagradam troianos, em especial a crônica esportiva produzida no Rio Grande do Sul, que acompanho mais de perto, cujos cronistas identificados com alguma cor clubística podem ser contados nos dedos de uma mão, como se essa identificação viesse a prejudicar as suas análises.

Fechado o parênteses, José Lins do Rego escreve que tal paixão não irá prejudicar o seu discurso, que não penderá para lados ou cores, mas que será acima, acima de tudo, uma busca pela verdade, que se não for a verdade dos fatos, será a verdade que o cronista tem para consigo mesmo.

Volto à crônica com o mesmo ânimo, com o mesmo flamenguismo, com a mesma franqueza. Nada de fingir neutralidade e nem de compor máscara de bom moço. Mas só direi a verdade. E este é um compromisso que estará acima do meu próprio coração de rubro-negro. Sou tão amigo de Platão com da verdade. Mas espero que o meu caro Platão esteja sempre com a verdade (op. cit., p.27).

Frequentador dos estádios cariocas, tanto da zona sul – Gávea, Laranjeiras e General Severiano – quanto da periferia – Madureira –, José Lins do Rego era um observador atento do cotidiano, como reza a cartilha do bom cronista, assim como o futebol serve apenas de pano de fundo para que ele pudesse escrever sobre outros assuntos. Podemos observar isso na crônica *O Cronista, as Borboletas e os Urubus*,⁷⁵ em que o cronista sai a pé para assistir um treino do Flamengo e depara-se com o descaso da prefeitura com o lixo depositado nos muros do Jóquei Clube.

Tudo estava muito bonito, e o cronista descuidado e lírico começou a caminhada para gozar um pedaço desta cidade do Rio de Janeiro. E com esse propósito, de camisa aberta ao peito, procurou descobrir as borboletas azuis do seu caro Casimiro de Abreu.

Mas, em vez das lindíssimas borboletas, o cronista foi encontrando soturnos urubus, a passarem, a passo banzeiro, por cima do lixo, das imundícies, dos animais mortos, de toda a podridão que a prefeitura vai

⁷⁵ Crônica publicada em 5 de maio de 1945.

deixando ali, por detrás dos muros do Jóquei Clube. Fedia tanto o caminho que o pobre cronista (...) teve de correr para fugir o mais depressa possível daquele cenário nauseabundo (op. cit., p.34).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, em uma crônica intitulada *A Língua do Povo*,⁷⁶ José Lins do Rego reflete sobre a linguagem e o vocabulário popular que ele tanto admirava, em contraste com o vocabulário bacharelesco e acadêmico que tanto lhe causava repulsa.⁷⁷

Domingo, ao sairmos do estádio, vínhamos eu, Viana Moog e Mário Filho a falar do jogo de reservas que se desenrolara em ritmo de boa partida, quando um torcida falou para o outro:

– Mas que morrengo!

E, de fato, não havia melhor palavra para caracterizar aquela bola dolente que o Oswaldo engolira como quem papara um frango de engorda.

Aquele ‘morrengo’ era uma fotografia como máquina nenhuma poderia ter pegado.

Era o velho e bom povo a criar com a sua melhor maneira.

O ‘goal morrengo’ passara a figurar no dicionário dos ‘fans’ (In. HOLLANDA, 2003, p.83).

Podemos dizer que José Lins do Rego foi o primeiro grande escritor brasileiro – já sendo considerado como tal à época em que escrevia para o *Jornal dos Sports* – a escrever crônicas esportivas com certa sistemática, o que não ocorria até então, visto que os cronistas, como Olavo Bilac, Lima Barreto e Graciliano Ramos, por exemplo, apenas abordavam esporadicamente o turfe, o remo e, principalmente, o futebol.

Sobre a crônica esportiva de José Lins do Rego, escreve Bernardo Borges Buarque de Hollanda (2003, p.81-82):

Ao contrário da crônica esportiva de Prudente de Moraes Neto, que escrevia sobre turfe e freqüentava o Jockey Club do Rio de Janeiro, a crônica esportiva de José Lins do Rego, longe de ser um hobby, um lazer fortuito ou uma distração alheia às suas preocupações intelectuais, constituía

⁷⁶ Crônica originalmente publicada em 23 de abril de 1946.

⁷⁷ Em outra crônica, esta de 7 de março de 1946, intitulada *Uma Máscara*, escreve José Lins do Rego: “O sujeito apareceu na Avenida fazendo um grande sucesso. Vinha de boné, de cronômetro a tiracolo, de camisa de lã e calças curtas. E trazia um grande livro, um volumoso livro debaixo do braço. E começou a doutrinar, a falar difícil, a citar Cezar Cantú a doutrinar sobre leis e costumes dos povos. E como ninguém atinasse com aquela fantasia, o sujeito de máscara de arame se descobriu. E disse para os curiosos: ‘Eu sou um técnico de *football*’.

Aí ficou tudo esclarecido. O homem de camisa de lã, do grande livro, das frases arrezadas, era um técnico de *football*. E os curiosos não paravam de rir com as graças do homem que, para falar de um *crack*, se referia às leis dos Três Estados de Augusto Comte. E puxava na língua como um orador de Academia.” In. HOLLANDA, B. B. B. de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura. Rio de Janeiro, 2003. 218f.

um dos meios preferidos para se inserir na vida cultural carioca e para tratar de um dos assuntos que mais contagiava a capital da República naquele momento: o futebol.

Inserido em uma época em que o futebol, no Brasil, atravessa o meio-campo do amadorismo para adentrar na área da profissionalização e, conseqüentemente, consolidar-se como esporte das massas, José Lins do Rego soube utilizar toda essa excitação popular para assuntar em suas crônicas. A paixão que ele nutria pelo futebol fez com que abandonasse o ranço do gabinete e dos chás da Academia para se acomodar, nos batidos degraus das arquibancadas da Gávea, das Laranjeiras ou de General Severiano, ao lado do homem simples – aquele que foi matéria dos seus romances e que era objeto das suas observações.

4.3 A *Manchete Esportiva*

Acreditando nas ideias de Mário Filho de que o esporte, desprezado pelos jornais da época, era um produto a ser explorado, Adolfo Bloch, da Bloch Editores, criou, em novembro de 1955, a revista *Manchete Esportiva*, um impresso revolucionário e, principalmente, moderno, que seguia a linha desenvolvimentista implantada por Juscelino Kubitschek.

A *Manchete Esportiva* se destacou, entre outros aspectos, pela agilidade com que as suas edições eram produzidas. Dezenas de jornalistas e fotógrafos cobriam os jogos no domingo e, já na segunda-feira, a edição estava disponível nas bancas. Mário Filho, então editor, chegava a mandar uma dezena de repórteres cobrirem aos páreos no Hipódromo da Gávea, seguindo a teoria particular de que não cabe ao jornalista apenas reportar a realidade, ele deve, também, recriá-la. Sobre a forma como era produzida a *Manchete Esportiva*, Ruy Castro escreve:

Boa parte da revista era feita durante a semana, mas as páginas quentes, as que todo mundo queria ler, eram produzidas no domingo a noite, logo depois do jogo no Maracanã. Assim que Sua Senhoria trilhava o apito final, seus repórteres e fotógrafos corriam para a redação. Trabalhavam feitos doidos e, no dia seguinte, cedinho “*Manchete Esportiva*” estava nas bancas, com o herói da partida na capa, num vistoso “ektachrome”.⁷⁸ Era uma façanha notável para uma revista naquele tempo – e ainda é (CASTRO, 2008, p.263).

⁷⁸ Ektachrome é um tipo de filme reversível a cores (cores saturadas e de melhor definição de contraste), de sensibilidade baixa e maior tolerância a erros de exposição, desenvolvido, na década de 1940, pela Kodak, permitindo que pequenos laboratórios ou fotógrafos amadores pudessem processar a revelação do próprio filme (nota minha).

Na *Manchete Esportiva*, Mário Filho se cercou dos irmãos Augusto, Paulo e Nelson, o último sendo o redator principal, conforme vinha escrito no expediente da revista, além de manter sete colaboradores na redação e mais uma série de correspondentes espalhados pelo Brasil – São Paulo, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – e até mesmo pelo exterior – França, Portugal, Argentina, Uruguai, Peru, Paraguai e na ex-Tchecoslováquia. Sobre os colaboradores da *Manchete Esportiva*, Ruy castro escreve:

Augustinho [Augusto Rodrigues] despediu-se de Samuel Wainer [editor-chefe e diretor do jornal *Última Hora*] e saiu para dirigir a revista [*Manchete Esportiva*]; Paulinho [Paulo Rodrigues] idem, para ser chefe de reportagem. Nelson não saiu de “Última Hora”, mas praticamente mudou-se para a redação da [rua] Frei Caneca. Tornou-se redator principal da “Manchete Esportiva” e, de lá, escrevia “A vida como ela é...”, que Samuel Wainer mandava buscar. Mario Filho fazia uma coluna, como prometera. Augustinho tirou Ney Bianchi do “Jornal dos Sports”; Ronaldo Bôscoli, de “Última Hora”; e Arnaldo Niskier, da própria revisão de “Manchete”. Os fotógrafos eram Jader Neves, Ângelo Gomes, Jankiel Gonczarowska, Hélio Santos e Juvenil de Souza (op. cit., p.263).

Apesar do nome *Manchete Esportiva*, a revista não tinha mais do que 20% das suas páginas dedicadas aos esportes em geral. Seu cerne, sem dúvida, era o futebol, agora já consolidado nos trópicos tupiniquins e considerado o esporte nacional. O esporte bretão já mexia com os brios nacionais, estimulando o orgulho de ser brasileiro. A cobertura da *Manchete Esportiva* sobre os embates do ludopédio eram repletos de fotos, algumas, inclusive, ocupando a página inteira, além reportagens variadas acerca dos acontecimentos, bem como fotonovelas, cujos personagens e atores eram os jogadores de futebol da época e cujos títulos eram paródias de clássicos da literatura ocidental. Foi o caso, por exemplo, da fotonovela *Os Miseráveis*, inspirado no título homônimo de Victor Hugo, e que mostrava a trajetória de vida de Leônidas, então jogador do América carioca, um ex-sapateiro que se torna jogador de futebol.

Sobre o fim da revista *Manchete Esportiva*, em junho de 1959, que vinha enfrentando dificuldades em angariar recursos de publicidade, restando a Adolfo Bloch apenas a vendagem nas bancas, que, durante a Copa do Mundo de 1958, chegou a atingir os 100 mil exemplares, escreve Ruy Castro:

“Manchete Esportiva” não conseguia interessar os anunciantes. Uma vez na vida, outra na morte, aparecia um anúncio de cerveja, brilhantina ou lâmina de barbear. O texto da revista era moderno, as fotos

espetaculares e o que Nelson e Mário Filho escreviam deveria constar de antologias – e com tudo isso, “Manchete Esportiva” era um fracasso comercial (...) Talvez fosse uma revista inteligente demais para o torcedor comum de futebol, cujo QI não era muito mais cintilante do que o de Tuninho, o anti-herói de “A falecida” (...) Talvez “Manchete Esportiva” fosse muito acima dos padrões para uma revista de futebol – mas eles não saberiam fazer diferente (op. cit., p.263-266)

Para não deixarmos apenas na conta do QI do leitor a culpa pelo fracasso da revista *Manchete Esportiva*, como fez Ruy Castro, Daisi Irmgard Vogel escreveu que foi a ausência da publicidade, juntamente ao aumento progressivo do preço do papel, que fez com que a revista de Adolfo Bloch fechasse as suas portas.

Além disso, uma análise comparativa entre a *Manchete Esportiva* e *A Última Hora*, de propriedade de Samuel Wainer, conclui que a revista de Adolfo Bloch não estava alinhada com a lógica do mercado e da indústria cultural.

Entre 1943 e 1958, o quilo de papel de imprensa importado subiu de Cr\$ 2,35 para Cr\$ 4,82. De 1958 para 1963, saltou para Cr\$ 135,00 – um aumento súbito e concentrado, resultante de um “pacote” de medidas governamentais (...) Gisela Goldenstein analisou a trajetória do jornal (...) *A Última Hora*, e descreve a passagem do jornalismo político à indústria cultural, no Brasil. Ela verifica que *A Última Hora* possuía as técnicas da indústria cultural e sobreviveu à crise do populismo, no meio dos anos JK, porque aprendeu a se reger pela lógica de mercado. Seguindo sua leitura, é possível afirmar que, tecnicamente, também *Manchete Esportiva* estava em sintonia com o mecanismo da indústria cultural, mas não tinha a sua lógica, e a ausência da publicidade é a prova marcante (VOGEL, 2007, p.151-152).

Surgida em pleno nacionalismo desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek, a revista *Manchete Esportiva* seguiu os preceitos e técnicas da indústria cultural; porém, não conseguiu seguir a sua lógica, o que fica comprovado com a falta de anunciantes.

A revista de Adolfo Bloch, Mário Filho & Cia. revolucionou o mercado editorial brasileiro devido às suas grandes fotografias aliadas a reportagens e textos de alta qualidade, de gente do naipe de Ronaldo Bôscoli e Nelson Rodrigues, colocando, de vez, o futebol como o esporte nacional, além de reescrever, ou melhor, redirecionar o caminho do jornalismo esportivo no Brasil, mostrando o quê deveria ser feito e a forma como tudo deveria ser realizado.

Conforme escreveu Roberto DaMatta, o futebol fez com que o Brasil somasse “Estado nacional e sociedade” (1994, p.17) e coube a Nelson Rodrigues ser o primeiro a perceber o verdadeiro papel do esporte bretão, sintetizando, de certa forma, a alma brasileira.

Foi nas páginas da *Manchete Esportiva* que Nelson Rodrigues tratou de imortalizar-se junto à crônica esportiva, desafiando uma série de expressões que se tornaram verdadeiros bastiões do gênero, como, por exemplo, “pátria em calções e chuteiras”, “complexo de vira-latas”, “há na bola uma alma de cachorra”, “o tapa é o mais importante dos atos humanos”, fazendo com que Nelson vista a camisa 10 dentre os cronistas esportivos, o maior de todos.

4.4 Nelson Rodrigues: o Pelé da crônica

Nascido em 1912, pode-se dizer que Nelson Rodrigues, utilizando como comparação as categorias do futebol, adentrou no mundo jornalístico ainda na categoria infantil, já que com 13 anos ele começou a colaborar no jornal *A Manhã*, fundado pelo seu pai Mário Rodrigues.

O jovem Nelson era o responsável pela seção policial, enquanto os seus irmãos Mário e Roberto cuidavam, respectivamente, dos esportes e das ilustrações. Dessa forma, portanto, segundo Luís Augusto Fischer, a vida de Nelson Rodrigues

foi decisivamente influenciada pelo meio. (...) O que sim se pode afirmar é que Nelson conheceu desde cedo a vida intestina do jornal, o que lhe proporcionou condições de saber, mais por experiência do que por reflexão, do poder de que desfruta quem escreve ali. Do poder: da possibilidade de falar e de ser ouvido; do efeito que uma frase, um ângulo de abordagem, um ponto de vista podem ter sobre o leitor (FISCHER, 2009, p.65).

Pode-se dizer que Nelson Rodrigues inicia a sua jornada no mundo jornalístico, como muito bem definiu Fischer, em uma era “quase” pré-histórica do jornalismo brasileiro, pois nessa época nada – ou quase nada – é profissionalizado ou especializado na área, que ainda havia de ser marcada por questões políticas e ideológicas. Fischer também destaca o fato de a imprensa ser “vítima” da forma “parnasianista” de escrever,

em que mais valia uma frase de efeito, um adjetivo raro, uma erudição fácil, do que qualquer coisa que se assemelhasse a empiria, objetividade, denúncia, investigação da vida real, coisas estas que, embora demandadas por forças históricas modernizantes, no Brasil e no Ocidente, como os combativos sindicatos urbanos, as novas agremiações políticas, os movimentos sociais, para não falar das impressionantes novidades científicas e tecnológicas (avião, rádio), forças que se impulsionaram com a divulgação das vanguardas artísticas que ecoaram aos gritos em São Paulo, em torno do episódio-símbolo da Semana de Arte Moderna, essas coisas demorariam ainda muito tempo para gerar frutos apreciáveis, tanto na produção literária quanto na produção jornalística (op. cit., p.66).

É importante, dessa forma, destacar o descompasso que existe entre a palavra impressa e a realidade. O discurso jornalístico dizia mais respeito aos interesses ideológicos e políticos do jornal ou tinha mais valor devido ao seu efeito retórico independente dos fatos.

Além do discurso literário, é importante destacar acerca dos aspectos sociológicos que envolvem a literatura, mapeando, dessa forma, elementos nas crônicas de Nelson Rodrigues que possam marcar/interpretar a sua época.

Produzida em um determinado contexto histórico-social, a literatura traz consigo a relação entre autor e público. Ao passo que o primeiro “interpreta” o seu tempo, o segundo possui um amplo horizonte de expectativas. A obra, enquanto produção estética, faz a ponte entre esses dois extremos, trazendo, *per se*, os dilemas da sua época.

Sob esse raciocínio, Antonio Candido (2006) escreve que a literatura nada mais é do que um sistema simbólico de comunicação inter-humana, sendo, como manifestação de arte, um produto social, além de exprimir as condições da civilização em que ocorre, adquirindo forma, função e significado a partir de três elementos: autor, obra e público. O autor é aquele que comunica alguma coisa, enquanto a obra e o público são, respectivamente, o objeto a ser comunicado e aquele para o qual o objeto é produzido.

Sobre a organicidade desse sistema e a sua conseqüente fragilidade, escreve Candido (op. cit., p.84):

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o autor, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

Deve ser destacado o fato de que o autor, no sistema, exerce um papel social, sendo, muitas vezes, um representante da classe social dominante ou da classe mais influente. Assim, conforme Candido (2006), o autor, por meio da sua obra, apenas está comunicando acerca de determinados valores do seu grupo – na obra de Nelson Rodrigues, por exemplo, esse processo fica mais evidente nas suas dramaturgias, em

especial na “denúncia” que ele faz da falsa moralidade da sociedade brasileira⁷⁹ (comportamento humano *versus* tabus/contravenções, em especial com aquilo que se referia à noção católica do pecado).⁸⁰ Sucintamente, podemos dizer que a obra literária é o reflexo das indagações e da ideologia da classe social a qual o autor faz parte.

Continuo a pedir auxílio ao mestre Antonio Candido para entender o sucesso alcançado pelas crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol junto ao público leitor de jornais.

Recorrendo ao sociólogo polonês Leopold Von Wiese, Candido escreve que “o público nunca é um grupo social, sendo sempre uma coleção inorgânica de indivíduos, cujo denominador comum é o interesse por um fato” (op. cit., p.86). Trazendo essa afirmação de Candido para as crônicas de futebol escritas por Nelson Rodrigues, podemos dizer que, seguindo os passos do irmão Mário, o Anjo Pornográfico escrevia para um público leitor amante do ex-esporte bretão que estava carente de textos sobre o referido esporte, no caso crônicas periódicas publicadas em jornal, buscando o contraponto ou a aquiescência de fatos presenciados, bem como, simplesmente, a busca por informação.⁸¹ Aliado a isso, Antonio Candido escreve que a ligação existente entre autor e público depende do grau de ilustração deste, bem como os seus hábitos intelectuais, além, é claro, dos instrumentos de divulgação da obra – livro, jornal, revista, auditório, por exemplo. Escreve Douglas Ricalde:

Seja descrito, narrado, comentado, avaliado, criticado, noticiado – o tipo de acontecimento que chega ao jornal diário é apresentado como algo suficientemente relevante, capaz de interessar a um grande número de leitores. No caso do futebol, temos um movimento que vem da sociedade (um esporte que ganha força e repercussão massiva) e ganha ressonância nas páginas de jornal. Não se trata de um episódio esporádico, mas de uma cobertura cotidiana. Nesse contexto, a crônica futebolística de Nelson

⁷⁹ Sobre o moralismo, Nelson Rodrigues escreve: “Minhas peças têm um moralismo agressivo. Nos meus textos, o desejo é triste, a volúpia é trágica e o crime é o próprio inferno. O espectador vai para casa apavorado com todos os seus pecados passados, presentes e futuros. Numa época em que a maioria se comporta sexualmente como vira-latas, eu transformo um simples beijo numa abjeção eterna” (RODRIGUES, 1997, p.109).

⁸⁰ As peças *Álbum de família*, *Senhora dos afogados* e *Dorotéia*, por exemplo, trazem personagens-sínteses – espero aqui não estar forçando demais o debate – do universo do autor: a filha que é prostituta, a dona de casa que é fógosa apenas com o amante, o cunhado canalha, o pai apaixonado pelo genro, por exemplo.

⁸¹ Sobre a presença da crônica no jornal, assim como das suas características, escreveu Douglas Ricalde (2007, p.29): “A crônica como obra literária é criada para circular no jornal antes de ganhar a forma de livro. No jornal ela é perecível, efêmera, condenada a dialogar com os fatos recentes. Tende a ser consumida pelo tempo, pelo dia seguinte. Desse conjunto de obras, apenas algumas são selecionadas para serem publicadas em livro e ganharem o status de texto permanente que merece ser lido fora do contexto original”.

Rodrigues está dialogando com uma nova realidade (RICALDE, 2007, p.26).

Discutido os aspectos sociológicos da literatura, voltemos ao objeto de estudo desta seção, a crônica futebolística produzida por Nelson Rodrigues, mas antes passemos pelas conquistas esportivas da década de 1950, inclusive com a conquista do primeiro caneco da seleção canarinho.

A década de 1950 e o início dos anos 1960 trouxeram uma goleada de conquistas brasileiras até então inéditas. Maria Esther Bueno, no tênis, conquista os títulos de Wimbledon e do US Open, em 1959. Éder Jofre, no boxe, torna-se campeão da Associação Mundial de boxe (AMB), categoria peso-galo, em 1960. A seleção brasileira de basquete conquista, em 1959, o primeiro título mundial, com destaque para Wlamir Marques, Amaury Passos, Édson Bispo e Rosa Branca. Não poderia esquecer do futebol, a paixão de Nelson Rodrigues, que, após a tragédia do *Maracanazo*, em 1950, conquista, em 1958, a Copa do Mundo, na Suécia, seu primeiro título mundial, que foi descrito assim pelo Anjo Pornográfico:⁸²

Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: – a vitória final, no campeonato do mundo, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o Rei Gustavo, da Suécia, veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo, aqui, sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com “x” ou não iam ler a vitória no jornal. Sucedeu esta coisa sublime: – analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas e liam tudo com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do “lance a lance” da partida até com os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil (RODRIGUES, 2007, p.408).

Além do impacto dos jornais, há, também, a “superação do complexo de viralatas”, agora com a primeira taça do mundo no armário. Nessa “coisa sublime”, é por meio do futebol e da conquista da Copa que o brasileiro se eleva a um patamar civilizado.

Nesse fragmento fica nítida a função exercida pelos jornais e pelas revistas frente à população. Em uma época em que a televisão era privilégio das elites de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife,⁸³ a mídia impressa levava uma certa vantagem, digamos, no imediatismo da notícia – até mesmo porque as

⁸² Crônica originalmente publicada na revista *Manchete Esportiva*, com o título *Meu Personagem da Semana: o Escreta*, no dia 12 de julho de 1958, 13 dias após o Brasil levantar a primeira Copa do Mundo.

⁸³ Em 1958, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 3% da população brasileira, em um universo de 65 milhões de habitantes, possuía aparelho de televisão.

jogadas de Pelé chegavam com uma semana de atraso aos televisores e ao cinejornal – perdendo apenas para o rádio, que registrou, em tempo real, o cruzamento rasteiro de Garrincha que Vavá completou para o fundo das redes suecas, empatando o *match* decisivo, jogada que ficou perpetuada na imaginação dos 32 milhões de brasileiros que escutaram a partida pelo rádio, marcando a maior audiência desse meio de comunicação no país até então.

Sobre o impacto do rádio e a expectativa e a comoção que tinha ao seu entorno, Nelson Rodrigues, a partir do jogo Brasil 1 x 0 País de Gales,⁸⁴ pelas quartas-de-final do torneio na Suécia, escreve:⁸⁵

Fez o gol [Pelé]. Amigos, nada descreve o uivo, o urro que soltamos aqui quando o espíquer atirou o seu berro bestial: — “Gol!”. Até aquele momento, o Brasil inteiro, de ponta a ponta, do presidente da República ao apanhador de guimba, o Brasil estava agonizando, morrendo, ao pé do rádio. Imaginem se o adversário, antes de Pelé, tivesse enfiado um gol maluco. Eis a verdade: ia haver uma morte nacional. O Brasil teria desabado, teria arriado, e, posteriormente, teria saído num rabeção (...) Eu falei em uivo, em urro. Sim, amigos: — foi um som jamais ouvido, desde que se inventou o homem. Algo de bestial, de pré-histórico, antediluviano, sei lá. Nunca, em nossa curta passagem terrena, conhecemos uma euforia assim brutal. Foi um desses momentos em que cada um de nós deixa de ter vergonha e passa a ter orgulho de sua condição nacional (op. cit., p.400).

Vale destacar, também, a forma como Nelson Rodrigues se expressa, e essa crônica é um belo exemplo disso. Há desvios (berro bestial, uivo, urro), exageros (Brasil de ponta a ponta, morte nacional) e, claro, dramatização (nesse caso, a morte). Enfim, em pequenas frases, o Anjo Pornográfico é altamente simples e comunicativo, mas também é capaz de criar frases e imagens emblemáticas (morte nacional, o Brasil saindo de rabeção). Desse modo, ele estende metonimicamente do futebol ao Brasil, em uma continuidade aparentemente tranquila *da parte ao todo*.

Os jornais e as revistas repercutiam com maior agilidade os acontecimentos, trazendo, já nas edições do dia seguinte, as reportagens e as fotos referentes ao jogo da seleção, provocando um grande corre-corre em direção às bancas de jornais e revistas, como pode ser percebido nessa crônica de Nelson Rodrigues.

⁸⁴ O gol foi anotado por Pelé, aos 66’.

⁸⁵ Crônica originalmente publicada na revista *Manchete Esportiva*, com o título *Meu Personagem da Semana: Pelé*, no dia 24 de junho de 1958, a qual Nelson Rodrigues rebatia as críticas de Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, então comentarista esportivo, que dizia que Pelé deveria ser “barrado” na seleção.

Abusando da intimidade que a crônica tem com os seus leitores e da ampla circulação do jornal, Nelson Rodrigues abordou nelas a crença no Brasil e nos brasileiros, como se percebe no trecho a seguir:

Graças a esses jogadores [grupo de atletas da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958], dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo. Os simples, os bobos, os tapados hão de querer sufocar a vitória nos seus limites estritamente esportivos. Ilusão! Os 5 x 2, lá fora, contra tudo e contra todos, são um maravilhoso triunfo vital de todos nós e de cada um de nós. Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: — é chato ser brasileiro! Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana d'Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: — o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas (op. cit., p.408-409).

Nelson Rodrigues, nessa mesma crônica, mostra que a glória no futebol não é apenas uma glória esportiva, mas que acarretará em mudanças de comportamento em cada brasileiro, que deixará de se comportar como um dos personagens de Charles Dickens, repleto (e orgulhoso!) de humildade, ou como um “São Francisco de Assis, de camisola e alpercatas” (p.409), para reagir “diante do mundo com um potente, um irresistível *élan* vital” (p.409). E conclui:

Rilhando os dentes de humildade, o brasileiro já não se considerava o melhor nem de cuspe à distância. E o escrete vem e dá um banho de bola, um show de futebol, um baile imortal na Suécia. Como se isso não bastasse, ainda se permite o luxo de vencer de goleada a última peleja. Foi uma lavagem total (op. cit., p.409).

Ainda sobre a humildade do brasileiro, para registro, dois anos antes, Nelson já havia escrito:

Se examinarmos a nossa história individual e coletiva, esbarraremos, a cada passo, com exemplos, inequívocos e indelévels, de humildade. Por exemplo: — a recentíssima jornada do escrete brasileiro em canchas européias. Foi algo de patético. No mesmo dia do embarque, vem o nosso técnico e, a babar humildade, anuncia: — “Nós vamos aprender!” Vejam vocês: — aprender! (...) Como explicar essa instintiva, essa incontrolável tendência para a autonegação? Será o servilismo colonial que acometeu também o futebol? (op. cit., p.83-84).⁸⁶

⁸⁶ Crônica publicada na *Manchete Esportiva* de 19 de maio de 1956 com o veemente título *Abaixo a Humildade!*.

Esse nacionalismo, que Nelson Rodrigues tanto aborda, é mais uma problematização da condição de brasilidade do que uma valorização propriamente dita. O nó dessa questão, a meu ver, e que dá dimensão e força para Nelson, é a discussão da condição brasileira por meio do futebol. A dimensão do dramaturgo faz com que ele se arrisque a não falar apenas do ludopédio. Isso, sem entrar no mérito do conservadorismo que permeia sua posição. É o caso, por exemplo, da seleção brasileira campeã do mundo, em 1958, que embarcou para a Suécia sob o olhar enviesado e desconfiado da torcida, fruto, segundo o Anjo Pornográfico, das cicatrizes das feridas da Copa de 1950,⁸⁷ como nessa crônica, a última antes da estreia do Brasil.⁸⁸

Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: — “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: — não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado? (...) Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: — “extraíu” de nós o título como se fosse um dente (op. cit., p.386).

Mais adiante, na mesma crônica, Nelson Rodrigues parece que vai seguir a opinião pública no fato de não acreditar no escrete nacional; porém, o cronista confessa todo o seu patriotismo, que na sua confissão parece ser maior do que ele, quase como uma irracionalidade, uma profissão de fé aos jogadores:

Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: — eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho (op. cit., p.387).

⁸⁷ Nelson Rodrigues refere-se ao *Maracanazo*, como ficou conhecida a tragédia do Maracanã, na final da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. No dia 6 de julho, com um público espectador de 199.854 pessoas, o público recorde do até então maior estádio do mundo, o Uruguai virou o jogo e levou a Jules Rimet para as bandas orientais. Fiaça abriu o placar aos 47', Schiaffino empatou aos 66' e Gigghia, aos 79', deu números finais ao escore.

⁸⁸ Crônica originalmente publicada na revista *Manchete Esportiva*, com o título *Meu Personagem da Semana: o Escrete*, no dia 31 de maio de 1958.

Nelson Rodrigues vê o brasileiro como um sujeito instável, que liberta o gozo incontido nas vitórias e esbanja fraqueza e humildade nos momentos de derrota. O brasileiro não consegue acreditar na sua capacidade de alcançar grandes conquistas, principalmente quando se defrontava com países desenvolvidos, como os europeus, quando essa baixa autoestima vinha à baila.

Nelson, exercendo o seu papel de cronista, além de ser um excelente observador da alma nacional, dessa forma, diagnostica o brasileiro como um ser complexado, seguindo bem a linha do psicólogo Carl Jung, cujo complexo seria uma forma de agir inconscientemente que influencia na conduta do indivíduo. Nelson cunha, assim, a expressão “complexo de vira-latas” para definir o âmago nacional.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos (...) Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia (op. cit., p.387).

Esse complexo que Nelson Rodrigues define como sendo de vira-latas para definir o brasileiro, estende-se, também, ao escrete nacional, o que seria óbvio, já que para ele o futebol estaria intrincado à sociedade, sendo, portanto, uma representação social. Dessa forma, os jogadores agiriam/sentiriam da mesma forma que o povo, teriam os mesmos receios, a mesma humildade comovente, pois a seleção canarinho é a pátria calçando chuteiras.

Há uma relação nítida e taxativa entre a torcida e a seleção. Um péssimo torcedor corresponde a um péssimo jogador. De resto, convém notar o seguinte: — o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades. Em 50, houve mais que o revés de onze sujeitos, houve o fracasso do homem brasileiro (op. cit., p.379).⁸⁹

⁸⁹ Crônica publicada em 17 de maio de 1958, sob o título *Meu Personagem da Semana: o Torcedor*, na revista *Manchete Esportiva*.

O brasileiro, nessa humildade, exaltava o futebolista estrangeiro, desacreditando nos atletas nacionais. E não eram jogadores comuns – longe disso! – que eram colocados em discussão, era Zizinho, Leônidas e Didi, por exemplo. Algo que acontece até hoje, quando exaltamos não apenas os jogadores do exterior – Messis, Rooneys, Cristianos Ronaldos –, mas também os times estrangeiros – os Barcelonas, os Milans e os Manchesteres – e os campeonatos italianos, ingleses e espanhóis, por exemplo, em detrimento daquele futebol praticado e produzido neste lado do Atlântico.⁹⁰

Nos anos 1950, a seleção húngara era a queridinha da crônica esportiva nacional. Realmente, a Hungria de Sándor Kocsis e Ferénc Puskas⁹¹ era um escrete fantástico, chegando a encarrear 39 partidas de invencibilidade, além de revolucionar o futebol.⁹² Nelson, um defensor da camisa canarinho, escreve:

Se falavam de um Puskas, escorria-lhes da boca uma água indescritível, que era a baba grossa e bovina da admiração (...) E é raro o dia em que o leitor de jornal não esbarra ainda hoje, não tropeça num artigo pondo a Hungria nas nuvens. São os colegas já referidos que se põem de cócoras, que se agacham, que se prostram no culto abjeto do futebol húngaro (op. cit., p.87).⁹³

Claro que o sentimento do torcedor nacional não era gratuito, pode-se dizer que esse torcedor era muito influenciado por aqueles que produziam as notícias. Fica evidente isso em uma crônica de 16 de junho de 1956, intitulada *A Tara do Gol*, em que Nelson Rodrigues escreve sobre essa mesma baba bovina da mídia brasileira frente aos escretos estrangeiros e que tantas duras críticas faz aos *players* brasileiros:

Refiro-me aos locutores e aos cronistas patricios que, com um ufanismo invertido, clamam pelo microfone ou pelas manchetes: – “Não somos os maiores! Não somos os maiores!” As derrotas de campo são meras contingências. Perdemos em Milão e Wembley como a Hungria perdeu na própria Budapeste, em Bruxelas e empatou em Portugal. O pior, o grave, o irremissível é quando jornalistas e *speakers* brasileiros se põem a negar, a refutar ou simplesmente a ignorar os méritos evidentiíssimos do nosso futebol e dos nossos jogadores (op. cit., p.96).

⁹⁰ As estatísticas da Copa Intercontinental (1960-2004) e do Mundial Interclubes FIFA (2005-2009) mostram que o Brasil perde apenas para a Argentina em número de títulos. Eis a lista, entre parênteses, os números de títulos: Argentina (9), Brasil (8), Itália (6), Uruguai (5), Espanha/Alemanha (3), Holanda/Inglaterra (2), Portugal/Iugoslávia/Paraguai (1).

⁹¹ Chico Buarque, grande amante do futebol, juntou o nome da dupla de ataque húngara e batizou um de seus personagens do romance *Budapeste* como Kocsis Ferenc. Aliás, todas as personagens do seu livro fazem referências aos jogadores daquela seleção.

⁹² A seleção húngara adaptou o W.M, o primeiro esquema tático do futebol reconhecido como tal, criando o W.W, em que o centroavante recuava para buscar o jogo e confundir a defesa do adversário. Esse sistema de jogo foi o embrião do 4-2-4 utilizado pelo Brasil no seu primeiro título mundial, em 1958.

⁹³ *A Ex-invicta*, crônica publicada na revista *Manchete Esportiva* de 26 de maio de 1956.

Também chama a atenção o fato de Nelson Rodrigues refletir, nas suas crônicas, acerca do jornalismo esportivo, usando como ponto de partida a memória. Nelson traz elementos do passado para apontar o quão diferente está não só a crônica esportiva, mas também o próprio futebol.

O Anjo Pornográfico, por exemplo, em uma crônica intitulada *O Assassinato do Sanduíche*, datada de 10 de novembro de 1955 e publicada na *Manchete Esportiva*, mostra como eram tratados os cronistas esportivos na época, nos mais diversos estádios de futebol do Rio de Janeiro. Primeiro, Nelson compara a infraestrutura de Fluminense, Vasco e Botafogo para abrigar os jornalistas. Enquanto os dois primeiros deixam os jornalistas sob os caprichos do tempo, o último, conforme os exageros verborrágicos de Nelson,

prepara e inaugura uma feérica tribuna de imprensa que ofusca, que esmaga, que humilha todas as outras (...) Falar em conforto não basta, é pouco, muito pouco (...) a [tribuna] do Botafogo tem um luxo asiático de consultório de psicanalista (op. cit., p.17).

Nelson Rodrigues aproveita, dessa forma, para mostrar a bravura dos jornalistas para cobrir as partidas do futebol tupiniquim. São “Balzacs”, expostos ao vento e ao frio, e que, apesar destes, preenchem as suas bobinas de papel com anotações e mais anotações, um desconforto, que segundo Nelson, tipicamente exagerado, perdura “há anos, quase dizia há séculos” (op. cit., p.17). Eis a descrição das tribunas a qual a imprensa se sujeitava desde o início da cobertura jornalística do ludopédio:

A crônica não tem, dos clubes, a necessária consideração. Por exemplo: – A tribuna de imprensa do Tricolor. É uma espécie de poleiro e com a agravante de não oferecer a mínima cobertura, a minha proteção. O repórter, ali, é um pobre ser indefeso face à chuva, ao sol, à poeira, o diabo. Uma tênue aragem que sopra em Álvaro Chaves, assume as proporções de um vendaval inclemente. E no inverno nem se fala. O cronista vira esquimó, vira pingüim, vira picolé, como se recebesse, em plena face, a emanação de uma insuspeitada Sibéria. Isto nas Laranjeiras. Em São Januário, a mesma coisa. E nos outros clubes também (op. cit., p.17).

Nelson Rodrigues ainda escreve que o Botafogo ofereceu aos jornalistas alguns acepipes – champanha, guaraná, biscoito e sanduíches –, sendo que o último desencadeou nele “um processo proustiano”, quando faz o cronista Nelson voltar para o tempo em que os clubes de futebol ofereciam, vez que outra, lanches aos jornalistas.

Estes, por sua vez, degladiavam-se pelas guloseimas, sinal dos tempos em que a profissão de jornalista esportivo era marginalizada, além dos próprios, em nova hipérbole rodrigueana, morrer fisicamente de fome, o que, segundo o próprio Anjo Pornográfico, e conforme já abordado nesse mesmo trabalho, mudou com Mário Filho.

Hoje, o cronista esportivo conquistou um nível social e econômico vertiginoso. Pode olhar um mísero, um franciscano sanduíche com um desprezo de rajá. Naquela época era diferente: – o repórter especializado andava de taioba e morria fisicamente de fome. Daí os sucessos dos lanches que o Bangu, o Andaraí e outros clubes proporcionavam. Vejam o abismo entre as duas épocas: – ontem, no Botafogo, os sanduíches circulavam em bandejas, intactos e impunes; mas em 1920 nenhum sanduíche poderia aparecer, num reservado de imprensa, sem perigo de vida. Era acometido por todos os lados, sumariamente (op. cit., p.18).

Essa comparação entre a crônica esportiva da sua época com a crônica praticada nas décadas de 1920, 1930 e 1940 é um tema recorrente nos textos rodrigueanos. Tomemos como exemplo a crônica referente ao jogo entre o Olaria e o time de cronista, o Fluminense, na rua Bariri, em que o eixo central da crônica não é a partida, “uma pelada alvar, que não valia cinco cruzeiros da lotação” (op. cit., p.20), mas sim um tapa, “o mais importante dos atos humanos” (op. cit., p.20), desferido contra o árbitro por um jogador qualquer. Nelson mostra ter consciência de que a cobertura jornalística contemporânea a si não perde “um lance” e divulga tudo aquilo que está sob o seu olhar, no caso o tapa.

Note-se: há, hoje, toda uma monstruosa técnica de divulgação, que torna inexequível qualquer espécie de sigilo. E, logo, a imprensa e o rádio envolveram o árbitro. Essa covardia fotografada, irradiada, televisionada, projetou-se irresistivelmente (op. cit., p.21).

Abro um parênteses aqui para dizer que essa crônica também é interessante pelo fato de Nelson Rodrigues não revelar quem foi o jogador que esbofeteou o árbitro. Talvez ele nem soubesse. Para o Anjo Pornográfico o que importava eram os gestos e as atitudes humanas, principalmente aquelas que envolviam a emoção, a paixão incontida. Talvez seja por isso que o indivíduo tenha ficado para um segundo plano, pois o que era realmente importante para o cronista (crônica) era a descrição do tapa e tudo aquilo que o cercava, como o som e, até mesmo, a reação covarde do árbitro.

Depois que o jornalista esportivo deixou de estar na margem da redação para alcançar um certo *status* social, nada mais natural que a cobertura jornalística se

ampliasse. Agora não interessava mais tão somente os lances do jogo, uma bola teimosa explodindo na trave, uma defesa milagrosa do goleiro ou um inacreditável gol de chiripa, os blocos de anotações e as lentes fotográficas estavam apontados para tudo e todos, com ciência de Nelson, pois segundo o próprio, “a imprensa e o rádio falam de tudo, numa sádica e minuciosa cobertura” (op. cit., p.53).⁹⁴

No entanto, muitas vezes, os jornalistas dão valor a coisas miúdas, como torsões ou quaisquer outros tipos de lesões, esquecendo, portanto, da alma – o intrínseco do ser humano – que, para Nelson Rodrigues, um amante e observador atento dos sentimentos humanos, era a responsável por ganhar ou perder as partidas.

A imprensa e o rádio dão importância a pequeninos e miseráveis acidentes. Por exemplo: – uma reles distensão muscular desencadeia manchetes. Mas nenhum jornal ou locutor jamais se ocuparia de uma dor-de-cotovelo, que viesse acometer um jogador e incapacita-lo para tirar um vago arremesso lateral (op. cit., p.65).⁹⁵

Nelson Rodrigues não fica apenas na reflexão da cobertura da mídia esportiva, bem como em comparações entre a crônica produzida na década de 1950, a sua crônica, com a produzida nas décadas anteriores. O Anjo Pornográfico, digamos assim, dá a receita de como deve ser feito não apenas o jornalismo esportivo, mas o jornalismo como um todo. Em toda notícia deve ter um passarinho. Simples assim. Mas agora explico.

Em março de 1956, o Brasil sagrou-se campeão panamericano de futebol, com uma seleção composta quase que exclusivamente por jogadores de Internacional e Grêmio,⁹⁶ visto que o Esporte Clube Pelotas e o Grêmio Esportiva Renner também tinham representantes na delegação. Em crônica publicada no dia 31 de março do mesmo ano, na revista *Manchete Esportiva*, para saudar a vitória gaúcha (e brasileira), Nelson clama por Olavo Bilac – “não o Bilac da ‘Frinéia’, do ‘Nunca Morrer Assim’, das ‘Virgens Mortas’, mas, sim o Bilac dos tiros de guerra” (op. cit., p.62), Homero,

⁹⁴ Crônica publicada na revista *Manchete Esportiva* de 10 de março de 1956, intitulada *O Riso*.

⁹⁵ *Freud no Futebol*, publicada, em 7 de abril de 1956, na *Manchete Esportiva*.

⁹⁶ A delegação brasileira foi composta por: Valdir, Sérgio, Paulinho, Oreco, Figueiró, Florindo, Airton, Ênio Rodrigues, Ortunho, Duarte, Odorico, Sarará, Jerônimo, Ênio Andrade, Milton, Luizinho, Hercílio, Bodinho, Larry, Juarez, Chiquinho e Raul Klein.

Camões e Dante para cantar a glória do desporto nacional.⁹⁷ Ele acusa os correspondentes brasileiros de envergonhar a classe jornalística, já que

cada cronista da delegação, em vez de babar materialmente de gozo, mandou dizer ao seu jornal o seguinte: – “que os argentinos jogaram mais, que os argentinos mereceram vencer e que os brasileiros estavam apáticos” (op. cit., p.62).

É para esse jornalista que Nelson Rodrigues sentencia em definitivo: “um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Daria à estúpida e chata realidade um sopro de fantasia” (op. cit., p.62-63). Eis aqui, portanto, o segredo para o bom jornalismo esportivo segundo o Anjo Pornográfico, a fantasia, as pequenas mentiras, a dramatização⁹⁸ dos fatos, bem ao seu estilo, “casualmente”. Já antevendo as críticas que viriam, eis a resposta do Anjo Pornográfico para aqueles que ousassem discordar:

Ora, o jornalista que tem o culto do fato é profissionalmente um fracassado. Sim, amigos, o fato em si mesmo vale pouco ou nada. O que lhe dá autoridade é o acréscimo da imaginação (op. cit., p.63).

Aqui poderemos adentrar a uma seara jornalística repleta de discussões, inclusive envolvendo a ética da profissão. Explico: quando lemos uma notícia no jornal esperamos que aquilo que está escrito seja o mais fielmente possível aos fatos reais – não adentrarei aqui na questão da linha editorial do jornal ou em discussões semânticas, como a posição do sujeito, etc. –, em outras palavras, esperamos do jornal a verdade absoluta, mesmo sabedores de que ela possa não existir, que o jornal apresenta tão somente as versões dos fatos – pelo menos as que lhe interessa. Seria ético, por exemplo, o jornalista, conforme escreveu Nelson Rodrigues, dramatizar ou transfigurar a notícia?

Nelson define, nessa mesma crônica, o jornalismo como uma arte. E tal arte deveria não apenas “pentear ou desgrenhar” os acontecimentos, mas, principalmente, negar a sua imagem “autêntica e alvar”. Para exemplificar tal definição e mostrar o bom jornalista, Nelson Rodrigues recorre a um exemplo, quase como uma parábola, como se estivesse a catequizar o seu leitor.

⁹⁷ A campanha brasileira foi impecável no Panamericano do México, com quatro vitórias e apenas um empate – venceu o Chile (2x1), o Peru (1x0) e o México (2x1), goleou a Costa Rica (7x1) e empatou com a Argentina (2x2).

⁹⁸ Dramatização no sentido de capacidade de interessar, de emocionar fortemente.

O jornalista espia o fogo e conclui que se tratava, na verdade, de um incêndio vagabundo, uma vergonha de incêndio. Qualquer mãe de família o apagaria com um humilhante regador de jardim. Volta o repórter para a redação e, lá, escreve uma página de jornal sobre o fracassado sinistro. E mais: – põe um canário inventado no meio das labaredas, um canário que morre cantando. No dia seguinte, a edição esgotou-se. A cidade inteira, de ponta a ponta, chorou a irreparável perda do bicho. Vejam vocês a lição de vida e de jornalismo: – com duas mentiras, o repórter alcançara um admirável resultado poético e dramático (...) Sem passarinho, não há jornalismo possível (op. cit., p.63)

O Anjo Pornográfico defende escancaradamente que a mentira deva fazer parte do jornalismo, servindo, inclusive, para alavancar as vendas do jornal. Suas palavras são definitivas – “sem passarinho, não há jornalismo possível” –, o que torna a mentira um elemento essencial e participante do jornalismo e do bom jornalista, um tempero a ser adicionado à notícia.

Assim, para interessar o leitor há a possibilidade do jornalista de inventar, de exagerar, de dar outras pinceladas aos fatos. A ficção traz o drama para dentro da notícia, esvaziando, de certo modo, a objetividade da informação na medida em que injeta a força da narrativa – conflito, dramaticidade, suspense, emoção. Dessa forma, entramos em um debate, digamos assim, ético, pois duas perguntas podem ser levantadas a respeito. Qual é a legitimidade disso? Quais critérios são utilizados?⁹⁹ Se por um lado o jornalista tem que resolver esse embate ético, pelo outro lado o cronista tem total liberdade de criação, já que a crônica é um gênero que se situa entre o jornalismo e a literatura, cujos comentários do narrador-cronista não têm nenhuma obrigação com a verdade dos fatos, podendo serem eles reais ou imaginários. Conforme escreveu Ricalde (2007, p.27):

⁹⁹ Conforme escreveu Marcilene Forechi (2006), “assim como não há uma verdade capaz de dar conta da totalidade de um fato ou de uma situação, não há também possibilidade de uma pessoa, por mais bem intencionada que seja, dar conta de descrever o que vê de forma inocente. As narrativas são sempre híbridas no sentido de que se constituem em uma teia de outras narrativas que tomam forma no discurso de quem as produz. O discurso da imprensa chega à sociedade sob o manto da imparcialidade, da verdade e da objetividade. São discursos produzidos por seres que não olham de fora a realidade, como observadores privilegiados, mas, antes, se encontram inseridos nela com todas as subjetividades que os compõem.

Ao falar de objetividade, seria interessante levar em conta o contexto em que ela surgiu como um atributo do jornalismo e destacar que não se pretendeu, ao evidenciá-la naquele momento, negar a subjetividade. Nelson Traquina, pesquisador português, fala no seu livro *Teorias do jornalismo* (Editora Insular, 2005) que a objetividade surgiu no fim do século 19 como um antídoto para os males que o jornalismo sofria, como perda de credibilidade. Assim, a objetividade se constituiu como uma série de procedimentos capazes de assegurar o exercício do jornalismo com credibilidade”. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=401IMQ003>> Acesso em 13 de maio de 2010

Tudo é examinado por um ângulo subjetivo; o cronista pode inventar personagens, dando ao seu relato um toque ficcional. Os acontecimentos narrados são extremamente rápidos, e para criar um ambiente mais familiar para o leitor o cronista tende a trazer a oralidade para dentro da escrita.

Ao jornalista cabe o compromisso com a verdade, cuja função é informar ao leitor de forma clara e isenta, cabendo a ele registrar os acontecimentos com exatidão. Ao contrário do escritor, cujos objetivos, principalmente, aqueles referentes à ordem estética do seu texto, são ambíguos, bem como o leitor tem grande participação na decodificação da sua linguagem. O discurso jornalístico tem como principais elementos a imparcialidade, a precisão e o imediatismo, bem diferente do discurso literário. Exemplo disso é o fato de a crônica, um escrito perene e datado, somente permanecer na forma de livros, em geral, coletâneas.

É interessante destacar aqui a intenção polêmica de Nelson Rodrigues no que diz respeito ao enfrentamento do consenso, representado, em especial, pela expressão cunhada pelo próprio: “toda unanimidade é burra”.

Luís Augusto Fischer, no seu livro *Inteligência com Dor*, cita uma série de enfrentamentos que Nelson Rodrigues teve contra essa tal de “unanimidade”, de enfrentar o consenso: D. Hélder, Alceu Amoroso Lima e toda a esquerda católica ou, ainda, quando enfrentou a opinião média brasileira que era contra ditadura militar, bem como quando se manifestou contrário à performance de Caetano Veloso ao cantar *É Proibido Proibir*. Fischer vai além e traz ao terreno uma série de perguntas acerca desse “comportamento” de Nelson.

Para Luís Augusto Fischer, Nelson Rodrigues não é apenas um paradoxo, mas vários paradoxos que estão todos relacionados em um jogo de oposições.

Por um lado, o Nelson ensaísta ridiculariza a figura do idiota, como vimos fartamente, embora não se furte ao uso da linguagem popular e, mais ainda, embora seja um exemplo alto de aproximação da língua portuguesa culta em direção à língua cotidiana; por outro, o Nelson narrador e dramaturgo se vale de figuras e temas suburbanos, idiotas segundo seu próprio conceito, enxergando nelas e neles, porém, vida humana em dimensão superior, dramática e mesmo trágica; por outro ainda, o Nelson homem se criou lendo a mesma literatura trivial que liam os idiotas seus pares históricos. Seu meio de trabalho é o veículo de leitura do idiota e seu trabalho consiste em proporcionar leitura para ele, mas suas baterias críticas se voltam contra ele; adorava futebol mas o considerava segundo a existência de gênios, Garrincha e Tostão e Pelé, por exemplo. Admirava o líder, o Grande Homem, mas jamais livrou a cara de Stálin e de Mao, muito embora tivesse certeza de que o verdadeiro líder é um canalha. Aliás, considerou toda a prática de esquerda no século, especialmente a Revolução Soviética, como um gigantesco monumento de fezes, mas não ousou uma

palavra contra a ditadura de Getúlio ou contra aquela que presenciava ao vivo, a mesma que torturou seu filho. Escrevia contos e crônicas para deleite da massa mas considerava a opinião pública uma débil mental de babar na gravata (FISCHER, 2010, p.139-140).

Após Mário Filho ter revolucionado o jornalismo esportivo na década de 1940, foi com Nelson Rodrigues, na também revolucionária *Manchete Esportiva*, na segunda metade da década de 1950, que a crônica esportiva se consolidou, da mesma forma que se estabeleceu como um espaço nobre da redação jornalística. Podemos dizer que Mário Filho está para Arthur Friedenreich no futebol, como Nelson Rodrigues está para Pelé. Todos foram craques. Os primeiros foram os pioneiros na crônica esportiva e na bola. Os segundos fizeram mágicas, alcançaram patamares inimagináveis, para muitos, sobre-humanos e incapazes de serem repetidos.

6. PRORROGAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS – DA CRÔNICA SOBRE O FUTEBOL AO COLONISMO ESPORTIVO OU DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL E DO CRONISTA

A crônica esportiva contemporânea perdeu o caráter literário – claro que ainda temos exceções, como alguns textos de Ruy Carlos Ostermann, do Luís Fernando Veríssimo, do José Roberto Torero, do Tostão –,¹⁰⁰ restringindo-se apenas a discussões, análises e, principalmente, palpites sobre tudo que cerca o futebol – pode ser a escalação de um time, uma formação tática, uma contratação ou um simples comentário de uma partida, por exemplo.

Escudada pela isenção e pela ausência de passionalidade, como ela gosta de propagar, a crônica esportiva contemporânea ficou restrita a esse discurso especializado, que coloca o carimbo de aprovado, ou não, naquilo que está sendo assuntado.

Inclusive o nome de crônica esportiva parece estar, aos poucos, apagando-se. Prefere-se falar de jornalista esportivo, algo que fica mais próximo da isenção e da realidade dos fatos. O termo cronista parece ter os seus dias contados, cedendo lugar ao colunista, já que o próprio espaço onde a “crônica” é diagramada, ao contrário da diagramação do antigo folhetim – no rodapé da página, ocupando todas as colunas –, é no formato de colunas.

Atualmente, preza-se a informação e a verdade dos fatos. Nada mais de partidas épicas, dribles mágicos ou gols de placa contados por meio de hipérboles ou ironias. Os textos são sintéticos, objetivos, um tanto assemelhado ao futebol atualmente praticado nas canchas, nada de descrições maravilhadas ou extasiadas como outrora.

O cronista esportivo de hoje está mais para um crítico de literatura, de cinema ou de teatro. Baseia-se no seu conhecimento especializado e que é validado pelo espaço que ele tem no jornal, alheio a paixões clubísticas, visto que tal amor, segundo eles próprios escrevem, cega aquele torcedor que faz o discurso. É o que escreveu, por exemplo, Wianey Carlet:

¹⁰⁰ Pode-se dizer que, atualmente, os *blogs* têm, de alguma forma, suprido, digamos assim, a ausência de crônicas esportivas mais literárias, com textos repletos de ironia, humor, figuras de linguagem, etc.. É o que podemos encontrar, por exemplo, nos textos do *blogs* Impedimento (<http://impedimento.wordpress.com>), Yougol (<http://yougol.wordpress.com>) e Ilusionando (<http://ilusionando.net>).

A paixão distorce, cega e deixa o sujeito muito menos inteligente do que seria. Sempre. Contem, apaixonados e fanáticos, com a minha compreensão. Sei que discordarão do que escrevi. É sempre assim.¹⁰¹

A verdade que o cronista esportivo contemporâneo tanto preza não é a verdade que o torcedor, muitas vezes procura, já que o seu texto é fruto de impressões pessoais, expressando a sua opinião enquanto indivíduo. Tais opiniões, muitas vezes, se fossem proferidas pelo torcedor comum da arquibancada não teriam validade, sendo este rotulado de cego (de amor pelo seu time), de exagerado, de não entender de futebol. Ao contrário do cronista, um estudioso e bom entendedor do assunto, além de impermeável a opiniões externas e não comprometido com esta ou aquela cor.

A crônica esportiva produzida por José Lins do Rego ou por Nelson Rodrigues é artigo raro no mercado, ainda mais quando, recentemente, tivemos o falecimento de Armando Nogueira, quem sabe o último grande nome desse tipo de crônica, o homem que cunhou, assim como Nelson Rodrigues, grandes frases, como “Pelé é tão perfeito que se não tivesse nascido gente, teria nascido bola” ou “para Mané Garrincha, o espaço de um pequeno guardanapo era um enorme latifúndio”.

Claro que ainda podemos contar com um ou outro cronista mais talentoso. É o caso de Luís Fernando Veríssimo, que, eventualmente, escreve sobre um jogo de bola. Foi o que aconteceu, por exemplo, durante a Copa do Mundo de 1994,¹⁰² cujas crônicas renderam o livro *América*. Luís Fernando Veríssimo, a partir da sua observação do modo americano de viver fala do futebol, como é o caso de uma crônica em que ele mostra a perplexidade do brasileiro em relação ao futebol da seleção de Carlos Alberto Parreira (“o gol é um detalhe do futebol”), representado na figura do capitão daquela seleção, Dunga.

De certa maneira, o problema do Dunga é o mesmo do Parreira. Nenhum dos dois tem a cara que o papel exige. Cyrano de Bergerac era um herói com cara de palhaço, sua amada preferia um palhaço com cara de herói. Parreira é um moço inteligente e articulado com cara de sonso. Quando diz alguma coisa surpreendente, as pessoas logo olham atrás, procurando um ventríloquo, porque a expectativa é o óbvio (...) Dunga não consegue convencer seus críticos. Por mais que faça, a mocinha não vê suas qualidades (...) Quando mata uma bola, Dunga sempre dá a impressão de que está matando seu antecedente direto, o boi (...) Ele pode muito bem ser o

¹⁰¹ Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/wianeycarlet/2009/04/30/a-paixao-distorce-causa-cegueira-e-emburrece/?topo=77,1,1>> Acesso em 12 de abril de 2010.

¹⁰² As crônicas de Veríssimo eram publicadas nos jornais *Zero Hora*, *O Estado de São Paulo* e *Jornal do Brasil*.

jogador do Brasil que levantará a taça para as câmeras da posteridade, depois da final. Aí a mocinha aplaudirá quem estiver ao lado.¹⁰³

Assim como o jornalismo e o futebol, com o passar dos anos, mudaram, a crônica esportiva também seguiu esse caminho. Deixou para trás um tempo romântico, recheado de dribles celestiais, gols mágicos e jogadores que se assemelhavam a deuses para estar comprometido com a verdade. Os exageros da imaginação ou da ficção perderam o espaço, da mesma forma que o talento de escritores, cedeu espaço ao burocrata da análise tática, do palpiteiro de resultado.

Tal como fez Nelson Rodrigues, o futebol como esporte pode ser visto como um campo de reflexão acerca da condição de brasilidade. Podemos, por exemplo, discutir a identidade nacional, o mito da mestiçagem brasileira, a democracia e a integração nacional, por exemplo. Talvez seja por isso que o futebol desperte amor, ódio e nenhum meio-termo – apenas “vira-casacas”, como foi o caso, comentando anteriormente, de Monteiro Lobato.

Nenhum outro esporte no Brasil conseguiu escalar no seu time tantos escritores, poetas e “intelectuais”. João do Rio, Lima Barreto, o já referido Monteiro Lobato, Graciliano Ramos – o “falso-profeta” –, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues, todos citados até aqui, além de Mário e Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, João Saldanha, Décio de Almeida Prado, José Lins do Rego, Armando Nogueira, Jô Soares, Luís Fernando Veríssimo e Chico Buarque, todos lembrados de “bate-pronto”, tal e qual uma folha-seca de Didi. Vale considerar, que todos eles acompanharam a consolidação do futebol, desde os primeiros chutes na bola até chegarmos ao futebol moderno, que se aproxima de uma grande negócio.

A mestiçagem, por exemplo, sempre é utilizada para justificar a diferença do jeito de jogar futebol do brasileiro perante o estrangeiro, sempre relacionada à capoeira e ao samba, frutos, também, dessa mistura das raças que envolveu a nossa colonização. Gilberto Freyre foi quem mais insistiu nessa questão, escrevendo uma série de textos sobre o assunto.

O mesmo estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual (...) Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o

¹⁰³ Disponível em: <http://literal.terra.com.br/verissimo/futebol/ascopas/ascopas_eua_dunga.shtml>
Acesso em 12 de abril de 2010.

estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (FREYRE, 1942, p.421-422).

No prefácio do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho, Gilberto Freyre (In. FILHO, 2003) constata, já em 1947, que o futebol seria uma instituição nacional, sendo aceita, inclusive, pelo governo, pela Igreja e, principalmente, referendada e divulgada pela imprensa. Para o intelectual pernambucano, o futebol era uma forma de o brasileiro “descontar” os seus impulsos irracionais – lembremos, por exemplo, do torcedor que desfere uma série de xingamentos quando está na arquibancada ou aquele “homem cordial”¹⁰⁴ que se transforma defronte ao aparelho de televisão –, deixando a malandragem, o samba e, em especial, a capoeira tornarem-se coisas mais brandas.

Assim, a mestiçagem, visto como negação da identidade brasileira no início do século XX, passou a ser algo positivo, que nos diferenciava dos demais países, não só pela cor da pele dos nossos jogadores, mas também, e principalmente, pela forma de tratarem a pelota, simbolizados por atletas como Leônidas, Didi, Pelé, Garrincha e até mesmo, Arthur Friedenreich, que, apesar do nome, era mulato e só pôde jogar nos grandes clubes por ser descendente de alemães.¹⁰⁵

Realmente os pretos do futebol procuraram, à medida que ascendiam, ser menos pretos. Esquecendo-se de não se lembrar, mesmo em alguns casos, que eram pretos. Mandando esticar os cabelos, fazendo operações plásticas, fugindo da cor. Daí a importância de Pelé, o Rei do Futebol, que faz questão de ser preto. Não para afrontar ninguém, mas para exaltar a mãe, o pai, a avó, o tio, a família pobre de pretos que o preparou para a glória. Nenhum preto, no mundo, tem contribuído mais para varrer barreiras raciais do que Pelé. Tornou-se o maior ídolo do esporte mais popular da Terra. Quem bate palmas para ele, bate palmas para um preto. Por isso Pelé não mandou esticar os cabelos: é preto como o pai, como a mãe, como a avó, como o tio, como os irmãos. Para exaltá-los, exalta o preto. Por isso é mais do que um preto: é ‘o Preto’. Os outros pretos do futebol brasileiro reconhecem-no: para eles Pelé é ‘o Crioulo’ (FILHO, 2003, p.17)

¹⁰⁴ Conceito cunhado por Sérgio Buarque de Hollanda. “Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal” (HOLLANDA, S. B. de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.160).

¹⁰⁵ Friedenreich, por exemplo, chegava a se atrasar para os jogos, além de se esconder no vestiário para alisar e prender os seus cabelos.

Foi o sucesso alcançado por tais jogadores, cujos títulos conquistados e, principalmente, as mágicas realizadas com a bola nos pés que fazem do Brasil sinônimo de futebol, tal como Estados Unidos é sinônimo de basquete. Hoje, por exemplo, não nos damos conta de que jogadores como Paulo César Caju, e sua cabeleira *black power*, e Ronaldinho Gaúcho, com suas trancinhas rastafári, vestiram a “amarelinha”, ambos, por exemplo, levando consigo, de forma bastante evidente, marcas da negritude. Assim, o futebol desempenhou uma importante função social, colaborando para a superação de desigualdades raciais, muito acentuadas, no caso do futebol, até o início da década de 1920.¹⁰⁶

Já que foi abordada a questão de desigualdade racial, quando negros e mestiços eram preteridos a brancos, ingleses e alemães, cabe destacar o fato, já citado anteriormente, de o futebol também ter contribuído para a democracia do país, sendo, conforme escreveu DaMatta (1994), o nosso primeiro professor de democracia. Esse mito – ou crença – se dá pelo fato de o futebol, assim como todo o esporte, possuir uma série de regras – válida para todos os participantes –, bem como não produzir grandes traumas apesar de possuir, no apito final do juiz, vencedores e vencidos. Além disso, o futebol propiciou, ainda, a ascensão social de negros e mulatos. Para isso, basta escutarmos as histórias de vida de Cafus, Denílsons e outros tantos jogadores saídos da vulnerabilidade para as ruas de Milão e Sevilha, histórias estas muito exploradas pelas televisões e jornais e que estão nos sonhos dos milhares de garotos que participam das inúmeras peneiras Brasil afora.

¹⁰⁶ Há relatos de que os negros já participavam de torneios desde 1906; porém, as tensões raciais sempre existiram até o início da década de 1920, cuja amenização se deu a partir do Vasco da Gama, em 1923, ao aceitar abertamente jogadores negros. Antônio Risério cita o livro *A Cultura e o Jeito Brasileiro de Jogar*, organizado por Jair de Souza, Lúcia Rito e Sérgio Sá Leitão, para explicar melhor sobre tal questão: "A queda da Bastilha do futebol brasileiro ocorreu em 1923, quando comerciantes portugueses, preocupados em promover o Vasco da Gama ao estrelato, sustentaram, na primeira divisão do Rio de Janeiro, um time formado por negros e brancos pobres. Eles não foram selecionados por conta dos vastos bigodes, das roupas meticulosamente engomadas e dos sobrenomes anglo-saxões e germânicos, até porque não tinham nada disso. As marcas registradas daqueles pé-rapados eram a habilidade e o improviso. Para asco e surpresa dos rivais, foram campeões cariocas. Assim, o jogo aristocrático transformou-se, aos poucos, em fenômeno popular, percorrendo o caminho que conduz da casa-grande à senzala. Os excluídos reconheceram os craques vascaínos como ídolos. Perceberam que as regras eram fáceis e que qualquer lugar e qualquer bola serviam. Viram naquele esporte um lazer barato e um meio de driblar o apartheid social. Ao dribbling game de Charles Miller, somaram a ginga e a malandragem. E o Brasil tornou-se não apenas o país do futebol, mas o país do futebol-arte" (SOUZA; RITO & LEITÃO In RISÉRIO, 2003, s/p).

Da mesma forma que a imprensa, atualmente, aborda o assunto futebol à exaustão, muitas vezes requeitando pautas, o jornal foi o veículo que teve grande importância na solidificação e na expansão do balípedo na *terra brasilis*.

Em um primeiro momento, em especial naqueles anos que antecederam a profissionalização do futebol, os jornais apenas se preocupavam em noticiar acerca dos serviços da partida: o local, o horário e os *teams* envolvidos no *match*, assemelhando-se, um tanto, com o colunismo social, o que não era de se estranhar, visto que, depois das partidas, normalmente ocorriam jantares oferecidos pelos clubes ou até mesmo pagos pelos vencedores, mostrando o cavalheirismo ainda vigente em torno do esporte.¹⁰⁷

Passado esse primeiro momento, cujo futebol era visto como um evento social – com direito a “programmas” impressos, tal como o teatro ou o cinema, por exemplo, os jornais, percebendo o novo mercado, começaram a dedicar mais páginas ao esporte. Primeiro, pequenas notas, que mais tarde se transformaram em algumas páginas, até se constituírem no grande mercado que temos hoje, quando temos folhas especializadas e cadernos especiais. Esse *boom* se deu pelo fato de o esporte ter arrebatado um sem número de admiradores, que acompanhavam não só seus *teams*, mas, principalmente, a seleção brasileira, em especial após a conquista do Sul-Americano de 1919, que colocou o Brasil no cenário mundial do futebol.

Como nem todos tinham condições de pagar um bilhete para assistir aos jogos, restava acompanhar as peleias pelo rádio ou, então, lendo aquilo que o cronista esportivo tinha escrito. Como exemplo, segue o relato da partida decisiva do Campeonato Sul-Americano feito pelo jornal *A Noite*, de 29 de maio de 1919:

A concorrência, se não era colossal como a de domingo, era seletíssima, notadamente pelo número de senhoras. A animação, extraordinária desde 11 horas, tornou-se como poucas vezes tem acontecido ao aproximar-se a hora do jogo. Um alarido unânime atroava e nos morros vizinhos a multidão agitava bandeiras nacionais, por entre vivas. (...) O jogo de hoje era já de desempate e, assim, de graves responsabilidades para ambos os teams. (...) Brasileiros: Marcos, Pindaro e Bianco, Sergio, Amilcar e Fortes, Millon, Néco, Friedenreich, Heitor e Arnaldo. (...) 1º Half Time: Brasileiros 0 goal Uruguaios 0 goal – 2º Half Time: Brasileiros 0 goal Uruguaios 0 goal - Nova Prorrogação: 1º goal brasileiro Hurrah! Friedenreich! Hurrah - Brasil!

Não havendo resultado nos trinta minutos de prorrogação foi pelo juiz ordenado a segunda prorrogação. A saída foi dos uruguaios e os brasileiros atacam, obrigando os adversários a um corner. Pouco depois Arnaldo é dado como off-side, mas os brasileiros não desanimam. Néco

¹⁰⁷ Após o primeiro embate entre Grêmio F. B. P. A. e S. C. Internacional da história, no longínquo 18 de julho de 1910, vencedores e vencidos se dirigiram ao Clube Alemão de Tiro para um grande baile. Reza a lenda que os jogadores colorados fizeram questão de pagar o jantar.

corre pela direita, centra, sendo a bola recebida de cabeça por Heitor, que a passa a Friedenreich. Este, com um shoot de meia altura, ao meio do poste, marca o 1º goal brasileiro. Hurrah! Friedenreich! Hurrah - Brasil! (...) Final: Brasileiros 1 goal Uruguaios 0 goal - Com este resultado foram os brasileiros aclamados campeões da América do Sul (COELHO, 2004, p.14).

O relato aborda, em um primeiro momento, a animação dos torcedores, chamando a atenção ao grande número de mulheres presentes no evento. A seguir, chama a atenção para a importância do *match*, bem como traz a escalação do escrete brasileiro, para, por fim, “contar” sobre a partida, além de descrever o gol brasileiro. Chamo a atenção para a vibração contida no texto no momento em que Arthur Friedenreich marca o gol do título – “Hurrah! Friedenreich! Hurrah - Brasil!”.

Destaco, também, o fato de que existiam, já em 1919, os “entendidos” sobre o tema, como podemos ler na crônica do jornal *O Imparcial*, de 30 de maio de 1919.

Pela primeira vez tivemos em nosso continente um embate travado com um ardor inacreditável por parte dos combatentes e que findou do modo mais honroso e nobre para nós brasileiros. (...) Os brasileiros depois de uma peleja renhíidissima, como até então não se realizara, abateram, ontem pelo score de 1X0 o formidável scratch uruguaio, que na opinião unânime dos entendidos representava o expoente máximo do football oriental (op. cit., p.14).

De todos os intelectuais e escritores que escreveram sobre o futebol, José Lins do Rego foi o pioneiro a escrever sobre o assunto com certa regularidade. A leitura das suas crônicas toca em três pontos interessantes. O primeiro, seria a questão da identidade nacional, tema recorrente não apenas nos seus textos, mas que será uma questão muito debatida por Nelson Rodrigues, o quão o futebol marca a questão da nacionalidade brasileira, o quanto ele nos diferencia do outro. Na crônica intitulada *O Brasil Era o Flamengo*,¹⁰⁸ ele escreve:

Chego da Suécia convencido de que o futebol é hoje produto tão valioso quanto o café, para as nossas exportações. Vi o nome do Brasil aclamado em cidades longínquas do norte, vi em Paris aplausos a brasileiros com o mais vivo entusiasmo. Disse-me o meu querido Ouro Preto: “Só Santos Dumont foi tão falado pela imprensa dessa terra, sempre distante a tudo que não é europeu, como os rapazes do Flamengo”.

Este fato, os milhares de franceses permaneceram no estádio, mesmo com o término da partida, aplaudindo os nossos rapazes, queriam demonstrar uma quente admiração por essa turma de atletas que tinha feito uma exibição primorosa. E a nossa bandeira tremulava no mastro do estádio, naquela noite esplêndida de primavera. O futebol brasileiro deu aos mil brasileiros que ali estavam a sensação de que éramos os primeiros do

¹⁰⁸ Crônica publicada, em 26 de junho de 1951, no *Jornal dos Sports*.

modo. Para mim, mas ainda, porque ali estava o meu Flamengo de todos os tempos (REGO, 2002, p.129).¹⁰⁹

Os outros pontos a serem destacados são o fato de José Lins, por meio de uma linguagem simples, “falar” a língua do povo, e a quantidade de leitores e a força da crônica esportiva – maior que a literatura e a política –, conforme ele próprio reconheceu após receber uma série de críticas e vaias – “A um escritor muito vale o aplauso, a crítica de elogios, mas a vaia, com a gritaria, as ‘laranjas’, aos palavrões, deu-me a sensação da notoriedade verdadeira” (op. cit., p.27).

Com Mário Filho e, posteriormente, Nelson Rodrigues, a crônica esportiva tomou novos rumos. Deixou de ser apenas um mero relato ou cobertura da partida para ganhar a ginga da literatura. Perde-se a verdade dos fatos, ganha-se em humanidade.

Foi nas crônicas de Mário Filho, também, que os estrangeirismos, que faziam com que o futebol ainda fosse associado com o esporte importado da Inglaterra no final do século XIX, foram deixados de lado, bem como os clubes passaram a ganhar epítetos ou, simplesmente, não fossem chamados pelo, digamos assim, “seu nome completo”. *Matches, players, scratch, corners e goals* dão lugar a partidas, jogadores, escrete – ou time, equipe – escanteios e gols, sem falar nas posições, *goalkeeper, forward, central back, miedfielder, etc.*

Com toda a liberdade que a literatura oferece e aproveitando bem o espaço da crônica no jornal, os irmãos Mário e Nelson deram uma nova roupagem à crônica esportiva, misturando a ficção com a realidade, acrescentando a metáfora e a dramaticidade aos acontecimentos, facilitando a criação dos mitos e a repercussão dos fatos positivos e negativos.

A miopia de Nelson Rodrigues tirava-lhe a possibilidade de enxergar qualquer coisa em jogo de futebol, ainda mais em estádio grande como o Maracanã. E daí? Romance era com ele mesmo. Crônicas recheada de drama e de poesia enriqueciam as páginas dos jornais em Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam. Até jogo violento, como Bangu e Flamengo, que decidiu o Campeonato Carioca de 1966 – a partida não completou o tempo regulamentar porque o jogador Almir, do Flamengo, armou grande confusão – era por eles tratado com rara dramaticidade. Essas

¹⁰⁹ Conforme nota de Marcos de Castro, para a coletânea de crônicas *Flamengo É Puro Amor*, “o jogo que tanto encantou Zé Lins foi no dia 13 de junho de 1951, em Paris, mas ele só escreveu sobre o assunto muito tempo depois, ao chegar ao Brasil de volta da excursão rubro-negra que chefiara. O Flamengo tinha excursionado pela Suécia, também com absoluto sucesso, mas na volta tinha de passar por Paris para voltar ao Brasil, e acertou um jogo contra o Racing Club. Resultado, Flamengo 5 x 1. O ‘meu querido Ouro Preto’ a que se refere Zé Lins era o embaixador do Brasil em Paris, na ocasião, Carlos Celso de Ouro Preto, que não voltaria ao Brasil. Morreu na embaixada, lembra-me o embaixador Afonso Arinos de Melo Franco, filho” (REGO, 2002, p.196).

crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver o seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses (COELHO, 2004, p.17).

Da mesma forma que Garrincha buscava o drible para a posteridade, o cronista buscava a frase de efeito, um discurso que tivesse permanência para além da efemeridade do dia em que a crônica era lida. A título de exemplo, é o caso da já citada frase de Armando Nogueira, “para Mané Garrincha, o espaço de um pequeno guardanapo era um enorme latifúndio”. Temos uma relação metafórica que mostra a capacidade de Mané driblar os Joãos que cruzavam o seu caminho na ponta direita. Se um guardanapo era um latifúndio, o que dizer da capacidade de Garrincha nos gramados do Maracanã, do Nacional de Santiago ou do Rassunda. Mané torna-se, assim, o rei do drible, o anjo das pernas tortas.

Nelson Rodrigues foi o responsável por consolidar aquilo que o seu irmão Mário Filho havia lançado. A sua crônica deu total liberdade para que Armando Nogueira, Carlos Drummond de Andrade e Luís Fernando Veríssimo, por exemplo, produzissem os seus textos. Enquanto Armando Nogueira era um especialista nesse *métier*, Carlos Drummond de Andrade e Luís Fernando Veríssimo, esporadicamente, dedicaram suas crônicas ao futebol – geralmente em anos de Copa do Mundo. Contudo, os três levando a crônica esportiva, a partir dos seus respectivos discursos, para os lados da literatura.

O tempo e os acontecimentos fizeram com que o futebol se tornasse um grande negócio, que envolve grandes somas de dinheiro, tornando-se mais um segmento do mercado capital. No entanto, com um diferencial, ao futebol se agrega a paixão, a passionalidade do torcedor.

Cabe destacar aqui, a cisão entre a prática do esporte e o espetáculo, bem como a quebra entre as esferas do atleta profissional, que deve se submeter a uma ascese esportiva, do torcedor, convertido, muitas vezes, em espectador, além, é claro da estrutura profissional que se criou em torno do futebol – altas remunerações, ações de *marketing*, patrocínios, etc. Essa cisão, segundo Theodor Adorno, fez com o que o esporte se dividisse em dois grupos, um voltado para o alto rendimento, para as competições, para as conquistas de títulos, outro seguindo a linha da brincadeira, da diversão, é a “pelada” jogada nos finais de semana.

Dessa forma, o jornalismo se especializou no assunto, talvez vinculado, também, a uma nova divisão do trabalho dentro desse segmento. As redações passaram a ter a

editoria de esportes, tendo os seus especialistas, que devem dominar o vocabulário técnico, além de conhecer os principais agentes dessa área.

O jornalismo esportivo passa a ter certo distanciamento crítico, separando – ou evitando! – aquele apego às cores clubísticas na hora da avaliação, correndo o risco da parcialidade. É positivo considerar essa distância em relação à emoção, o que poderia dar uma perspectiva crítica em relação ao mundo do futebol, mas parece acontecer o contrário, já que o jornalista esportivo, muitas vezes, não tem a dimensão do lugar que o futebol ocupa dentro da sociedade, quando fica fechado na sua sala, escravo apenas da *informação diária*.

Acontece, portanto, que a crônica esportiva se moderniza, tornando-se um colunismo à moda europeia, que deixa de lado a “malemolência” da literatura e passa a moralizar sobre a necessidade de superar a paixão e o vínculo pessoal com a matéria real do futebol, desautorizando, dessa forma, o discurso passionai do torcedor ou do indivíduo não especializado. Assim, à crônica fica reservado o espaço da subjetividade, da opinião assinada, assumida por alguém autorizado a dá-la e com respeitabilidade de ser lido e considerado. Perdemos a dimensão estética para ganharmos dimensão jornalística. Julga-se o cronista por sua qualidade técnica, por sua capacidade de análise, por sua perspicácia, forçando o debate, pela ética jornalística do compromisso com a verdade, se é que existe uma.

É possível dizer que existe uma trajetória da relação entre o futebol e a crônica. O futebol se impõe como tema relevante, já que ele pode ser encarado como um fato jornalístico, como matéria do cotidiano a ser tratada pelo cronista. Nesse sentido, entramos na dimensão estética, na descoberta de uma dimensão humana que leva o futebol para além da simples prática esportiva.

Podemos traçar, sucintamente, um paralelo entre o futebol e a crônica. Ambos foram abraileirados através da ginga e da conversa informal. O futebol foi influenciado pela capoeira, pela ginga do negro, enquanto a crônica incorporou a oralidade e a trivialidade do cotidiano. Incorporando esse cotidiano, a crônica, conseqüentemente, trouxe para si o futebol, o torna matéria literária, trata dele e identifica-se nele, projetando-lhe uma identidade nacional. No entanto, essa crônica tornou-se especializada, assim como o futebol também se especializou e profissionalizou-se, tornando-se uma parte da indústria do entretenimento, passando a ser medido pela lógica da mercadoria, da mesma forma que a crônica deixou de ser literária e passou à coluna especializada.

Deve-se acrescentar, enfim, que a crônica não é filha da prática do futebol. Desde o século XIX, ela ocupa um espaço no jornal. Nesse lugar, o cronista deve estar atento ao cotidiano (pequeno ou grande) para traduzir em palavras suas impressões, seus comentários. Não se exige rigor conceitual ou análise acabada, mas uma subjetividade que comenta as marcas humanas do cotidiano. Fosse por serem escritores, em sua maioria, fosse para marcar a diferença de outros textos jornalísticos, fosse por ambas as causas, a crônica se consolidou na brevidade e no tom coloquial pelo uso de várias marcas literárias (da frase de feito às estruturas narrativas do conto, passando pelos tons lírico, irônico, épico, patético, etc.). *O futebol entra nesse universo de interesses do cronista*. Os escritores se voltaram para ele. Ele escreve para os torcedores, escreve para o público que vai ao estádio. Note-se que essa construção reúne uma pequena multidão de 3 mil pessoas a uma massa de 60 ou 70 mil pessoas. Estamos lidando, assim, com o espetáculo.

Esse crescente interesse, mesmo com Nelson Rodrigues – um cronista especializado –, tinha como correspondência o olhar literário, a capacidade de encontrar um sentido para além do entretenimento imediato. No entanto, em algum momento da história dessa relação entre crônica e futebol, o cronista vai deixando de sê-lo, abandona a literatura e a paixão para assumir ares de profissional – um profissional que estuda o futebol! Não é mais preciso legitimar o interesse pelo futebol, revestindo-o de literatura; ele se afirma como autoevidência.

Por fim, a trajetória da crônica esportiva escrita ao longo do século XX transformou-se em um simplório colunismo social – sem ficção, quase sem humanidade –, em que se preserva a subjetividade, mas que deixa de ser literário para ser apenas opinião – diagnóstico, argumentação, análise fria e objetiva, ausência de passionalidade – de especialista. As linhas do campo fecham-se sobre si mesmas. A paixão é tão intensa que o espectador não se pergunta mais sobre o lugar do futebol em sua vida. O negócio é tão grande, que somente profissionais são competitivos dentro e fora de campo, a divisão do trabalho foi tão longe que a ficção e a literatura perderam lugar na página do jornal.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. In: _____. *Educação e emancipação* (Org. MAAR, Wolfgang Leo). Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANTUNES, Fatima Martins Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ARRIGUCCI JR. Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Org. Beatriz Rezende. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BRAYNER, Sonia. Metamorfoses machadianas: o laboratório ficcional. In. BOSI, Alfredo. *Antologia e estudos: Machado de Assis*. São Paulo: Editora Ática, 1982.

BRIGGS, Asa. & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2002.

CANDIDO, Antonio. A. Dialética da malandragem: caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n.8, p.67-89, 1970.

_____. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1992.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CAPRARO, José Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Curitiba, 2007. 374f.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DaMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP* – dossiê futebol. São Paulo, n.22, p.10-17, 1994.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2003. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=19222> Acesso em 20 de novembro de 2009.

FILHO, Mario Rodrigues. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FISCHER, Luí. Augusto. Crônica dos vinte anos: estudo sobre as crônicas de Machado de Assis editadas em 1859. *Nonada: letras em revista*. Porto Alegre, ano 2, n.2, p. 159-183, jan./jul., 1999.

_____. *Inteligência com dor*: Nelson Rodrigues ensaísta. Porto Alegre: Arquipélago, 2009.

FORECHI, Marcilene. *A invenção da realidade*. Disponível em:

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=401IMQ003>> Acesso em 13 de maio de 2010.

FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

_____. Futebol brasileiro e dança. In: FREYRE, Gilberto. *Seleção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

GLEDSON, John. *Bons dias!* – crônicas (1888-1889). São Paulo: Editora HUCITEC/UNICAMP, 1990.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1982.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura. Rio de Janeiro, 2003. 218f.

JÚNIOR, Franco Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.25, n.1, p.159-171, set. 2003.

MACHADO NETO, Antonio Luiz. *Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930*. São Paulo: Edusp, 1973.

- MASSA, Jean-Michel. *Juventude de Machado de Assis: 1839-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MENDONÇA, Alberto B. *História do sport náutico no Brasil*. Rio de Janeiro: s/ed, 1909.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- NETO, José M. dos S. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- NETO, Lira. *O inimigo do rei*. Rio de Janeiro: Globo, 2006.
- PEDROSA, Mário. *O olho na bola*. Rio de Janeiro: Editora Gól, 1968.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- PEREIRA, Milena da Silva. A polêmica no final do oitocentos brasileiro. In. *Histórica*: revista on-line do arquivo público de São Paulo, n.20, março de 2007. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao20/materia01/>> Acesso em 29 de dezembro de 2009.
- PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do fútil e do útil*. Salvador: Calandra, 2004.
- RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. São Paulo: Martins, 1962.
- REGO, José Luís. do. *Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- RICALDE, Douglas Neves. *A crônica esportiva de Nelson Rodrigues*. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras; Porto Alegre, 2007. 62f.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994-1997.
- RISÉRIO, Antônio. *Futebol: barroco mestiço*. Brasília: Ministério da Cultura, 2003. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2003/06/02/futebol-barroco-mestico-por-antonio-riserio>> Acesso em 16 de maio de 2010.
- RODRIGUES, Nelson. Mário Filho, o criador de multidões. In: MARON FILHO, Oscar. & FERREIRA, Renato. (Org.). *Fla-Flu... e as multidões despertaram*. Rio de Janeiro: Europa: 1987.

- _____. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. In. CASTRO, Ruy. (Org.) *Flor de Obsessão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva – 1955-1959*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: USP, 1993.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópole e desatinos. *Revista USP – dossiê futebol*. São Paulo, n.22, p.30-37, 1994.
- _____. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In. NOVAIS, Fernando Antônio. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*: São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*: São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento. In: FAUSTO, Boris. (Org.). *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. São Paulo: Difel, s/d. (História Geral da Civilização Brasileira, tomo 3).
- SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; BARTHOLO, Tiago Lisboa; SALVADOR, Marco S. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. v.7, n.3, p.368-376. Disponível em:
<http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S164505232007000300011&script=sci_arttext> Acesso em 5 de novembro de 2009.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1983.
- SOUZA, Jair de; RITO, Lúcia; LEITÃO, Sérgio Sá. *Futebol-arte: a cultura e o jeito brasileiro de jogar*. São Paulo: SENAC, s/d.
- TROUCHE, André Luiz Gonçalves. Será este, o país do futebol? *Hispanista*, Niterói, v.3, n.10, jun./ago. 2002. Disponível em:
<<http://www.hispanista.com.br/revista/rosto.htm>>. Acesso em 2 maio de 2009.
- VAZ, Alexandre. *Indústria cultural, tecnologia e educação do corpo: reflexões a partir da obra de Theodor W. Adorno*. Disponível em:
<http://www.ced.ufsc.br/nepecs/site_autor.htm> Acesso em 5 janeiro de 2010.

_____. Técnica, esporte, rendimento. In. *Movimento*, v.7, n.14, Porto Alegre, 2001.
Disponível em:
<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewArticle/2610>> Acesso em
5 de janeiro de 2010.

VIANA, Rodrigo. *Crônica de futebol: o drible entre a literatura e o jornalismo*.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e
Letras. Araraquara, 2008. 96f.

VOGEL, Daisi. Nelson Rodrigues em Manchete Esportiva: crônicas alma brasileira. In:
Estudos de jornalismo e mídia, Florianópolis, ano IV, n.2, p.147-156, jul./dez. 2007.